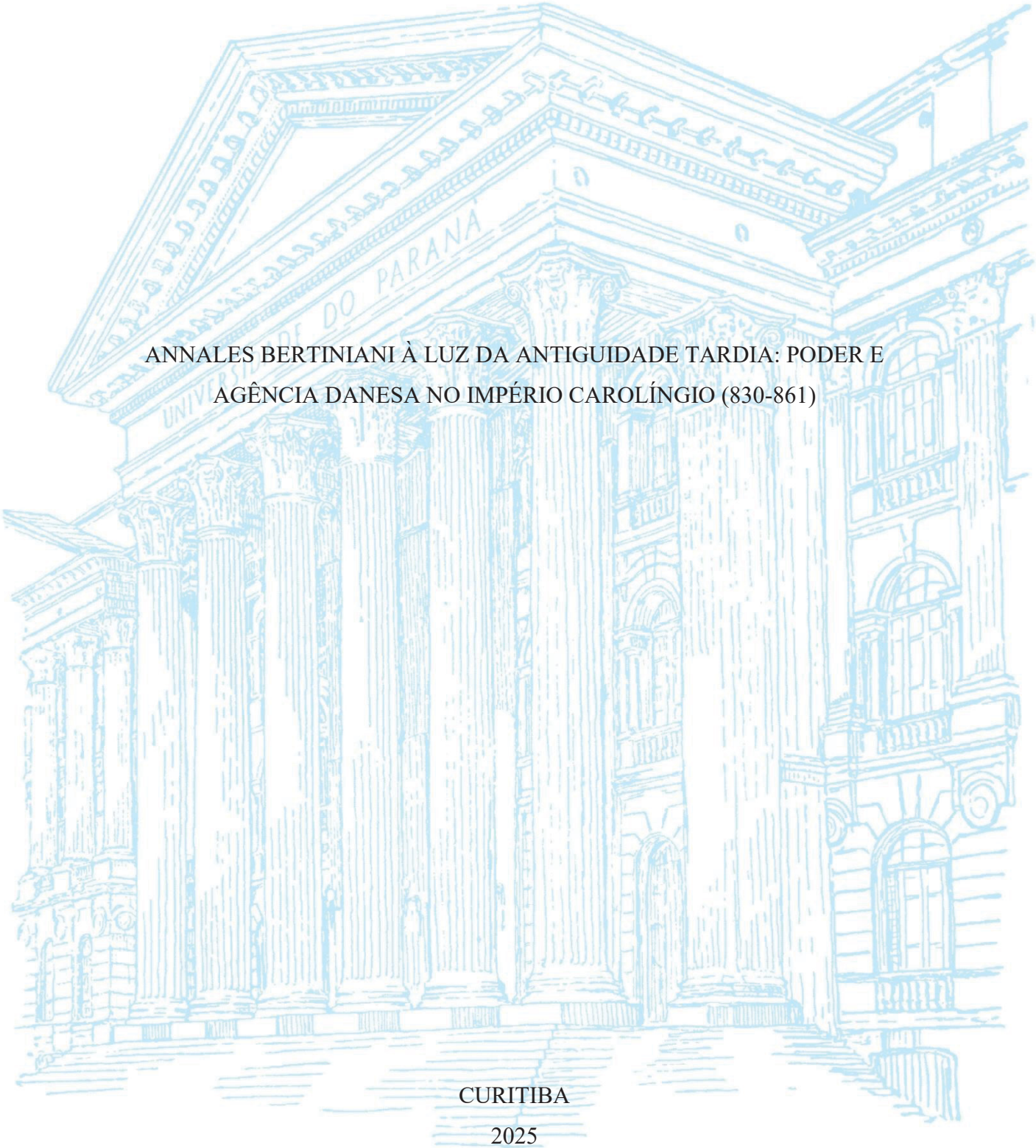
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JHONATHAN WILLIAM HECKLER



ANNALES BERTINIANI À LUZ DA ANTIGUIDADE TARDIA: PODER E AGÊNCIA DANESA NO IMPÉRIO CAROLÍNGIO (830-861)

CURITIBA

2025

JHONATHAN WILLIAM HECKLER

ANNALES BERTINIANI À LUZ DA ANTIGUIDADE TARDIA: PODER E AGÊNCIA DANESA NO IMPÉRIO CAROLÍNGIO (830-861)

Dissertação apresentada como requisito parcial para à obtenção do grau de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências humanas da Universidade Federal do Paraná

Orientador: Dr. Renan Frighetto.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Heckler, Jhonathan William
Annales Bertiniani à luz da Antiguidade Tardia : poder e agência danesa no Império Carolíngio (830-861). /Jhonathan William Heckler. – Curitiba, 2025.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado História.
Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto.

1. Grupos étnicos (Daneses). 2. Tropas mercenárias. 3. Carolíngios. I. Frighetto, Renan, 1963-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JHONATHAN WILLIAM HECKLER**, intitulada: **Annales Bertiniani à luz da Antiguidade Tardia: poder e agência danesa no Império carolíngio (830 - 861).**, sob orientação do Prof. Dr. RENAN FRIGHETTO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 03 de Julho de 2025.

Assinatura Eletrônica
03/07/2025 16:57:16.0
RENAN FRIGHETTO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
03/07/2025 18:08:43.0
ELTON OLIVEIRA SOUZA DE MEDEIROS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
04/07/2025 09:41:03.0
EVERTON GREIN
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 463779
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 463779

A Francisco, tesouro.

AGRADECIMENTOS

Muito feliz em apresentar o resultado de um processo de pesquisa que vem me acompanhando desde 2018 e que começou a ganhar forma ainda em 2019. Desde o novilho trabalho construído na disciplina de IPH ‘’Iniciação à pesquisa histórica’’, ministrada pela professora Naiara, seis anos se passaram. O atual trabalho tem muitos porquês, motivos, agradecimentos e explicações, não nessa ordem. Sobre os agradecimentos: sou contente de forma geral. Apenas agradeço, por tudo e por todos. Sou muito feliz fazendo o que faço, em sala e na pesquisa, por tudo isso, sou muitíssimo grato.

Ganhei muito respaldo e auxílio na sina desvairada de compreender determinados objetos, dessa forma, busco contemplar a todos (as):

Agradeço à Deus, que embora possua vários rostos e formatos, sintética e resumidamente, constitui-se num grande espaço de amor infinito e misericórdia, conhecido pelo acréscimo da função ‘’quântico’’ por alguns, pois que seja. De toda forma, tudo é consciência e energia.

Agradeço a minha mãe, que sempre acreditou mesmo que com espírito contido nos meus sonhos e desejos individuais. Do delírio ao concreto, sempre esteve perto com um coração imenso e belo. Obrigado mãe. Te amo.

Agradeço ao meu pai, forte e perseverante, que embora sempre longe, mas também sempre perto, com espirito expansivo e resoluto, jamais deixou de me incentivar, parcial ou totalmente nas investisses do Jhoe. Obrigado pai. Te amo.

Agradeço à vó Ju, pois, pessoalmente o trabalho que defendo ao longo das páginas a seguir deve-se a ela. O respectivo projeto nasceu durante a pandemia, período no qual voltei a morar com ela. Período árduo, mas de muito contento. Não deixaria de viver nenhum dia dos longos e insanos dois anos. Te amo vó, é nóis, vai Corinthians.

Agradeço à minha família, pois, mesmo que reduzida no contingente, sempre torceu e esperou os momentos de felicidade nos alcançar.

Agradeço aos amigos, os de mais perto e os de mais longe: Gabriel Sauer, Matheus Perbiche, Ricardo, Luis Masiero, Gabriel Kovalchuk, agradeço ainda aos colegas do NEMED que sempre promoveram a boa reflexão e os comentários pertinentes em meio as discussões e descontrações, além dos professores da graduação e da Pós-graduação da UFPR que sempre me atenderam de maneira solícita e amigável.

Obrigado ao André do CEDOPE pela paciência enquanto usava a estrutura do laboratório, assim como a professora Andréa Doré, que também me permitiu participar das suas aulas de Teoria da História e Brasil Colônia junto à graduação.

À minha banca de qualificação, Professor Elton Medeiros e Everton Grein.

Por fim, agradeço aos (a) brilhantes mestres e mestras com os (as) quais aprendi e aprendo imensamente: Thiago Stadler, Ilton César Pereira Martins, Naiara Krachenski, Marcela Lopes Guimarães e Adriana Baggio pela erudição, vontade de ensinar e pela partilha, jamais me esquecerei das aulas de seminário I e II ministrados pela profª Marcela, inesquecível, assim como Bruno Latour.

Em especial, agradeço aos professores Renan e Everton que me guiaram e me ofereceram ferramentas para compreender o riquíssimo período entendido como Antiguidade Tardia. Durante os dois anos e meio de pesquisa, conheci meu orientador e vi que ama de paixão os agentes e o período que busca explicar, direta e indiretamente me incentivou a concluir o trabalho que de forma tão maestral me ajudou a iniciar e confeccionar.

No ano de 2024 me tornei pai e professor ao mesmo tempo, as experiências da minha atual conjuntura histórica foram sincronizadas e acrescentaram enormemente ao trabalho que se encerra. Não posso mensurar a felicidade de ser pai do Chico, da mesma maneira que apesar das dificuldades não posso traduzir a alegria que sinto em exercer a carreira de professor. Ambas as situações moldaram a forma de ver os objetos.

A Francisco, bem maior, desejo saúde e amor para viver. Ao espírito desejo que nunca falte Corinthians às quartas-feiras à noite e domingo à tarde. Obrigado filho. Te amo. Sempre nóis por aí. Vivão e vivendo, sempre digo.

RESUMO

Na presente pesquisa abordamos a relação entre francos e daneses a partir das mobilidades, mercenarismo e as dinâmicas políticas envolvendo o exercício de poder no contexto final da Antiguidade Tardia. Durante a primeira metade do século IX, mas sobretudo a partir do segundo terço dele é que se destacaram e ganharam relevo, período que se concentra em Luis, o piedoso e seu filho mais novo, Carlos, o calvo. Os daneses, ligados aos francos pelo continente e desenvoltos a partir de então, na área náutica, pressionaram as relações e dinâmicas postas nesse contexto. Como receptáculo das muitas relações franco-danesas, as zonas de contatos foram os espaços que compreenderam as mobilidades, eventos diplomáticos, ataques, interações culturais e religiosas, nesse caso, focando nos atores que participaram de processos sociopolíticos. Entre 830 e 861 alguns autores descreveram e narraram os eventos dignos de serem relatos no domínios francos. É nesse sentido que ganha destaque os registros da fonte *Annales Bertiniani* sob a pena de *Prudêncio de Troyes*, nele, vislumbramos as profundas alterações a nível conjuntural no Império carolíngio e ainda, de igual maneira, no *modus operandi* e *vivendi* desses grupos. Através desse documento histórico e outros contemporâneos, buscamos compreender os impactos desses intercâmbios e dinâmicas na política e exercício de poder dos francos carolíngios.

Palavras-chave: Daneses. Mercenarismo. Império Carolíngio.

ABSTRACT

This study explores the relationship between the Franks and the Danes through the dynamics of mobility, mercenarism, and the exercise of power at the end of Late Antiquity. These interactions became especially prominent during the second third of the 9th century, a period marked by the reign of Louis the Pious and, subsequently, his youngest son, Charles the Bald. The Danes—linked to the Franks by continental routes and increasingly adept in maritime activities—played a decisive role in reshaping the political and social landscape of the time. The so-called "contact zones" became the stage for intense exchanges, encompassing military incursions, diplomatic negotiations, and cultural and religious encounters. Within these zones, actors on both sides engaged in processes that profoundly influenced the sociopolitical fabric of the Carolingian world. Between 830 and 861, several authors recorded events they deemed significant within the Frankish realm. Among these, the *Annales Bertiniani*, attributed to Prudentius of Troyes, are particularly noteworthy. This source offers valuable insight into the conjunctural shifts within the Carolingian Empire, as well as into the evolving modes of action and life of both Franks and Danes. By analyzing this and other contemporary sources, the present research aims to shed light on how such exchanges shaped Carolingian political practices and the broader exercise of imperial authority.

Keywords: Danes. Mercenarism. Carolingian Empire.

TABELAS

Ficha prosopográfica 20

Rede de mobilidades danesas entre 830-864 e as principais zonas de contato..... 106

MAPAS

MAPA 1: O reino franco no século VIII 48

MAPA 2: As incursões do *vikings 'raids'* 54

MAPA 3: O poder na Escandinávia (séculos IX e X) 70

MAPA 4: O Império Carolíngio sob Carlos, o calvo (840) 94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO I – Como se define a Antiguidade Tardia? 21

1.1. Antiguidade Tardia: um percurso historiográfico 22
1.2. Ampliação do conceito na segunda metade do século XX 30
1.3. A região danesa durante a Antiguidade Tardia (séculos VIII e IX) 34
1.4. Carolíngios: a família ‘’ungida’’ por Deus 39

CAPÍTULO II – As condições históricas franco-danesas durante o século IX 51

2.1. As dinâmicas Franco–Danesas e a transformação do Império Carolíngio 52
2.2. Agência dos *danes* durante o período de Luis, o piedoso (814-840) 65
2.3. *Harald Klák*: o primeiro mercenário no *Imperium Carolingium*? 71

CAPÍTULO III – Transformações no Império carolíngio zonas de contato, mobilidades e mercenarismo *danes* 78

3.1. *Annales Bertiani*: Poder e agência *danesa na Frância occidentalis*..... 79
3.2. As mobilidades e maleabilidades *danesas* a partir de 830..... 86
3.3. Fim da unidade imperial? Mercenarismo e o ‘’estado de confraternidade’’ durante o reinado de Carlos, o calvo (c.840) 91
3.4. O grande cerco de Paris (845): Um evento mercenário? 100
3.5. A consolidação da presença danesa no interior da Frância entre 847-861..... 105

CONCLUSÃO 120
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS 124

INTRODUÇÃO

> ’Ai de você, Francia, agora sem protetor, como você está dominado pela destruição! Você está aberto por todos os lados a invasores selvagens E, embora antes fosse feliz, agora é miserável. Seus inimigos se deleitam maliciosamente em suas lágrimas E são constantemente enriquecidos por seus despojos. Milhares são massacrados e a multidão de cativos é maior em número do que as areias do mar. Pois com a morte de Carlos Magno, toda a sua honra e glória pereceu lenta e seguramente e fugiu.”[1] (tradução nossa)

O século IX foi paisagem de uma conjuntura histórica complexa, marcada por dinâmicas, conflitos e o fortalecimento das relações *franco-danesas* frente a um mundo imbricado, à porta de transformações sociopolíticas, militares e culturais. Trata-se de um período em que as estruturas de poder carolíngia e danesa, embora ainda firmadas nas ideias de unidade cristã-imperial, começam a demonstrar sinais de tensão e esgarçamento — processos intensificados entre os anos de 830 e 861. A atuação dos grupos oriundos do Norte, deve ser compreendida aqui como parte de uma dinâmica ampla, onde as múltiplas mobilidades, diplomacia e ações de natureza beligerante se articulam nas margens e nos interstícios do mundo carolíngio.[2]

As mobilidades nesse contexto relacionam-se com os registos e apontam à formação de zonas de contato — espaços que, longe de serem apenas locais de fricção, funcionaram como âncoras conectivas entre diferentes culturas e formas de sociabilidade no campo da historiografia. O conceito de *zona de contato* vem sendo mobilizado por autores como Albert Gautier e Sébastien Rossignol para analisar dinâmicas entre os mares do Norte e Báltico, sendo enquadrados como espaços de intercâmbios multilaterais. Suas abordagens se inserem em um arcabouço conceitual no qual predomina a compreensão das relações históricas a partir destas faixas interativas.[3] Em chave distinta, mas complementar, Mary Louise Pratt conceitua tais zonas como "espaços sociais onde culturas se encontram, colidem e agarram-se umas às

---

[1] POETA SAXO. *Annalium de gestis Caroli magni imperatoris*. In: WINTERFELD, Paul von (ed.). MGH Poetae, t. IV. Berlin: Weidmann, 1899, p. 64–65. Tradução de: ANDERSSON, Theodore. “The Viking Image in Carolingian Poetry”. In: GRAVIER DELBOUILLE, Maurice (ed.). Les relations littéraires franco-scandinaves au Moyen Âge. Paris: Les Belles Lettres, 1975. p. 241. ‘*’Ve tibi vae tali modo defensore carenti Frantia, quam variis cladibus opprimeris! Gentibus ecce pates populantibus undique saevis. Et, quondam felix, nunc nimis es misera. Quippe tuis hilares exultant fletibus hostes. Ditanturque tuis assidue spoliis. Milia cesorum, captivaque turba tuorum. Amplior est numero quam sit harena maris; Nam Carolo moriente tuum decus et honor omnis. Ex illo sensim fugit et interiit”*

[2] SAWYER, Peter (Org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings.* Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 6-7.

[3] GAUTIER, Albert; ROSSIGNOL, Sébastien. *"Spaces of Contact in the Medieval North Sea and Baltic Region".* In: De la mer du Nord à la mer Baltique: identités, contacts et communications au Moyen Âge. Lille: Publications de l’Institut de recherches historiques du Septentrion, 2012.

outras, frequentemente em contextos assimétricos de dominação[4]", destacando as esferas do diálogo, da colaboração e da mediação cultural. Dessa forma, utilizamos o conceito da autora, mas aplicando-o aos aspectos de natureza sociopolítica dentro do contexto supracitado.

Em nosso estudo, as práticas e dinâmicas visualizadas se compelem, segundo o escopo contextual, em direção às relações de poder e que, portanto, expressam uma natureza voltada ao social, político e econômica. Neste trabalho, a noção de zona de contato será usada como ferramenta analítica para investigar os modos pelos quais os daneses, oriundos da parte setentrional da Europa — participaram ativamente da conjuntura carolíngia, influenciando tanto sua política interna quanto suas estruturas simbólicas e militares. Longe de configurarem eventos isolados, revelam um processo de longa duração que alimentou desequilíbrios ainda latentes desde a sucessão de Carlos Magno por Luís e acentuadas definitivamente com os filhos Lotário e Carlos, o calvo.

As dinâmicas trazidas pelos contatos com os nórdicos, desde o final do século VIII — período marcado pelo auge da expansão carolíngia e pela conquista da última "fronteira" que delimitava o limite com os daneses, a Saxônia — indicam a relevância desses agentes na conjuntura franca carolíngia desde então. A intensidade e o caráter multidimensional desses vínculos — a violência direta, a negociação político-diplomática e, sobretudo, um elemento até então inédito: o mercenarismo — revelam a força da presença dos daneses e a forma como o *imperium carolingiorum* se colocou diante dessas questões.

A ocupação territorial progressiva reconfigurou o espaço imperial e acentuou sua fragmentação[5], mesmo diante do esforço coletivo entre os irmãos, como veremos a partir da década de 840 em tentar manter o que estava disposto pelo avô e o pai. Em 797, Alcuíno de York escreveu uma carta aos clérigos e nobres de Kent, alertando sobre os ataques '*vikings'* às costas inglesas. Ele expressou sua preocupação dizendo "Eis uma coisa inaudita: um povo pagão acostumou-se a devastar nossas costas com roubos piratas."[6] Dois anos depois, em 799, a invasão na ilha de *Noirmoutier* seria a baliza frequentemente apontada como o primeiro ataque nórdico documentado em solo franco.[7]

---

[4] PRATT, Mary Louise. *Arts of the contact zone.* Profession, 1991, p. 34.
[5] Cf. COOIJMANS, Christian. Monarchs and hydrarchs: the conceptual development of early Scandinavian rulership. *Saga-Book of the Viking Society for Northern Research*, v. 42, p. 35–60, 2018.
[6] ALCUIN. *Epistolae*, in: DUEMMLER, Ernst (ed.). *Monumenta Germaniae Historica, Epistolae*. Tomus IV. Berlim: Weidmann, 1895. (MGH Epistolae 4) ''Ecce, inauditum rem, gens paganica consuevit vastare nostra litora latrociniis.'' p. 57. Cf. ALCUIN. *The Letters of Alcuin*. Translated and edited by Stephen Allott. York Medieval Texts. London: Longman, 1974. Cf. PRICE, Neil. *Vikings: a história definitiva dos povos do norte*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Crítica, 2021. 623 p.
[7] LANGER, Johnni. Vikings na França. In: *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018. Disponível em: versão Kindle.

O que muda a configuração dessas relações em múltiplos aspectos, sobretudo, político, são alguns fatores. Dentre eles, a coroação de Carlos Magno no ano de 800, recebida pelas mãos do papa Leão III. Os anos que antecederam o evento colocam-se indiretamente em realce, pois, é a partir de 768 que Carlos Magno, torna-se rei dos francos e logo em seguida, em 774 dos lombardos. Dessa forma, uma rota de colisão é construída por Carlos antes mesmo da coroação e do título de imperador ou do seu auge territorial e militar.

Nosso recuo e atenção às três primeiras décadas do século IX devem-se à ascensão de Carlos ao título imperial, momento em que o império carolíngio passou a projetar-se para além de seus limites naturais. Espiritualmente legitimadas, as campanhas de expansão[8] colocaram os daneses, a partir de então, em estreito contato com os francos. A perspectiva adotada busca operacionalizar essas interconexões[9] franco-danesas, uma vez que ambos os espaços estiveram profundamente conectados, alterando de forma significativa as problemáticas tradicionalmente levantadas.

A ambivalência percebida em ambos os territórios se manifestou, num primeiro momento, na direção norte: os francos, em movimento expansionista, depararam-se com sociedades organizadas de forma radicalmente distinta. Os daneses, por exemplo, não operavam sob uma monarquia centralizada, mas segundo uma lógica de *hidrarquia* — um sistema de liderança ocasional, centrado em chefes de expedições temporárias, como demonstra Christian Cooijmans.[10]

Sendo assim, este trabalho defende que os grupos daneses atuaram como agentes políticos centrais em uma conjuntura própria da Antiguidade Tardia, cuja vigência se estende como será apontado, até o século IX. A inserção nórdica no mundo carolíngio não apenas desestabilizou a lógica imperial e as tentativas de manter-se coesos e minimamente centralizados, como também promoveu novas redes de relações no norte da Europa[11], redefinindo fronteiras, práticas diplomáticas e a própria natureza beligerante da conjuntura.

A construção das relações político-militares entre carolíngios e daneses não se deu apenas em campos de batalha, mas também por meio de arranjos diplomáticos e alianças táticas cuidadosamente urdidas ao longo das margens setentrionais do império. Eginhardo (*Einhard*), secretário e biógrafo de Carlos Magno, ao narrar os feitos do imperador em sua *Vita Karoli Magni*, não nomeia diretamente os daneses, mas insinua sua presença diante das

---

[8] SAWYER, Peter (Org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 6-7.
[9] COOIJMANS, Christian. *Monarchs and Hydrarchs: The Conceptual Development of Viking Activity across the Frankish Realm (c. 750–940)*. Abingdon: Routledge, 2020, p.3.
[10] Idem, p. 4.
[11] GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Vikings*. Lisboa: Folio, 2006. p. 142-143.

ameaças marítimas enfrentadas pelo império, bem como pelos esforços de contenção e interlocução promovidos pelo palácio.[12] Já os *Annales regni Francorum*, atribuídos parcialmente ao mesmo círculo curial, registram com mais nitidez os contatos, especialmente o episódio da morte do rei Godfred do reino danes em 810 após liderar uma expedição contra a Frísia e seguida por tentativas diplomáticas dos francos de manipular a sucessão da região.[13]

Esse episódio revela como a zona de contato entre francos e nórdicos operava como espaço de negociação e de experimentação política, e não apenas de choque direto. A nomeação de *Harald Klák* como aliado do império, seu batismo em Ingelheim (826) e a concessão de um condado na Frísia denominado Walcheren[14] retira o caráter ordinário e simples destas trocas. A diplomacia ativa pode ser compreendida como mecanismo de ampliação da influência carolíngia além de seus limites, consolidando o império como verdadeiro epicentro de irradiação no que concerne política, comércio e autoridade.[15]

A mobilidade entre daneses e francos era sustentada por objetivos multifacetados — desde o saque até a negociação-permanência. Como demonstram os episódios registrados nos *Annales de Saint-Bertin*[16], diversos grupos nórdicos ingressaram no território carolíngio não apenas como saqueadores, mas como forças de apoio militar temporário, oferecendo seus serviços como mercenários em meio aos conflitos intestinos que marcaram as décadas de 830 até 860.[17]

Através do sistema de hidrarquia, bandas de poder operavam por associações múltiplas[18] entendidas aqui como mercenários. Longe de representarem um simples expediente bélico, tornaram-se peças estruturantes de um novo tipo de relação entre as elites regionais e os grupos armados itinerantes. A prática mercenária, portanto, deve ser vista como uma ferramenta de permanência territorial e adaptação, e não apenas como prática de oportunismo. Sua proliferação durante as guerras fratricidas entre os filhos de Luís, o Piedoso, escancarou os limites do aparato político carolíngio e acelerou a sua fragmentação.

O Império por sua vez, se retrai e esgarça ainda mais as relações e dinâmicas próprias da tardo antiguidade, assim como aponta seus primeiros sinais de esgotamento. Vê o século

---

[12] EINHARD. *Vita Karoli Magni*. Tradução de L. Thorpe. London : Penguin Books, 1969. p. 27-30.
[13] *MGH. Annales Regni Francorum, a. 810. In: KURZE, Friedrich (Ed.). Monumenta Germaniae Historica: Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum. Hannover: Hahn, 1895. p. 130–132.*
[14] NELSON, Janet L. (Ed.). *The Annals of St. Bertin*. Manchester : Manchester University Press, 1991. p. 51–54. Cf. sobre esse evento: RUST, Leandro Duarte. *Os Vikings: narrativas da violência na Idade Média*. 1. edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. 272 p. 185-189.
[15] COSTAMBEYS, Marios; INNES, Matthew; MACLEAN, Simon. *The Carolingian World*. Cambridge : Cambridge University Press, 2011. p. 11.
[16] 'AB' sigla para referir-se à documentação.
[17] NELSON, Janet L. (Ed.). *op.cit.,* p. 51-54.
[18] COOIJMANS, Christian. *op.cit.,* p. 9

seguinte inaugurar-se com o primeiro tratado de sedição da região normanda. Como reforça Graham-Campbell, as expedições partiam indistintamente para ambos os lados do Canal da Mancha, revelando uma cultura de mobilidade anfíbia e estratégica, fomentada pelo controle técnico e simbólico do mar do Norte[19].

Nessas condições, o Império Carolíngio não apenas absorveu tais agentes como parte de sua própria malha de poder, mas também viu sua lógica imperial desagregar-se progressivamente diante do aumento de pressões externas e das rivalidades internas. A mobilidade, a diplomacia, a hidrarquia e o mercenarismo não foram elementos periféricos, mas estruturantes da própria transformação do espaço carolíngio que, ao longo do século IX, revelou sua continuidade com o mundo da Antiguidade Tardia — um tempo onde a fronteira era menos uma linha e mais uma zona viva, porosa e dinâmica.

Esta pesquisa ancora-se nas contribuições mais recentes da historiografia dedicada ao mundo carolíngio, bem como nas revisões conceituais que vêm sendo promovidas por diferentes vertentes analíticas no interior dos estudos clássicos, tardo antigos e medievais. O século IX, aqui tratado como um recorte privilegiado para a análise das mobilidades, das articulações políticas e dos embates militares entre francos e grupos nórdicos é pensado à luz da renovação interpretativa que vem requalificando o conceito e a temática, entendido não apenas como um prolongamento formal da Antiguidade Clássica, mas como um campo de sobrevivência, adaptação e ressignificação de estruturas políticas, sociais e religiosas no interior da Europa cristã.

Essa requalificação temporal permite incluir o século IX como parte legítima da longa duração tardo antiga, especialmente quando se observam os múltiplos traços de regionalismo, descentralização e fragilidade institucional que permeiam o reinado de Luís, o Piedoso, e as disputas subsequentes entre seus filhos. Como propõem Peter Brown (1999) e consolidam autores como Bührer-Thierry (2019), os mecanismos do poder no mundo carolíngio estavam profundamente enraizados em práticas culturais, vínculos pessoais e estratégias de negociação intercomunitárias, o que justifica a inserção da problemática danesa nesse mesmo horizonte analítico.

Do ponto de vista das dinâmicas de contato, a aplicação do conceito de *hidrarquia* — como proposto por Christian Cooijmans (2020) — permite repensar os grupos nórdicos não como entidades homogêneas e hierarquizadas, mas como formações políticas flexíveis, articuladas segundo lideranças de ocasião, estruturadas em torno da capacidade bélica e da mobilidade marítima. Tal chave explicativa desloca o foco da análise das grandes estruturas

[19] GRAHAM-CAMPBELL, *op. cit.*, p. 143.

centralizadas para os agentes históricos inseridos nas zonas mais limítrofes, dentro do que se entende como fronteira territorial, possibilitando compreender a atuação diplomática, militar e econômica dos daneses como organicamente integrada frente as condições históricas daquele tempo.

As zonas de contato que se formaram ao longo das bordas do Império Carolíngio, especialmente nas regiões da Frísia, Saxônia e ao longo do curso do Reno, devem ser concebidas como espaços sociais híbridos, nos quais distintas culturas e ordens políticas interagiam, frequentemente em contextos de poder assimétrico. O conceito cunhado por Mary Louise Pratt (1991), ao definir essas zonas como arenas de disputa, negociação e tradução cultural, é instrumental para a análise aqui proposta, pois revela a natureza ativa e multifacetada dos vínculos entre francos e nórdicos.

A mobilidade, tanto no plano individual quanto coletivo, surge como categoria-chave para a compreensão das práticas sociais que estruturaram tais interações. As mobilidades constituem-se e podem se caracterizar de várias formas, o trabalho intitulado ‘’ as mobilidades e as suas formas na Antiguidade Tardia e na Idade Média ‘’ inaugura uma colaboração e aponta uma gama de mobilidades e seus rizomas. Como por exemplo, a categoria do exílio,[20] uma tipificação de mobilidade forçada em contextos políticos. Ou ainda, as mobilidades religiosas que tocam os objetos sacros, deslocamentos de comunidades em liturgia. Em nosso trabalho, dispomos ainda da mobilidade documental, uma vez que a documentação avalizada deslocou-se do centro palatino junto aos cronistas.

Essas mobilidades eram, ao mesmo tempo, físicas — atravessando mares, rios e rotas terrestres — e simbólicas — transpondo limites culturais, religiosas e políticas. Como mostram os episódios envolvendo o batismo *de Harald Klak*, a instalação de chefes daneses em regiões francas e a atuação de grupos nórdicos como mercenários a serviço de senhores locais durante as guerras fratricidas das décadas de 830 a 860.

No Capítulo I, buscar-se-á dar forma e densidade analítica a essas categorias estruturantes, sistematizando as chaves interpretativas que sustentam a leitura proposta. Ao ampliar o vocabulário conceitual e historiográfico, pretende-se não apenas iluminar o caso franco-danês, mas contribuir para uma compreensão mais ampla das práticas políticas e dos regimes de interação no século IX, consequentemente durante a tardo antiguidade.

---

[20] Cf. Acerca do assunto e da exploração analíticdo conceito de ‘*exilium’,* ver: FRIGHETTO, Renan. *Exílio e exclusão política no mundo antigo: de Roma ao reino godo de Tolosa (séculos II a.C. – VI d.C.)*. Curitiba: Editora Mythologica, 2021. FRIGHETTO, Renan. A política nas entrelinhas: a traição, o exílio e o confinamento no *Ordo querimoniae*, 17–23, de Valério do Bierzo. *Revista Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity and Middle Ages*, n. 27, p. 1–25, 2018

Nesse sentido, este trabalho dialoga com as contribuições de autores como Simon Coupland, Regine Le Jan, Janet Nelson, Rosamond McKitterick, Philippe Depreux, Pierre Riché e Christian Cooijmans, que vêm operando reavaliações metodológicas e conceituais no campo dos estudos carolíngios. Essas análises se somam à tradição historiográfica estabelecida por F. L. Ganshof, Pierre Bauduin e Peter Sawyer, Lucien Musset, autores que abriram caminho para a problematização das interações nórdico-francas sob o prisma das mobilidades, da violência, da diplomacia e da conversão religiosa.

No Capítulo II, o cenário das disputas é destacado com o objetivo de construir o percurso do nosso objeto principal: as dinâmicas mercenárias e o uso de forças e bandas armadas associadas ao poder dinamarquês, que se tornam uma tônica desde o governo de Luís, o Piedoso. Assim, uma ambivalência espacial é delineada, com o intuito de elucidar as condições e dinâmicas históricas desses espaços e como elas influenciaram diretamente os eventos e a conjuntura entre os anos de 830 e 861.

Por fim, no último capítulo, abordamos a função e os desdobramentos entendidos aqui como de natureza mercenária, pois, embora a descrição recorrentemente descreva os agentes e suas ações dentro do escopo ‘’pirata’’ ou ‘’invasor’’, observaremos que as descrições do autores e cronistas, isoladas ou sincronicamente indicam novos caminhos de interpretação acerca da figura e da presença desses líderes daneses.

O século IX é um período caracterizado por um relativo empobrecimento quantitativo da produção documental quando comparado aos séculos subsequentes no tema: francos e daneses. Portanto, utilizamos as fontes de natureza franco-cristãs no objetivo de desbastar tais relações e nos aproximarmos da paisagem de fundo para tais agencias e atores. Esse exercício exige uma leitura cuidadosa da variedade e da função das fontes disponíveis. Em termos de tipologia, essa época depende especialmente de fontes que surgem com funções bem delimitadas, como as *gesta*[21], crônicas dinásticas, registros administrativos e documentos normativos com finalidades precisas, como as capitulares[22]. Como destaca Jean Pierre-Devroey sobre as redes logísticas desse período: ‘’ Modelos baseados na dinâmica do transporte têm negligenciado a importância da circulação de notícias e das inter-relações sociais[23]’’

[21] Cf. SAXO GRAMMATICUS. *Gesta Danorum: The History of the Danes*. Edição de Karsten Friis-Jensen; tradução de Peter Fisher. Oxford : Oxford University Press, 2015. 2 v.
[22] GANSHOF, F. L. *Recherches sur les capitulaires*. Paris: Sirey, 1958.
[23] DEVROEY, Jean-Pierre. Gérer et exploiter la distance. In : *Les élites et leurs espaces: Mobilité, rayonnement, domination (du VIe au XIe siècle)*. Turnhout: Brepols, 2007. p. 59.

A mobilidade documental, por exemplo, alterou-se no século IX sobretudo pelo papal da Igreja depois do chamado renascimento carolíngio[24] segundo ele, ‘’ os eventos a leste do Reno começam a aparecer com mais frequência em nossas fontes narrativas somente depois que a organização da igreja cristã na área levou a uma disseminação da cultura escrita. Igualmente impressionante é a velocidade com que essa cultura se consolidou.’’[25]

A delimitação do espaço-tempo investigado nesta pesquisa – centrado nas interações franco-danesas ao longo do século IX – apoia-se tanto em premissas historiográficas contemporâneas quanto no uso criterioso das fontes documentais disponíveis para o período. Essa variedade é indispensável para compreendermos as dinâmicas institucionais e simbólicas da época. No capítulo intitulado ‘’*History and writing at the court of Louis and Charles”*, a historiadora Janet Nelson analisa como a historiografia de corte no reinado de Luís, o Piedoso, e Carlos, o Calvo, se consolidou como instrumento de poder e educação aristocrática, moldando o registro da memória dinástica em torno da legitimidade e das disputas sucessórias[26].

Os anais produzidos em territórios carolíngios, em especial os *Annales de Saint-Bertin*, surgem nesse contexto como repositórios de memória palaciana, mas logo passam a refletir vozes eclesiásticas mais localizadas, como no caso de Hincmar de Reims. Nelson destaca que, após o ano de 843, esses anais se distanciaram da corte e passaram a registrar os eventos sob uma ótica mais crítica e regionalizada, mantendo, contudo, a forma típica de anuário romano cristianizado sob os cuidados de *Prudêncio de Troyes,* e mais tarde *Hincmar de Rheims*.[27]

Nesse mesmo horizonte, destaca-se o papel das *capitulares*, documentos normativos que, embora frequentemente interpretados como emanados de assembleias gerais, foram também elaborados em ambientes mais restritos, muitas vezes com

---

[24] Cf. Para um debate aprofundado acerca do termo e do corrente período, denominado ‘’ Renascimento Carolíngio’’, ver: SILVA, Maria Cristina Ferreira da. *Renascimento Carolíngio e organização do saber: aspectos da cultura escrita no século IX*. In: *História: Questões & Debates*, v. 43, n. 1, 2005. MCKITTERICK, Rosamond. *The Carolingians and the Written Word*. Cambridge : Cambridge University Press, 1989 e Charlemagne *: The Formation of a European Identity*. Cambridge : CUP, 2008. E, RICHTER, Michael. *The Carolingians and the Written Word*. Cambridge : Cambridge University Press, 1994.

[25] FOURACRE, Paul. Frankish Gaul to 814. In: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History. Volume II: c.700–c.900*. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. p. 85–109. ‘’ *Events east of the Rhine begin to appear more frequently in our narrative sources only after the organisation of the Christian church in the area had led to a dissemination of written culture. Equally striking is the speed at which that culture took hold”*. (Tradução nossa).

[26] NELSON, Janet L. *History and Writing at the Court of Louis and Charles*. In: *Rulers and Ruling Families in Early Medieval Europe: Alfred, Charles the Bald and Others*. London: Routledge, 2020. p. 198-210.

[27] NELSON, Janet L. (ed.). *The Annals of St-Bertin*. Manchester: Manchester University Press, 1991. p. xiii–xxv.

finalidades administrativas específicas. Janet Nelson e a edição dos *Capitularia regum Francorum* demonstram como essas fontes combinam prescrições legais e instruções práticas de governo, configurando-se como instrumentos fundamentais da administração carolíngia[28].

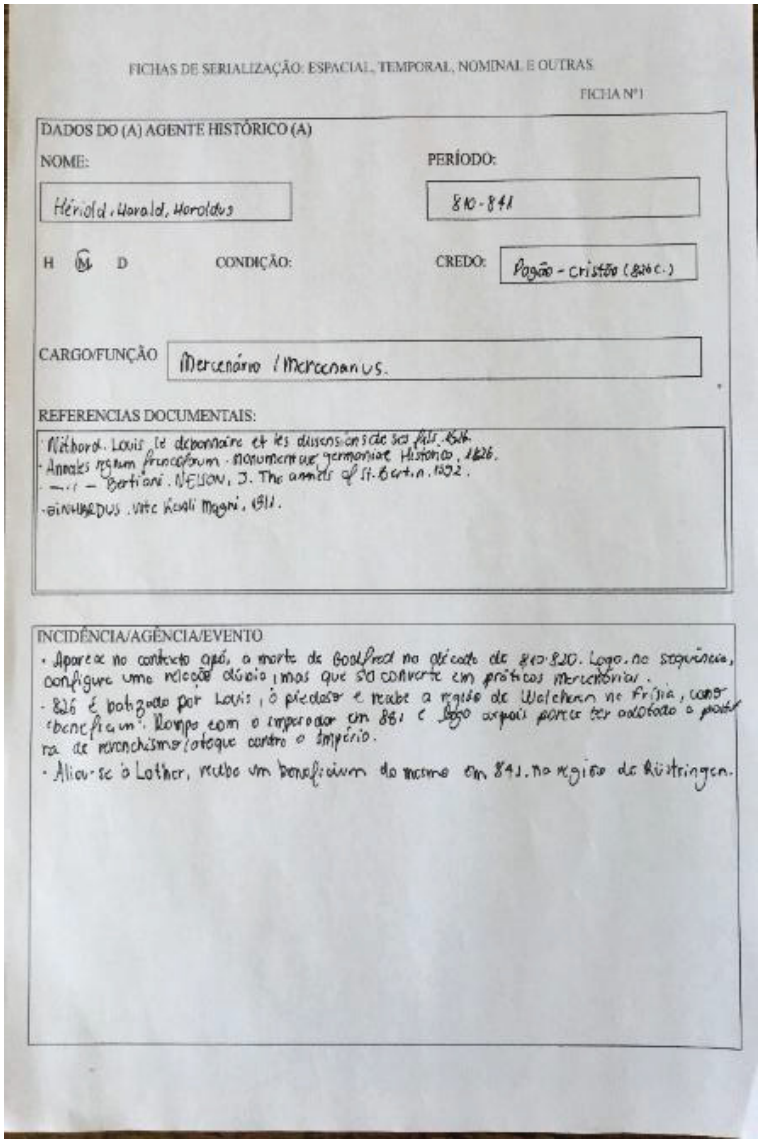
A escolha por abordar o espaço franco no século IX carrega, em si, uma dupla exigência historiográfica: a de construir um campo de inteligibilidade para os fluxos de mobilidade e contato que escapam às fronteiras políticas fixas e, simultaneamente, a de justificar a coerência documental e interpretativa de um recorte que, à primeira vista, pode parecer fragmentário. Por isso, período compreendido entre os anos 830-861 destaca-se não apenas por sua intensa atividade político-militar, mas também por uma efervescente produção documental que acompanhou o florescimento da escrita histórica nas cortes carolíngia e representam através das respectivas narrativas, as múltiplas agências danesas.

Nessa perspectiva, os *Annales de Saint-Bertin*, ainda que por vezes marcados por silêncios e omissões, tornam-se recursos valiosos para reconstituir não apenas eventos, mas também estratégias discursivas de grupos específicos do poder. Ao lado das crônicas, poemetos cortesãos e capitulares, observa-se um deslocamento do centro de produção e consumo da história, que passa a operar como um discurso político partilhado entre os círculos palatinos e episcopais. Escolher, portanto, esse universo documental como base para o estudo das interações entre francos e daneses é afirmar a relevância de uma historiografia que reconhece na crítica das fontes, na leitura de suas entrelinhas e na mobilidade dos registros uma chave interpretativa potente para acessar as dinâmicas sociopolíticas do período.

Nossa metodologia utilizou da prosopografia, afim de conseguir dar conta de entender a prática mercenária a partir do indivíduo *danes*, a escolha deu-se em virtude do fato da escassez de fontes de natureza textual analítica dos grupos nórdicos, além disso, nosso trabalho insere-se no jogo de escala conjuntura, abordando os anos compreendidos entre 830 à 861. A seguir, uma ficha ilustrando a utilização do método prosopografico.

---

[28] BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (Ed.). *Capitularia Regum Francorum*. Vol. II. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897. (Monumenta Germaniae Historica). Para os capitulares entre 802 e 829, ver especialmente a introdução e os dispositivos normativos correspondentes.



FICHAS DE SERIALIZAÇÃO: ESPACIAL, TEMPORAL, NOMINAL E OUTRAS

FICHA Nº1

DADOS DO (A) AGENTE HISTÓRICO (A)

NOME: Héiold, Harald, Haroldus

PERÍODO: 810-841

H (M) D CONDIÇÃO: CREDO: Pagão - cristão (826 c.)

CARGO/FUNÇÃO: Mercenário / Mercenarius.

REFERENCIAS DOCUMENTAIS:

- Nithard. Louis le debonnaire et les dissensions de ses fils. 826.
- Annales regum Francorum. Monumenta ae germaniae Historica, 1826.
- — — Bertiani. NELSON, J. The annals of St. Bertin. 1922.
- EINHARDUS. Vita Karoli Magni, 911.

INCIDÊNCIA/AGÊNCIA/EVENTO

- Aparece no contexto após, a morte de Godfred no ofício de 810-820. Logo, na sequência, configure uma relação dúvida, mas que só converte em práticas mercenárias.
- 826 é batizado por Louis, o piedoso e recebe a região de Walcheren na Frísia, como benefício. Rompe com o imperador em 831 e logo após parece ter aderido a práticas de revanchismo/ataque contra o Império.
- Alia-se à Lothar, recebe um benefício do mesmo em 841, na região de Rüstringen.

Ficha prosopográfica.

Além disso, nossas análises estão de acordo com a análise de natureza qualitativa e não somente quantitativa. O método prosopografico na História consiste na análise sistemática de trajetórias individuais por meio do estudo de grupos sociais visando identificar padrões de comportamento, redes de sociabilidade, e dinâmicas de poder. Diferentemente da abordagem quantitativa tradicional, que privilegia a repetição estatística de dados, a prosopografia foca na qualidade e natureza das conexões que estruturam o tecido social de uma época, explorando relações interpessoais, vínculos familiares, funções institucionais e mobilidades individuais. Ao invés de contabilizar indivíduos, trata-se de compreender suas funções, estratégias e posicionamentos dentro de contextos históricos específicos.

CAPÍTULO 1 – Como se define Antiguidade Tardia?

O período histórico escrutinado neste capítulo apresenta singularidades e movimentos específicos. Portanto, analisamos o percurso conceitual e sua aplicabilidade na orientação dos estudos que o fundamentaram, desde sua concepção inicial, no princípio do século XX, até o panorama recente da historiografia referente à Antiguidade Tardia.

Neste capítulo, busco evidenciar a tradição historiográfica subjacente ao conceito de Antiguidade Tardia, elencando a trilha do conceito, historiografia e aspectos que se somam à compreensão mais profunda e contextualizada do objeto histórico situado no século IX. Ainda nessa perspectiva, reflito sobre a baliza temporal adotada ao recorte espacial proposto, à luz das definições e categorias conceituais já estabelecidas pela historiografia. Pretendo demonstrar dessa forma, a existência de dinâmicas e condições históricas específicas que, originadas e desenvolvidas no interior da malha sociocultural da Antiguidade Tardia, moldaram significativamente a conjuntura analisada ao longo desta pesquisa.

Essa dinâmica histórica fica particularmente evidente na cultura escrita e material. Um exemplo marcante é o Saltério de Utrecht, originário da região da Frísia, confeccionado em Reims por volta de 830, sob a orientação do arcebispo *Ebbo*[29]. Este manuscrito demonstra claramente como elementos artísticos refletem diretamente as condições históricas tardo-antigas, ainda que através da combinação e assimilação de modelos variados e influências culturais múltiplas. Dessa forma, é possível perceber como o contexto material e intelectual da Antiguidade Tardia permaneceu vivo e atuante no século IX, revelando continuidades, ressignificações e adaptações que refletem as condições históricas próprias da tardo antiguidade[30]

---

[29] *SALTÉRIO DE UTRECHT* (Utrecht Psalter). c. 830. Manuscrito iluminado produzido em Reims sob a supervisão do arcebispo Ebbo. Utrecht: Biblioteca Universitária de Utrecht. Disponível em: https://www.library.uu.nl. Acesso em: 12/07/25. O *Saltério de Utrecht* é um manuscrito iluminado produzido na primeira metade do século IX, durante o período em que Ebbo era arcebispo de Reims (816-835; 840-841). É considerado uma das obras-primas do estilo artístico carolíngio e destaca-se pela singularidade da sua técnica de ilustração, refletindo diretamente o hibridismo estilístico e cultural característico da Antiguidade Tardia ainda presente na época carolíngia.

[30] NELSON, Janet L., *The Frankish Empire*, London : The Historical Association, 1997, p. 26.

1.1 Antiguidade Tardia: um percurso historiográfico

Os recortes temporais na História têm como escopo a orientação, não devem ser colocados sobre uma condição una e indivisível. Dessa forma, os estudos dedicados à Antiguidade Tardia assumem caráter específico e complexo, inerentes em virtude da transição entre os períodos antigo-medieval. A compreensão histórica enrobustecida pelo conceito é tributária do historiador da arte *Alois Riegl* que, em 1901, publica a obra seminal intitulada '*Die spatromische Kunstindustrie'*[31].

Nela, buscando compreender a arte produzida durante o mundo clássico-antigo e considerando suas propriedades, o vienense conceitua que não se tratava de produções artísticas propriamente clássicas, tampouco medievais, mas singulares e livres dos padrões greco-romanos. No entanto, foram nas décadas seguintes que os primeiros debates mobilizaram o campo acadêmico envolvendo antiquistas, tardoantiquistas e medievalistas.

Os primeiros debates acadêmicos efetivos envolvendo antiquistas, tardoantiquistas e medievalistas ocorreram especialmente nas décadas seguintes. Este período foi decisivo para o campo historiográfico, visto que o contexto histórico das primeiras décadas do século XX desempenhou um papel preponderante. É fundamental salientar que a conjuntura bélica vivida antes, durante e após as guerras mundiais, somados às graves crises alimentícias e sanitárias enfrentadas na Europa e nos Estados Unidos, influenciaram profundamente as interpretações historiográficas sobre a Antiguidade Tardia.

Dessa forma, esse ambiente crítico e perturbado formou uma geração de historiadores cuja experiência direta dessas adversidades levou-os a adotar perspectivas conceituais específicas. Essas perspectivas foram marcadas por noções como crise, decadência, ciclo, declínio e queda, que passaram a definir as narrativas sobre o período tardo-antigo. O advento desse novo conceito contrastou significativamente com a tradição anterior, iniciada no século XV por Flávio Biondo, que propôs o conceito de *inclinatio* como principal razão para a dissolução do Império Romano. Posteriormente, no século XVIII, a publicação de *"The Decline and Fall of the Roman Empire"* por *Edward*

---

[31] RIEGL, Alois von. *Spätrömische Kunstindustrie*. Viena: Österreichische Staatsdruckerei, 1901. Xix, 421 p., il. (116 figuras no texto e 23 pranchas, 2 coloridas). Cf. para uma noção anterior ao século XX sobre o conceito, ver ELSNER, Jaś. The birth of Late Antiquity: Riegl and Strzygowski in 1901. *Art History*, Londres, v. 25, n. 3, p. 358-379, jun. 2002.

Gibbon[32] estabeleceu uma tradição historiográfica amplamente difundida. Gibbon interpretou o fim do mundo clássico antigo por meio de um modelo baseado na ideia de *declínio e queda*, relacionando diretamente esse processo à desordem interna e às invasões protagonizadas pelos grupos bárbaros.

Outro autor em destaque que contribuiu, ainda que de forma indireta, para o desenvolvimento da concepção moderna da Antiguidade Tardia *Johann Gottfried von Herder*[33] (1744–1803), contemporâneo de Edward Gibbon. Embora não tenha sido um entusiasta direto do conceito de Antiguidade Tardia, Herder exerceu influência decisiva ao propor uma filosofia da história que valorizava a singularidade de cada época e cultura. Crítico da visão de sua época que exaltava a grandeza da cultura clássica romana, Herder relativizou essa perspectiva, questionando os parâmetros que a definiam como um modelo universal de civilização. Em seus escritos, o filósofo alemão sublinhou a importância das interações entre Roma e os povos germânicos, argumentando que o fim do Império Romano não se deu apenas por fatores internos, mas também pela transformação provocada por esses contatos, que viam os chamados "bárbaros" não como agentes da destruição, mas como portadores de outras formas de organização social e cultural.

Essa abordagem, que se distancia da tradicional ideia de decadência, antecipa em alguma medida o olhar posterior de teóricos que, nos séculos XIX e XX, passaram a considerar Roma não mais como o centro estático de um mundo em declínio, mas como parte de um processo dinâmico de transição. Ainda assim, a maioria dos trabalhos desses séculos permaneceu dentro de um escopo analítico que continuava a atribuir a Roma o protagonismo de uma história de colapso diante das chamadas "invasões bárbaras", muitas vezes interpretadas como falha da organização e logística diante da pressão externa.

No século XX, propriamente dito, surgem diversos trabalhos cujas chaves interpretativas reforçam as teses iniciais sobre o declínio do mundo romano antigo, com ponderações distintas entre eles, deve-se destacar. Entre os mais destacados dessa vertente historiográfica estão: *Ferdinand Lot*[34]*, P. Heather*[35]*, B. Ward-Pekins*[36]*, H.W.G.*

---

[32] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: Modern Library, 2003.
[33] HERDER, Johann Gottfried von. *Selected Early Works, 1764–1767: Addresses, Essays, and Drafts Fragments on Recent German Literature*. Edited by Ernest A. Menze and Karl Menges; translated by Ernest A. Menze with Michael Palma. University Park: Pennsylvania State University Press, 1992.
[34] LOT, Ferdinand. O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média. Lisboa: Edições 70, 2008.
[35] HEATHER, Peter. *The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*. London: Macmillan, 2005.
[36] WARD-PERKINS, Bryan. *The fall of Rome and the end of Civilization*. New York: Oxford University Press, 2005. Cf. Ver, WARD-PERKINS, Bryan. *From classical Antiquity to the early Middle Ages. Urban public building in norther and central Italy, A. D. 300-800*, Oxford: Oxford University Press, 1984.

Johann Liebeschuetz[37], *André Piganiol*[38] e *Arnaldo Momigliano*, todos fazem parte da tradição que reflete exclusivamente no papel de Roma frente aos ‘’bárbaros’’, ou seja, atribuem conceitos unilaterais que refletem somente a recepção do Império e como geriu a *crise* frente as levas que tensionavam os limites e motivaram seu *declínio.*

A obra de *Momigliano,* especificamente*,* lançada em 1959 ‘‘*The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century’’*[39] considera a tardo antiguidade como fundo histórico para o conflito apontado, no entanto, finda a tradição que atrela o declínio e queda do Império Romano do Ocidente. No entanto, sua abordagem permanece ainda presa à tradicional perspectiva de declínio e queda do Império Romano do Ocidente, estabelecia que os eventos finais desse império estão amplamente documentados e sustentam a tese de que Roma inevitavelmente declinou e caiu.[40]

A partir do pós-guerra, sobretudo na segunda metade do século XX, observa-se uma proliferação de debates historiográficos que dialogam intensamente com as premissas levantadas por Arnaldo Momigliano. Em linhas gerais, Momigliano questionara os conceitos tradicionais – como “decadência” ou “queda” – aplicados à fase final do Império Romano, apontando para a insuficiência de tais noções na compreensão dos processos históricos de longa duração[41]. Nesse sentido, aprofundou-se a busca por marcos cronológicos mais flexíveis e por interpretações que considerassem aspectos socioculturais, religiosos, econômicos e militares de maneira integrada.

Em 1964, uma obra permite grande contribuição historiográfica e conceitual, impactaria fortemente nas décadas seguintes. Escrita por *A.H.M Jones*[42], o autor de ‘’ *The Roman Empire’’* divide a milenar História do Império Romano em três longos volumes. Na análise, buscou trabalhar com a conjuntura final do Império Romano sob o viés da *continuidade*, ou seja, em lugar de encerrar sua análise em 476, data clássica para a chamada “queda” do Império Romano no Ocidente, atentou para a sobrevida das

---

[37] LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *The Decline and Fall of the Roman City*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

[38] PIGANIOL, André. *O Império Cristão (325–395)*. Tradução de Lenita Miranda de Figueiredo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. O historiador André Piganiol não destaca o valor de continuidade dos valores e tradições romanas, no entanto, embora recaia nas ideias de declínio e queda, recusa um “colapso súbito” e argumenta que o Império romano foi “assassinado” em seu leito pelos bárbaros no V d.C., embora reconhecendo transformações internas e a força do cristianismo

[39] MOMIGLIANO, Arnaldo. *Christianity and the Decline of the Roman Empire*. In: MOMIGLIANO, Arnaldo (Ed.). *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*. Oxford: Clarendon Press, 1963. p. 79-99.

[40] MOMIGLIANO, Arnaldo. El cristianismo y la decadencia del Imperio romano. In: MOMIGLIANO, A. (org.). *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madri: Alianza Editorial, 1989, p.15.

[41] Cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. *Studies in Historiography*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

[42]JONES, Arnold Hugh Martin. *The Roman Empire*. Vol. I–III. Oxford: Basil Blackwell, 1964. Cf. PIGANIOL, André. *L’Empire chrétien (325–395)*. Paris : Presses Universitaires de France, 1972. (Histoire générale des civilisations).

estruturas político-administrativas e socioeconômicas, bem como para a influência duradoura que estas exerceram mesmo após o colapso da parte Ocidental do mundo romano.[43]

Do confronto intelectual e conceitual da década de 1960, desponta como produto no início dos anos 1970, a obra canônica e divisora da temática foi publicada em 1971 pelo historiador irlandês *Peter Brown*[44]. Nesse momento, se estabelece uma historiografia que compreende o apagar das luzes imperiais de Roma como um longo e complexo processo. Brown desenha uma interpretação do "apagar das luzes" do Império Romano como um processo longo e notavelmente complexo, em que a "queda" não seria um evento abrupto ou homogêneo. Há o acréscimo de elementos de natureza religiosa, que dito de outra forma, são condicionantes estruturais das condições e experiências históricas dos sujeitos balizados dentro do recorte entendido como sendo entre os séculos III e VIII (250-750 EC)

Dentro da nova ótica apresentada por *Brown*, se observa na produção do historiador uma preocupação com os limites tempo espaciais desse novo mundo tardo antigo. *A priori,* na obra '*The world of late Antiquity'*, o autor define os limites do que chamamos aqui de (1ª Antiguidade Tardia), situada entre os anos entre 250 a 750. Nela, apresentam-se novos aspectos cotidianos, artísticos e religiosos. A questão central para *Brown* centra-se em como o mundo clássico deve ser olhado. O prisma cultural e religioso evidentemente prevalece, pois, para ele, são domínios que permanecem após o século V, uma vez que a suposta queda do Império à época, afetaram unicamente as provinciais ocidentais, ficando incólumes os demais aspectos da vida ordinária.[45]

Brown tensiona inúmeros pontos e aspectos do mundo romano em transição ao longo da obra. Entre eles, os contatos empreendidos nas costas mediterrânicas, sobretudo, durante seu apogeu nos séculos III e IV. A partir disso, argumenta-se que os grupos habitantes desses espaços vivenciaram uma lenta desagregação da unidade política imperial[46]. Sobretudo, quando observadas a gradual transferência de importância para Bizâncio durante o período dos antoninos (96-181), deslocando-se a gravidade para a Ásia Menor e o recrudescimento político e militar, ou, como chama o autor ''recuo do mediterrâneo.''[47]

---

[43] Cf. Acerca do debate inaugurado na década de 1960, outra obra de grande impacto, Ver: CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity: AD 395–600*. London: Routledge, 1993.
[44] Cf. Sobre a obra fundadora e idiossincrática, ver: BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad*. London : Thames and Hudson, 1971.
[45] BROWN, Peter. *Op. Cit.* p. 20.
[46] *Idem*. p. 11-12.
[47] *Idem.* p.22.

O novo ambiente religioso alterado pela inserção lenta do cristianismo no tecido sociocultural e fruto das alterações histórico-religiosas do Ocidente são objetos privilegiados de *P. Brown*. A transição vivenciada entre os anos de 170 e 300 e as dinâmicas artísticas religiosas são centrais na análise. Para ele, o duelo entre o cristianismo e o paganismo no campo literário extrapolou para o cotidiano e são sintomas das alterações sentidas desde o século II.[48] *Deus*, com letra maiúscula e no singular passa a ser uma categoria acessível àqueles fora da cultura clássica e do nicho pagão da liturgia romana, ou seja, o cristianismo penetra nas camas sociais e populares com menos rigor.

O cristianismo ‘’primitivo’’ ainda à margem do ponto de vista jurídico-legal, empenha-se na criação de uma ordem discursiva,[49] mesmo antes da sua oficialização com o Imperador Constantino, em 333. O debate literário travado com o paganismo neoplatônico[50] herdeiro de Plotino serve como estímulo e, consequentemente, instrumento de distinção e formação de uma literatura própria. Havia ainda a partilha do pentateuco com o judaísmo e por fim, resultante desse processo consciente de distinção religiosa e prática, o acréscimo do Novo Evangelho à Bíblia Sagrada. Produto final dessa conjuntura, bem como, a literatura sobre a Vida dos Santos.

Último elemento em meio as tensões em torno da conceitualização do período, *Brown* coloca a *tardo antiguidade* como formadora de uma ‘’nova sociedade’’[51]. O cristianismo dos séculos III e IV passou a operar no campo prático, além do literário e simbólico, promovendo uma profunda transformação estrutural na sociedade. De igual importância, o *monaquismo*, deve ser enquadrado como um fenômeno típico das supracitadas condições materiais, históricas e religiosas. Por exemplo, a trajetória atípica para o período de Santo Antão (c. 113-175), suas ações ilustram tal momento: seus valores ascéticos se chocavam com os costumes do mundo romano clássico, antecipando modos de vida que, mais tarde, seriam normativos para monges e leigos, ampliando o alcance do discurso e das práticas cristãs no tecido sociocultural.

Além disso, o cristianismo torna acessíveis a diversas camadas sociais — e não somente a uma elite próxima da liturgia sacra — ideais como lealdade e intimidade com Deus. A prática cristã, portanto, aproxima “agentes históricos ordinários” das classes senatoriais, unindo-as numa liturgia e num discurso pautados na ideia de comunidade e

---

[48] *Idem.* p.52.
[49] Cf. GIGON, Olof. *Die antike Kultur und das Christentum*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967 ; MEEKS, Wayne A. *The First Urban Christians: The Social World of the Apostle Paul.* New Haven; London: Yale University Press, 1983 ;
[50] PRATT, Mary Louise. Arts of the contact zone. *Profession*, New York, Modern Language Association, 1991, p. 33–40.
[51] BROWN, Peter. *Op. cit*. p.101.

assistência aos necessitados. Podemos ver os agentes históricos ordinários, os ‘’infames da História’’[52] como atenta Lilia Ferreira Lobo, assim como a classe senatorial, evidentemente, comungando de uma mesma prática litúrgica, discurso e prática que tem como sentimentos principais a lealdade, intimidade e aproximação com Deus[53] não apenas com o divino.

Na mesma confluência e a partir das análises de *Peter Brown*, a obra de Henri-Irénée Marrou, ‘’*Décadence romaine ou l’Antiquité tardive? III au VI siècle*[54]’’ publicada originalmente em 1977, reforça a necessidade de compreender as especificidades tempo espaciais da Antiguidade Tardia, dito de outra forma - em seus próprios termos, sem interpretá-la sob a noção de decadência herdada da tradição historiográfica do século XVIII e perpetuada em partes no século XX. Marrou mostra um olhar atento e retrospectivo sobre sua própria obra de 1949[55] em comparação às obras posteriores, além do conceito e o enquadramento temático definidos.

Em diálogo com Brown, H.I.Marrou argumenta que esses séculos finais do Império Romano não devem ser presos ao rótulo de “queda” ou “declínio”, mas vistos como uma etapa histórica autônoma, portadora de características positivas. Entre elas, a difusão e a institucionalização do cristianismo, a transformação das práticas sociais e culturais (como a moda e a adoção de novos tecidos e indumentárias) e a persistência de jogos e entretenimentos populares. Para Marrou, tais mudanças demonstram que o ambiente se modifica de maneira menos perceptível do que sugerem as leituras de ruptura abrupta, guardando elementos tradicionais e incorporando outros novos, sobretudo a partir da sacralização da arte cristã, da literatura hagiográfica e de uma ciência teológica cada vez mais relevante.

O autor acrescenta ainda, além do enfoque dado cristianismo, os costumes, como o vestir-se, as mudanças de tecido, utilidade das indumentárias, a paixão pelos jogos[56] e como o ambiente, portanto, está se transformando de forma menos perceptível e abrupta. Conservando, inclusive, os elementos dessa transformação. O escopo do autor é a nova religião que se plasmava na sacralidade denotada sobretudo na arte cristã, na ciência sagrada e de igual maneira, novamente, através da vida dos Santos.

---

[52] Cf. LOBO, Lilia Ferreira. *Infames da História: a construção do imaginário social sobre os excluídos*. Rio de Janeiro: Editora X, 2010.
[53] BROWN, Peter. *Op.cit*. p. 59.
[54] Cf. MARROU, Henri-Irénée. *Décadence romaine ou antiquité tardive ? IIIe au VIe siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.
[55] MARROU, H.I. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: E. De Boccard, 1949.
[56] MARROU, H.I. *Op. cit.*, p. 27.

Essa nova ótica gradualmente foi enriquecida pelos trabalhos de Santo Mazzarino[57], suas obras em português só começaram a ser difundidas no final da década de 1980, constitui mais um passo na superação do conceito de "decadência".[58], embora escrevesse e tivesse circulação na Europa desde a década de 1940. Ele, assim como de *G.W Bowersock[59], Andrea Giardina[60], Arnaldo Marcone[61], Garcia Moreno[62], Waldir Freitas Oliveira,[63], Everton Grein[64] e Renan Frighetto[65],* promoveram uma abordagem centrada na complexidade da Antiguidade Tardia e na importância de estudá-la em seus próprios termos. Nesse sentido, cabe ressaltar que nem mesmo Jacques Le Goff deixou de reconhecer a relevância do termo "Antiguidade Tardia". Embora, em sua produção, se inclinasse a interpretar o período entre os séculos V e X como parte da Alta Idade Média, Le Goff concorda quanto à pertinência de compreender a transição do mundo romano sob uma perspectiva positiva e dinâmica, herdada do ''baixo Império''[66]

O autor corrobora a tese de André Piganiol no que concerne o fim do império romano, alegando que este '' [...] não teve morte natural, foi assassinado, e desse assassinato teria nascido a Idade Média.''[67] Em seguida, *Le Goff* destaca inclusive que,

> ''hoje os historiadores pensam que a passagem da Antiguidade para a Idade Média foi o resultado de uma longa evolução positiva, mesmo que tenha sido marcada por episódios violentos e espetaculares. É para sublinhar esta mudança de concepção que, para designar o período que se estende do século IV ao VIII, emprega-se de preferência hoje a expressão Antiguidade Tardia.''[68]

---

[57] MAZZARINO, Santo. *Stilicone: La crise imperiale dopo Teodosio*. Milão: Rizzoli Editore, 1942. Cf. Ver, Aspetti sociali del IV secolo. Ricerche di storia tardoromana. Roma: l'Erma di Bretschneider, 1951; MAZZARINO, Santo. The end of the Ancient World. Alfred A. Knopf, 1966.

[58] Cf. MAZZARINO, Santo.*O fim do mundo antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

[59] Cf. BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (org.). *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1999. Nessa obra singular do recorte tardo antigo, a cooperação entre os historiadores focam interdisciplinarmente nos novos problemas e abordagens acerca da temática, relacionando arte, arqueologia, política e cultura. Além disso, expandem temporalmente as balizas da tardo antiguidade até o século IX. *Mosaics as History: The Near East from Late Antiquity to Islam*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006. Nesse texto, o autor expande a perspectiva ao Oriente, analisando mosaicos como evidencia histórica dessas permanências menos visíveis nas instituições do Oriente Próximo.

[60] Cf. GIARDINA, Andrea. *Esplosione di tardoantico*. Roma-Bari: Laterza, 1999.

[61] Cf. MARCONE, Arnaldo. *Storia dell'età tardoantica: da Diocleziano a Giustiniano*. Bologna: Il Mulino, 2008.

[62] Cf. GARCIA MORENO, L. A. *El Bajo Imperio Romano*. Madrid: Síntesis, 1998.

[63] Cf. OLIVEIRA, Waldir Freitas. A Antiguidade Tardia. 1ª ed. Ática: 1990.

[64] Cf. GREIN, Everton**.** Translatio ad mundus: a transformação do mundo romano e a Antiguidade Tardia. Elementos teóricos para uma perspectiva historiográfica. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 3, p. 106–122, 2009. Disponível em: https://revistahh.emnuvens.com.br/hh/article/view/173.

[65] Cf. FRIGHETTO, Renan. *Poder e política na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Juruá, 2000. FRIGHETTO, Renan. "Entre a Antiguidade e a Idade Média: algumas considerações sobre a Antiguidade Tardia (séculos II–VIII)." *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 21, p. 59-71, 2021.

[66] LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 2018. p, 33.

[67] LE GOFF, Jacques. *As raízes da Europa medieval*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 25.

[68] Le GOFF, *Idem*. p. 25.

Por trás das questões de natureza epistemológica que permeiam o estudo sobre a Antiguidade Tardia houve uma escola historiográfica que merece atenção. Autores como Perry Anderson são representantes da abordagem marxista na História antiga e medieval, na clássica obra ‘’Passagens da antiguidade ao feudalismo’’ o autor privilegia uma abordagem econômico-social pautada nos modos de produção. Para ele, o modo de produção feudal foi resultante do modelo primitivo quando somado ao escravagista clássico, o que ele chama de ‘’síntese histórica’’[69] do modelo produtivo.

Entretanto, essa formulação retira a possibilidade de enxergar a Antiguidade Tardia como período específico e de transição, pois Anderson identifica na crise do escravismo do século III e no fortalecimento do *colonatus* — associado à grande propriedade e à mão de obra rural servil — a origem mesma do modelo feudal. Dessa forma, as chamadas “migrações germânicas” apenas completariam a passagem entre a Antiguidade e o modo de produção feudal, sem requerer uma delimitação própria para o período.[70]

Não se trata, portanto, de uma análise ao modo *Gibbon*, privilegiando um olhar que atesta a ideia de ‘’declínio e queda’’ de Roma, vai noutro sentido. Mas Anderson deixa de lado, em virtude do foco econômico, outros aspectos importantes que normalmente realçam e permitem observar as singularidades da *Antiguidade Tardia*. A metodologia do autor relega ao cristianismo, tanto insurgente, quanto desenvolvido no Ocidente Romano um papel secundário. E, como *Brown* atenta, o cristianismo é parte integrante desse mundo em transformação, sinaliza e define a *Antiguidade Tardia* em detrimento do mundo clássico e projetando a medievalidade como período distinto, sobretudo, pela lógica social-produtiva.[71]

Em contrapartida, Andrea Giardina, vinculado à historiografia marxista italiana (ligada ao Instituto Antônio Gramsci), aborda o conceito de “transição” para compreender as mudanças do mundo romano entre Marco Aurélio e Diocleciano, enfatizando uma longa duração. Giardina critica a periodização tradicional, utilizada largamente de 1950 a 1990, que, a seu ver, recai numa contradição: ora define-se a Tardo-Antiguidade como um “período autônomo ou específico”, ora a enquadra como “transição”.

---

[69] ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1976, p. 140.
[70] ANDERSON*, Op. cit*., p.122.
[71] BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo*: revolução e diversidade (200-1000 d.C.). Rio de Janeiro, 1999. p. 274.

No campo da arqueologia a utilização de vestígios físicos faz-se extrema importância, uma vez que a cultura material se soma ao *metier* investigavo, e supre, em muitos casos a escassez documental próprias desse período de menor letramento. Para o arqueólogo *Klavs Randsborg*, por exemplo, dentro do escopo da cultura material, a *Antiguidade Tardia* não apresenta alterações estruturais. Segundo o autor e considerando as diversas balizas inicias e finais propostas pela literatura do período, o fato da materialidade do mundo físico ter pouco se alterado, resultou na proposta do autor de um arco temporal que compreende o fim do mundo antigo até o ano mil.[72]

A despeito dessas interpretações, fica claro que o conceito delineado desde Alois Riegl se encontra mesclado a uma variedade de ideias e abordagens, tanto na historiografia quanto em disciplinas auxiliares, ao longo do século XX. Tal diversidade ensejou novos questionamentos sobre natureza espaço-temporal, métodos e aplicações conceituais — desde a assimilação e a etnogênese até os temas de transformações, migrações, mobilidades e "zonas de contato". Em diversos casos, esses novos marcos substituíram noções que refletiam épocas precedentes. Faz parte do próprio contexto intelectual do século XX o movimento de revisão de teorias e reinterpretação de fontes; a Antiguidade Tardia não escapou a esse processo revisionista, ressaltando-se como alvo frequente de revisões e debates historiográficos.

1.2 Ampliação do conceito Antiguidade Tardia na aurora do século XXI.

Assim como a obra de Peter Brown inaugura um novo momento aos estudos tardo antigos a partir de 1971, outras obras no final do século XX testemunharam as revisões sintomáticas decorrentes da consolidação dos grupos de pesquisa e da efervescência acadêmica voltada ao período. Em 1999 a obra '' *A guide to the post – classical world*[73] '' (organizada por *Brown*, *Glen Bowersock e André Grabar)* traz novas abordagens e perspectivas. O trabalho reúne proposições e um olhar retroativo às questões do mundo clássico e o período seguinte. Essa grande organização é fruto dos trabalhos que Brown

[72] RANDSBORG, Klavs. *The First Millennium A.D. in Europe and the Mediterranean: An Archaeological Essay*. Cambridge : Cambridge University Press, 1991. Cf. "Barbarians, Classical Antiquity, and the Rise of Western Europe : An Archaeological Essay". *Past & Present*, Oxford, n. 137, 1991, p. 8–24.
[73] BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (org.). Introduction. In : BOWERSOCK, G. W ; BROWN, Peter ; GRABAR, Oleg (org.). *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1999.

desenvolvia na década de 90, onde repensava as estruturas próprias da *Antiguidade Tardia*, culminando assim, em novas abordagens e objetos do autor[74].

Paralelamente, um texto de grande circulação no Brasil, Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental (2000), de Renan Frighetto, sinaliza a inserção direta desse tema no cenário acadêmico nacional. Nela, o autor trabalha com a perspectiva das permanências culturais, políticas, econômicas, militares e sobretudo, linguísticas no bojo das novas propostas. Dessa forma, argumenta perspectivando elementos chaves ao longo do trabalho, caminhando na compreensão da transição entre a categoria sociojurídica de ''*seruus'' e* ''*colonum''*, da instituição política entendida como *imperium* em direção ao *regnum.*[75]

A transição constitui elemento central de análise na obra do autor. Inclusive, o respectivo trabalho bebe diretamente da ideia de que o Império Romano do Ocidente e os espaços compreendidos pela tardo antiguidade vivenciaram um processo histórico de transição, não ruptura. Dentre as novas configurações e práticas, o *paganismo romano* aparece em estrita relação aos valores germânicos, sendo assim, vemos uma fundição das ambas as culturas ao longo dos séculos III e IV, gestando dessa forma uma nova religião popular.

De acordo com Brown*,* o processo de cristianização estava em curso, o que ocorre são interações dentro das zonas romano-pagãs, promovendo a ascensão de uma religião com características que respondiam as dinâmicas da época, sobretudo, no mundo rural.[76] Outro sintoma enfatizado pelo autor, assim como nos trabalhos de Marrou*,* são as ordens monacais. A via eremítica, por exemplo, junto às ordens constituídas *a posteriori,* são outro sintoma desse mundo em transformação a partir do século III, principalmente pelo eremitismo que, embora muito contestado, funcionou como elemento evangelizador das populações rurais pagãs.[77]

Frighetto reflete sobre as alterações político-militares, entendendo o *rex, reik*[78] e sua incorporação as hostes militares do Império Romano como *foederatii*[79]*.* Em seguida, apresenta o sistema germânico e como a *electio (eleição)* funcionava para eleger uma liderança, escolhendo '' alguém entre os seus iguais'' *(primus inter pares*). O autor

---

[74] BROWN, Peter. *Power and persuasion in late Antiquity*. Madison : University of Wisconsin Press, 1992 ; BROWN, P. et alii. The world of late Antiquity revisited. *Symbolae Osloenses*. Oslo, n. 72, 1997, p. 5-90;
[75] FRIGHETTO, Renan. *Poder e política na Antiguidade Tardia*, p. 24.
[76] *BROWN*, Op.cit. p.24.
[77] *Idem*. p. 43.
[78] TÁCITO, Públio Cornélio. *Germania: origem e localização dos Germanos*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992
[79] FRIGHETTO, Renan. *Poder e política na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Juruá, 2000.

analisa como se dá a nova dinâmica, completamente inédita para os romanos que utilizavam a *aclamatius ab imperator.*[80] Esse sistema entende-se na obra como um *protofeudalismo*[81]

É importante destacar que a expansão de novos problemas, objetos, metodologias na temática da Antiguidade Tardia e a introdução dos aspectos culturais e religiosos somam-se as contribuições de natureza econômica e política há muito estabelecidas e com primazia sobre outros aspectos. Contemporânea a obra de Frighetto e traduzida para o português em 1999, ‘’A ascensão do cristianismo’’ de Peter Brown[82] é uma das obras que reconsidera os marcos e balizas tempo-espaciais do período. Nesta obra, consolidado o conceito, privilegia-se um refinamento das ideias que delimitavam e enquadravam os estudos, a via religiosa e o estudo sistemático do cristianismo ganham destaque.

O autor propõe a ideia que distingue o cristianismo em dois períodos. Há segundo ele, o *primeiro cristianismo,* parte de um dito ‘’cristianismo primitivo’’ e justificado no caráter marginal frente ao paganismo romano e estendendo-se-até a consolidação com Constantino I (303-337). Depois da sua oficialização como religião do Império em 333, haveria assim, *o segundo cristianismo*, iniciado no século IV indo até a institucionalização próximo ao ano mil. Produto direto dessa segunda idade, madura e articulada com os processos históricos anteriores ao século V e sob liderança dos homens da igreja, como o bispo bretão Bonifácio, a evangelização operou dentro dos limites impostos. Por fim, além dos novos enfoques que fogem do espoco puramente social e econômico, ‘’A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (século II-VIII)[83]’’ contribui por interpretar na integração dos ‘’bárbaros’’ ao mundo imperial romano dentro de uma longa duração, o que melhor explica a descaracterização das instituições propriamente ditas do mundo clássico.

O movimento epistemológico delineado pela obra coorganizada por Peter Brown, Glen Bowersock e André Grabar (Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World, 1999) evidencia de modo consistente essa “virada de chave” metodológica. Esse empreendimento coletivo, ao mesmo tempo altivo e abrangente, introduz novos objetos de análise e perspectivas interpretativas que redefinem a Antiguidade Tardia. Inclusive, definem o conceito partindo da ideia que,

---

[80] FRIGHETTO, *Op.cit.,* p. 52-53.
[81] *Idem*. p. 62
[82] BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo: revolução e diversidade (200-1000 d.C*). Rio de Janeiro: 1999.
[83] FRIGHETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (século II–VIII)*. Curitiba: CRV, 2011.

> Não se trata, como já foi para Edward Gibbon, de um assunto de fascínio obsessivo apenas como a história do desmoronamento de um estado de civilização outrora glorioso e "superior". Não foi um período de declínio e queda irrevogáveis; tampouco foi apenas um prelúdio violento e apressado de coisas melhores. Não pode ser tratado como um cadáver a ser rapidamente arrastado para fora do palco para que o próximo grande ato do drama da Idade Média tenha início - com o surgimento da Europa católica e a criação da civilização árabe associada à era de ouro do Islã medieval[84]

Marcelo Candido da Silva que reconhece o período denominado 'Antiguidade Tardia 'como especifico e destacado[85], de acordo com o autor,

> ''ainda que às vezes colocada em questão, ou submetidas a interpretações radicalizadas (como é o caso entre os "hiper-romanistas"), a noção da Antiguidade Tardia teve o mérito de situar a formação dos reinos bárbaros menos como o fim do mundo romano do que como uma reorganização de forças em sociedades ainda marcadas pela influência do Império Romano, mas profundamente originais.''[86]

É dessa forma que a Antiguidade Tardia será observada, como período específico e estrutural, dado que se estendeu dos séculos III ao IX, mantendo dinâmicas e práticas próprias e apresentando manifestações ambivalentes também. Como atenta Marcelo Candido da Silva, '' O uso da expressão Alta Idade Média não indica necessariamente a crença em uma ruptura entre Antiguidade e Idade Média.[87]'', pelo contrário, aponta que o período deve ser compreendido dentro dos parâmetros dispostos nas zonas de contatos estudadas no respectivo trabalho, não limitando-se as regiões entre o Reno e Loire.[88]

---

[84] LIEBESCHUETZ, J. H. W. G.; CAMERON, Averil (orgs.). *Late Antiquity: a guide to the postclassical world*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999. '*' It is not, as it once was for Edward Gibbon, a subject of obsessive fascination only as the story of the unraveling of a once glorious and " higher" state of civilization. It was not a period of irrevocable Decline and Fall ; nor was it merely a violent and hurried prelude to better things. It cannot be treated as a corpse to be dragged quickly offstage so that the next great act of the drama of the Middle Ages should begin—with the emergence of Catholic Europe and the creation of the Arabic civilization associated with the golden age of medieval Islam*." (tradução nossa). p.9.

[85] DA SILVA, Marcelo Cândido. Público e privado nos textos jurídicos francos. *História*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 29–48, jan./jun. 2010.p.38.

[86] DA SILVA, op.cit., p.38.

[87] DA SILVA, Marcelo. *Entre "Antiguidade Tardia" e "Alta Idade Média"*. *Diálogos (Maringá)*, v. 12, n. 2–3, p. 61, 2008. p.61.

[88] Cf. Sobre a tradição historiográfica que credita a região entre o Reno e o Loire o nascimento de um feudalismo ainda no séculos VIII e IX ver: GANSHOF, François Louis. *Qu'est-ce que la féodalité ?* Bruxelles : Éditions de la Librairie Encyclopédique, 1950. MENDONÇA, Sonia de. *Feudalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *O feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

1.3 A região danesa durante a Antiguidade Tardia;

Dentro das condições geo-histórias que um determinado espaço pode manifestar, a Escandinávia e o território *danes* constituem um exemplo aparente de como as condições históricas, propriamente ditas, regulam e ditam as dinâmicas e ações[89]. Auguste Geffroy descreve a geografia irregular da Escandinávia chamando atenção para a diferente região da Dinamarca, que nas suas palavras,

> ‘’ A Jutlândia, Slesvig, Hotstein e Lauenburg, com os Mes, de Funen, Zelândia, Laaland e alguns outros de menor importância, formam o reino da Dinamarca, que nada mais é do que o prolongamento das planícies do norte da Alemanha. As alturas são de pouca importância, mas ela mesma, composta de areia sobre argila, não contém metais, mas ricas pedreiras de calcário. Enormes quantidades de turfa e uma grande quantidade de raízes e troncos de árvores enterrados nos pântanos parecem estar orgulhosos. A Dinamarca já foi coberta por uma grande extensão de florestas. dos quais apenas a costa leste preservou alguns vestígios. Protegido à oeste por dunas e diques, a costa é invadida a leste por pântanos. As lagoas e pântanos, com lagos e rios, formam uma parte considerável do território, estimado em setecentos e quinze quilômetros quadrados para as águas e mil novecentos e vinte e cinco para terras pantanosas. A vizinhança da terra torna o clima da Dinamarca menos frio do que sua posição na extremidade norte da zona temperada parece indicar; mas a abundância de águas interiores causa vapores e neblinas úmidas. O termômetro cai durante o inverno para pelo menos 3 ° C, para 11 ° C; durante o verão, subiu. O outono, a estação mais bonita, é pouco tempo, o inverno, com neve e chuva, traz pouco gelo para as costas; O dia mais curto dura cerca de sete horas. A umidade quase constante da Dinamarca mantém uma verdura tão fresca quanto a da Inglaterra. Os cereais são abundantes e constituem um importante objeto de exportação.’’[90]

De baixa altitude, coberta por florestas decíduas e terrenos agrícolas ondulados. A fertilidade dos solos, o fácil acessos ao mar e sua conexão com a Europa continental explicam a precocidade de sua coesão política e seu papel sociopolítico no continente. Como destaca Else Roesdahl,

> ‘’Dinamarca aqui significa Dinamarca da Era Viking, com as muralhas do Danevirke e o rio Eider no norte da Alemanha moderna como sua fronteira sul. A Leste, o país incluía Skane e Halland, agora na Suécia. Nestas regiões da Alemanha e da Suécia, uma vez na Dinamarca, a tónica será colocada principalmente nas cidades de Hedeby e Lund e no Danevirke.’’[91] (tradução nossa)

---

[89] BRAUDEL, Fernand. “A longa duração”. In: *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1979, p. 9. Para um debate acerca da geo-história e o conceito de longa duração, Ver: Cf. *Idem*. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II.* Paris : Armand Colin, 1966.

[90] GEFFROY, Auguste. *Histoire des États scandinaves (Suède, Norvège, Danemark)*. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1851. p. 9.

[91] ROESDAHL, Else. *Viking Age Denmark*.. London : (A Colonnade Book), 1982. p. 9. Cf. HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the vikings*. Lanham: Scarecrow Press, 2003. p. 4-5.

A região onde hoje é a Dinamarca, exibe relevos suaves e férteis campos, torna-se uma passagem natural entre o Norte e o restante da Europa. Sua posição privilegiada, conjugada à fertilidade natural das terras, acelerou os processos de centralização política que nos detemos aqui, destacando-a como eixo primordial das interações econômicas, culturais e militares da região. Este papel foi potencializado ainda pelas conexões marítimas naturais com ilhas estratégicas, fundamentais nas rotas comerciais bálticas (PRICE, 2021).

Roesdahl continua descrevendo a Dinamarca e resguardando suas idiossincrasias geográficas que condicionaram totalmente as condições históricas defendendo que,

> ‘’Comparada com a Noruega e a Suécia, a Dinamarca é um país pequeno, com cerca de 375 km de comprimento de Skagen, no Norte, até o rio Eider, no sul. É muito plano, seu ponto mais alto apenas 173 m acima do nível do mar. O continente, Jutlândia, tem uma costa de fiorde no Leste; O resto do reino consiste em ilhas de todos os tamanhos. Como a Suécia, a Dinamarca tem um clima a meio caminho entre o litoral e o continental, mas os invernos são geralmente amenos e os verões bastante quentes. A agricultura era a principal ocupação na Era Viking, embora a caça fosse de importância mínima. Como em outras partes da Escandinávia, o mar estava cheio de peixes, mas a Dinamarca carecia de suprimentos inesgotáveis de boa madeira. O imenso consumo de carvalho durante a Era Viking teve um impacto considerável nas florestas decíduas.’’[92] (tradução nossa)

Sobre a alegação de que comparada as vizinhas coloca-se numa condição privilegiada, Jean Renaud (2019) complementa destacando que a localização da Dinamarca facilitou incursões *vikings* pelo continente europeu, especialmente no tocante à Normandia e Inglaterra, embora em princípio, tenha havido um recorte potencializado pelas mobilidades de forma geral. Para Olsen (1989), essas condições também propiciaram diferentes formas de poder regional, onde comunidades locais podiam permanecer relativamente isoladas ou, ao contrário, intensificar interações comerciais e políticas. De acordo com o autor,

> ‘’O reino viking da Dinamarca consistia na península de Jylland, nas ilhas de Fyn e Sjœlland e em várias ilhas menores, além da parte mais meridional da atual Suécia, ou seja, as províncias de Skàne, Holanda e Blekinge. Uma antiga divisão da Dinamarca em três partes com Jylland, Sjaelland e Skâne como centros, cada uma com seus próprios códigos de leis, se reflete no

[92] ROESDAHL, Else. *The Vikings*. London : Penguin Books, 1998. p. 27. ‘’ *Compared with Norway and Sweden, Denmark is a small country, about 375 km long from Skagen in the north to the river Eider in the south. It is very flat, its highest point only 173 m above sea-level. The mainland, Jutland, has a fjord coastline in the east; the rest of the kingdom consists of islands of all sizes. Like Sweden, Denmark has a climate mid-way between coastal and continental, but the winters are generally mild and the summers quite warm. Agriculture was the main occupation in the Viking Age, hile hunting was of minimal importance*.’’

> aparecimento de livros escritos de direito provincial do século 13.”[93] (tradução nossa)

Não apenas a paisagem, mas as pessoas durante a Escandinávia da Era Viking estiveram organicamente colocadas e interrelacionadas com as suas condições históricas. É nesse interim que observamos os agentes daneses guardados pela sua singularidade frente as descrições francas. No século XIX, em seus estudos sobre a unificação da monarquia danesa, Auguste Geffroy, já destacava que,

> ‘’ A Dinamarca encontrou-se em contato com a Europa constituída por Carlos Magno e já cristã antes dos outros estados nórdicos. Skiold, depois de Odin, foi o fundador da primeira dinastia de seus reis. Ele residia, ele e seus sucessores imediatos, em Lund, em Skåne, ou melhor, em Lethra, o antigo templo de Odin, na ilha da Zelândia. Por algum tempo, houve reis de Skåne distintos dos reis da Zelândia. O primeiro a unir essas duas províncias foi Dan Mykillati, por volta do ano 270 d.C. O novo reino que ele assim formou, e que de seu nome foi chamado de Dinamarca, foi ainda mais dividido, por volta do ano 404, por dois príncipes chamados Helge e Roe. Este último fundou, diz-se, a cidade de Roskilde; mas ele quase sempre residia em uma parte de Northumberland que havia conquistado dos anglo-saxões, na Grã-Bretanha. Helge, seu irmão, invadiu a Suécia, saqueou Upsal, levou a rainha daquele país e se casou com ela. Desse casamento nasceu o famoso Rolf-Krake. As Sagas elogiam seu tamanho gigantesco, sua força extraordinária, sua bravura, sua magnanimidade. Ele fez muitas conquistas na Suécia, Escânia e Inglaterra, e morreu sem filhos, assassinado por um de seus feudais, a quem ele havia feito seu genro. Depois dele, a guerra civil destruiu as diferentes partes da Dinamarca.”[94] (tradução nossa)

A importância da geografia e das condições moldadas pela paisagem ressoam inclusive em trabalhos como ‘*’de la mer du Nord à la mer Baltique: Identités, contacts et*

---

[93] OLSEN, Olaf. Royal Power in Viking Age Denmark. In : *Les mondes normands (VIIIe–XIIe siècles)*. Caen : Société d'Archéologie Médiévale, 1989. p. 27–32 ‘’ *The Viking kingdom of Denmar consisted of the peninsula of Jylland, the islands of Fyn and Sjælland and- several smaller islands, plus the southernmost part of the present Sweden, i. e. the provinces of Skàne, Holland and Blekinge. An old division of Denmark in three parts with Jylland, Sjaelland and Skâne as centres, each with their own law codes, is reflected in the appearance of written provincial law books of the 13th century.*” p. 28.

[94] GEFFROY, Auguste. *Histoire des États scandinaves (Suède, Norvège, Danemark)*. Paris : L. Hachette et Cie, 1851. p.45. ‘’ *Le Danemark s’est trouvé plus tôt que les autres États scandinaves en contact avec l’Europe constituée par Charlemagne et déjà chrétienne. Skiold, après Odin, avait été le fondateur de la première dynastie de ses rois. Il résidait, lui et ses successeurs immédiats, soit à Lund, en Scanie, soit plutôt à Lethra, ancien temple d’Odin, dans l’île de Seeland. Pendant quelque temps, il y eut des rois de Scanie distincts des rois de Seeland. Le premier qui réunit ces deux provinces fut Dan Mykillati, vers l’an 270 après J.-C. Le nouveau royaume qu’il forma ainsi, et qui, de son nom, s’appela le Danemark, fut encore divisé, vers l’an 404, par deux princes nommés Hetge et Roe. Celui-ci fonda, dit-on, la ville de Roskilde ; mais il résida presque toujours dans une partie du Northumberland qu’il avait conquise sur les Anglo-Saxons, en Grande-Bretagne. Hetge, son frère, envahit la Suède, pilla Upsal, enleva la reine de ce pays et l’épousa. De ce mariage naquit le célèbre Rolf-Krake. Les Sagas vantent sa taille gigantesque, sa force extraordinaire, sa bravoure, sa magnanimité. Il fit de nombreuses conquêtes en Suède, en Scanie, en Angleterre, et mourut sans enfant, assassiné par un de ses feudataires qu’il avait fait son gendre. Après lui, la guerre civile déchira les différentes parties du Danemark*.”

communications au Moyen Âge[95]', (GAUTIER e ROSSIGNOL, 2018) destacam o papel do Mar do Norte e sua influência sobre os atores históricos, catalisando segundo os autores, processos e dinâmicas alocados entre os séculos VIII e IX. Embora, segundo os autores

> ''Outros fatores podem ter tido consequências mais importantes: a herança da civilização antiga, por exemplo, ou a geografia e as redes de contatos que ela tornou possível. É principalmente nas semelhanças que as contribuições para este volume se concentrarão. As duas áreas estudadas eram áreas de contato propícias a intercâmbios entre sociedades com passados e culturas muito variados.''[96]

A Escandinávia conviveu com inúmeros grupos distintos e por longo período sem coesão alguma. No entanto, desde o século VIII, regiões ao norte e grupos oriundos dele despontam como espaços políticos e militares em expansão. Os grupos formando-se dentro dos incipientes reinos, digladiavam-se e forjavam, dessa forma, os limites geográficos e simbólicos que viriam a caracterizá-los, e indicam, elementos da estrutura tardo antiga. O mais latente destes, inclusive, consiste na fragmentação política-territorial. Isso justifica-se primeiro, por mostrar que internamente os espaços geográficos de todo o mundo germânico tardo antigo, vivem focos de conflitos e disputas de poder promovidos pelas forças centrípetas de poder, estas, por sua vez, inviabilizaram completamente a possibilidade de concentração supra regional de poder. E, por fim, ocorre que, a partir do envolvimento no comércio da região do mar do Norte e do canal da mancha, esses espaços em formação ou recém formados, ficam abertos as interações e zonas de contatos que respingavam diretamente na sua política e formação.[97]

As *mobilidades* dos atores da Escandinávia desenrolam-se ao longo de praticamente três séculos em várias regiões e se concentraram onde hoje fica a Dinamarca, Suécia e Noruega. Sendo este último espaço o responsável por explorar as Ilhas Faroé, Islândia, Irlanda e regiões da Inglaterra. A Suécia, por sua vez, se moveu à leste, fundando postos comerciais na Rússia e ajudando na colonização da região.

---

[95] Cf. GAUTIER, Alban ; ROSSIGNOL, Sébastien (orgs.). *De la mer du Nord à la mer Baltique : Identités, contacts et communications au Moyen Âge*. Lille : Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 2012.

[96] GAUTIER, Alban ; ROSSIGNOL, Sébastien. *De la mer du Nord à la mer Baltique*. Lille : Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 2012, p. 1. ''D'autres facteurs ont pu avoir des conséquences plus importantes : l'héritage de la civilisation antique, par exemple, ou encore la géographie et les réseaux de contacts qu'elle rendit possibles. Ce sont surtout sur les similitudes que se concentreront les contributions à ce volume. Les deux espaces étudiés étaient des zones de contacts propices aux échanges entre sociétés aux passés et aux cultures très variés.''

[97] COOIJMANS, Christian. *Monarchs and Hydrarchs : The Conceptual Development of Viking Activity across the Frankish Realm (c. 750–940)*. London : Routledge, 2020. p. 30.

O conceito de Antiguidade Tardia aplica-se como abordado anteriormente, aos países de tradição romana, nesse caso, a Escandinávia é observada dentro de nuances específicas, demonstrado por exemplo, no trabalho de Albert Gautier e Sébastien Rossignol acerca das zonas de contatos, indicando que,

> ‘’Lemos frequentemente que uma das características fundamentais das regiões orientais e nórdicas da Europa na Idade Média consistiu na ausência de tradições de origem romana. Essa observação se aplica certamente as regiões costeiras do mar Báltico; No entanto, aplica-se apenas parcialmente aos rios do mar do Norte. As províncias romanas tinham existido sobre ambos os lados do canal da Mancha, ainda que na *Brittania,* as continuidades tivessem sido rompido pelo período da ‘’Idade das trevas’’, tendo seguido a retirada das tropas romanas. O norte da ilha, no entanto e as terras situadas do outro lado do mar – no que tornar-se-ia Dinamarca e Noruega – não sendo jamais integradas as estrutura do Império. A Idade Média herda assim, as tradições complexas e nuançadas. [98] (tradução nossa)

Um primeiro aspecto refere-se a baliza temporal da Escandinávia e como o espaço relaciona-se com o que é entendido como ‘’*Era Viking”*. Dessa forma, o advento supracitado e utilizado por amplas parcelas historiográficas consiste na janela 793-1096,[99] período que corresponde ao objeto em questão. No entanto, o referencial utilizado no respectivo trabalho segue a lógica franca-carolíngia das relações àquela conjuntura, portanto, o marco inicial das mobilidades é aqui colocado a partir de 799.

A autora *Katherine Hollman* trilha o caminho contrário, assegurando sobre as balizas cronológicas que,

> assim como todas as épocas históricas, a Era *viking* é um construto escolar artificial [...] o primeiro registro de ataque ao monastério de Lindisfarne em 793 marca um ponto de início conveniente, e a conquista normanda em 1066 tem sido escolhida como um adequado fim para a Era Viking.[100]

Nossa perspectiva caminha em direção à França, a partir da entrada destes agentes no cenário continental, ou seja, na órbita relacional com os demais grupos do continente.

---

[98] GAUTIER, Alban ; ROSSIGNOL, Sébastien. *Op.cit*. p.1 ‘’*On lit souvent qu’une des caractéristiques fondamentales des régions orientales et nordiques de l’Europe au Moyen Âge consiste en l’absence de traditions d’origine romaine. Cette observation s’applique certainement aux régions riveraines de la mer Baltique ; elle ne s’applique cependant qu’en partie aux rivages de la mer du Nord. Des provinces romaines avaient existé sur les deux rives de la Manche, bien qu’en Brittania, les continuités aient été rompues par la période des Dark Ages ayant suivi le retrait des troupes romaines. Le Nord de l’île, cependant, et les terres situées de l’autre côté de la mer – dans ce qui allait devenir le Danemark et la Norvège – n’avaient jamais été intégrés dans les structures de l’Empire. L’époque médiévale hérita donc de traditions complexes et nuancées”*

[99] Cf. HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the Vikings*. London: Penguin Books, 1995. Os trabalhos de Niel Price trabalham com a perspectiva estendendo-se de 790-1100. BRINK, Stefan ; PRICE, Neil (orgs.). *The Viking World*. London ; New York : Routledge, 2008.

[100] HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018,. p. 2-8.

Seja a partir das migrações, das ações *raids*[101] ou da ocupação. A distinção ocorre, pois, entendemos a atividade que caracterizava o *viking* como sazonal, logo, como reitera *Hollman*, ‘’mesmo os *vikings* nem sempre eram *vikings.*[102]’’

1.4 Carolíngios: a invenção de uma família.

Os carolíngios são uma invenção. Fruto de uma construção histórica e historiográfica. ‘’ O nome ‘’carolíngios’’ advém de ‘’*Carolus”*, tanto em referência a Carlos Martel (filho de Pepino, o curto) quanto a Carlos Magno.[103] Enquanto agentes históricos imersos em sua estrutura e conjuntura, deixaram rastros na documentação e cultura material. O arcabouço documental das conjunturas futuras guardariam a justificativa da ‘’usurpação’’, patrocinando a produção de textos[104] relatando a sua descendência e ratificando o *porvir* da linhagem em todos os domínios da vida ordinária.

No entanto, se olharmos a partir de patronímicos, por exemplo, pode-se argumentar que jamais existiram como substantivo coletivo[105]. Desta forma, semelhantemente ao imbróglio ao tentar definir os *danes,* não se pode falar de uma identidade carolíngia, um substantivo coletivo que os abarcasse. Faz-se necessário remontar as origens merovíngias, afim de desbastar e compreender as implicações da formação familiar e a disposição genealógica dos atores envolvidos na construção.

A centralidade da unção régia como instrumento de legitimação política é um dos aspectos mais marcantes do surgimento da dinastia carolíngia. Diferentemente dos merovíngios, cujo poder se apoiava em tradições mais antigas e em laços de parentesco real, os carolíngios, em especial Pepino e seus filhos, recorreram a uma ritualização explícita de seu vínculo com o sagrado para obter reconhecimento de seu governo.

---

[101] Cf. sobre o termo ‘’raids’’ e a função dessa dinâmica durante os primeiros contatos e depois, alternadamente com as práticas mercenárias, ver: ‘’ SPRAGUE, Martina. *Norse Warfare : A portrayal of combat, raids and plunder in the Viking Age”*, Create Space Independent Publishing Platform, 2017.

[102] HOLMANN, *Op. cit*. p.3. Cf. Para um debate etimológico detalhado, ver: HEIDE, Eldar. Víking – 'rower shifting' ? An etymological contribution. *Arkiv för nordisk filologi*, v. 120, p. 41–54, 2005. HEIDE, Eldar. Rus 'eastern Viking' and the víking 'rower shifting' etymology. *Arkiv för nordisk filologi*, v. 121, p. 75–77, 2006. Além disso, HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018, p. 2-5. RENAUD, Jean. *Les Vikings : vérités et légendes*. Paris : Perrin, 2019. p. 20. No capítulo 1, o autor inquire : *‘’Connaît-on l’origine du mot ‘viking?”*

[103] DEPREUX, Philippe**.** *Charlemagne et la dynastie carolingienne*. Paris : Tallandier, 2007. p.7.

[104] CROSS, Catherine Clare. *Enemy and Ancestral : Identities and Ethnic Boundaries in England and Normandy (950–1015)*. London : 2018, p.54.

[105] COULANGES, Numa Denis Fustel de. *Histoire des institutions politiques de l’ancienne France*. Paris: Hachette, 1875–1892, v. 1, p. 123.

A fonte frequentemente evocada para tratar do tema é *Eginhard*[106], biógrafo de Carlos Magno. Embora a *Vita Karoli Magni* (ou *Vida de Carlos Magno*) descreva mais detalhadamente a pessoa e as conquistas de Carlos Magno, ecoa também o peso político-religioso que a Igreja teve ao legitimar a nova dinastia, o mecanismo da unção aparece como inédito. Antes mesmo da coroação imperial de Carlos em 800, ocorrera um momento-chave em 754, quando o papa – no caso, Estêvão II ungiu Pepino, recém-aclamado rei, e também seus filhos, Carlos e Carlomano, num ritual ocorrido em Saint-Denis. a "unção" aparece como algo inédito naquele contexto

A unção reforçava simbolicamente a ideia de que o poder régio era concedido por Deus *(rex a Deo coronatus),* iniciativa fundamental para cimentar o prestígio e a legitimidade do novo reinado. A descrição do cronista Eginhardo confirma que,

> [754] '' O Papa Estêvão, depois de ter recebido do rei a promessa de que defenderia a igreja romana, consagrou-o pela sagrada *unção*, investido de dignidade com seus dois filhos Carlos e Carlomano, e passa o inverno em Paris. No mesmo ano, Bonifácio, arcebispo de Metz, pregando a palavra de Deus na Frísia, foi morto pelos pagãos e recebeu a coroa do martírio."[107] (tradução nossa)

As famílias de linhagem arnulfinga — derivadas de Arnulfo (mais tarde bispo de Metz) — e pipinida — oriunda de Pepino de Landen — ascenderam como protagonistas dentro do contexto favorável à aristocracia austrasiana. Candidatas ao exercício de poder que se fortalecia na região, tratava-se de grupos capazes de reivindicar o poder que se solidificava na parte ocidental do reino merovíngio, mais especificamente à Oeste do reino merovíngio. Para Depreux,

> ''a fortuna deles conheceu intermitências entre o fim do século VII e 751, quando Pepino, o curto, depôs Childerico III, fez-se sagrar rei e funda uma nova dinastia. Essa promoção não era, no entanto, devido ao azar: ela

---

[106] Cf. Para uma análise prosopográfica e detalhada sobre a vida e produção, Ver: DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Charlemagne (768–814)*. Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1997, p. 177. Entre os cronistas da era carolíngia, *Eginhardo* (ou *Einhard*, em latim *Einhardus*) se destaca por ter sido autor de uma das principais obras dedicadas a Carlos Magno, a *Vita Karoli Magni* (Vida de Carlos Magno). Na tradição historiográfica, ele é frequentemente lembrado não apenas por seu papel de grande conselheiro e administrador na corte carolíngia, mas também por ter registrado durante considerável período os eventos e conjuntura franca.

[107] ÉGINHARD. "*Annales D'Éginhard : race des carlovingiens. Pepin-le-brèf (741-768)*". In: GUIZOT, François (org.). *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France : depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13e siècle; avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes*. Paris : J.-L.-J. Brière, 1824. t. 3, p. 5 '' Le pape Etienne, après avoir reçu du roi la promesse qu'il défendrait l'église romaine, le consacra par l'onction sacrée, comme revêtu de la dignité ainsi que ses deux fils Charles et Carloman, et passa l'hiver à Paris. Dans la même année, Boniface, archevêque de Metz, prêchant la parole de Dieu en Frise, fut tué par les païens, et reçut la couronne du martyre''

> repousava sobre a riqueza de uma família que soube colocar-se na cabeça da aristocracia austrasiana. [108] (tradução nossa)

A ligação entre os ramos familiares e a composição da complexa teia genealógica do reino merovíngio explica o produto observado a partir da segunda metade do século VII centrado na figura de Pepino. Afinal, o reino merovíngio era composto ainda por Nêustria e Burgúndia, além da Austrásia.[109] Dentro dessa composição política, ocorre ao mesmo tempo, um processo que danifica as dinâmicas de exercício de poder, as famílias e os círculos aristocráticos adeptos de um determinado rei, começam a minar-se politicamente.[110]

Durante os séculos VI e VII, a paisagem política e social da antiga Gália se reorganizava a partir das estruturas remanescentes do Império Romano, reconfiguradas sob a autoridade dos reis merovíngios. Conforme observa Henri Pirenne,

> ‘’Se considerarmos os 150 anos que se seguem à morte de Clóvis [...] reconheceremos que os homens diferiam pouco daquilo que haviam sido no último século do Império. Mas se nos transportarmos, ao contrário, para o século VIII e para o século IX, veremos que, sob uma aparência talvez mais romana, a sociedade é absolutamente diferente daquilo que havia sido sob a autoridade de Roma.[111]

Os séculos VI e VII, nesse sentido, devem ser lidos como o pano de fundo de um longo processo de transição em que a herança tardo galo-romana foi incorporada — e gradualmente transformada — pelas elites emergentes. A nova aristocracia do século VIII, sob os auspícios da família carolíngia, representa ao mesmo tempo uma continuidade institucional do modelo merovíngio e uma inovação política radical, legitimada pela unção régia conduzida pelo papa Estêvão II em 754. A bênção papal à linhagem inaugurada por Carlos Martel, e continuada por Carlomano e Carlos, traduz um novo patamar simbólico: a articulação entre poder secular e autoridade espiritual enquanto fundamento da soberania.

Dito isso, se apresentam e mobilizam debates desde o século XIX, Fustel de Coulanges, em sua ‘*Histoire des institutions politiques de l’ancienne France’*, interpreta

---

[108] DEPREUX*, Op.cit.,* p. 9 ‘’Leur fortune connut des intermittences entre le début du VIIe siècle et 751, lorsque Pépin le Bref déposa Childéric III, se fit sacrer roi et fonda une nouvelle dynastie. Cette promotion n’était toutefois pas due au hasard : elle reposait sur la richesse d’une famille qui sut se placer à la tête de l’aristocratie austrasienne.’’

[109] *Idem*. p. 126.

[110] *Idem*. p. 9.

[111] PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno:* o império do Islã sobre a civilização europeia. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010. p., 178.

o surgimento da dinastia carolíngia como uma inflexão decisiva em direção a uma aristocracia de matriz germânica, distinta daquela que dominava sob os merovíngios. Para Coulanges, há uma espécie de "revolução de valores"[112] entre a aristocracia galoromana do período merovíngio e a nobreza carolíngia, mais profundamente ancorada em valores germânicos e em formas de autoridade personalista.

Diferentemente de *Coulanges*, *H. Pirenne* escrevendo no século seguinte, cristaliza o debate e sintetiza na ideia de *decadência*[113], sobretudo, pela atestação de que o processo, segundo o autor, deu-se pela falência administrativa e da convulsão econômico e social dos governantes merovíngios em contraste com a tradição romana. Além disso, a falência explica-se em primeiro lugar pelo desvio gradual e derradeiro na função dos *maires du palais*[114] e de igual maneira, pelo que ele chama de golpe de Estado por parte dos carolíngios, processo lento sobre o rei Dagoberto em 638.[115] O segundo se justifica pela ausência de justiça social e mecanismos de segurança, o que tornava a vida cotidiana instável e peremptória sob o ângulo da ordinariedade.

Sob o mesmo guarda-chuva conceitual, há também abordagens como a de *Amancio Isla Frez* que busca ampliar a compreensão do fenômeno ao vincular o conceito de *decadência* não apenas à desarticulação administrativa, mas também à intensificação das rivalidades aristocráticas. Para o autor, o assassinato de *Brunequilda*[116] em 613 inaugura uma nova etapa no exercício de poder político merovíngia, marcado pela exacerbada competição entre facções nobiliárquicas e pela consequente desestabilização do poder minimamente central e estabelecido. A ausência de mecanismos sólidos de justiça e segurança social acentuava essa fragmentação.[117]

Deve-se destacar a função dos *maires du palais* como forças centrípetas em meio a movimentos nítidos de concentração de poder ao longo do século VII. A pulverização

---

[112] COULANGES, Numa Denis Fustel de. *Histoire des institutions politiques de l'ancienne France*. Paris: Hachette, 1875–1892. 6 v. 1891, p. 123- 124.
[113] PIRENNE, *op. cit.*, p. 178.
[114] Cf. Para um debate mais detalhado sobre a função e suas implicações no contexto merovíngio e as funções administrativa e econômica do palácio, ver: LE JAN, Régine. Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe–Xe siècle) : essai d'anthropologie sociale. Paris : Publications de la Sorbonne, 1995. FOURACRE, Paul. The Age of Charles Martel. Harlow : Longman/Pearson, 2000. Além disso, ver : WOOD, Ian. *The Merovingian Kingdoms*, 450–751. London : Longman, 1994 e HALPHEN, Louis. Études sur l'administration de la Gaule franque au temps des Mérovingiens (481–751). Paris: Albert Fontemoing, 1902.
[115] PIRENNE, *Op.cit.,* p. 179.
[116] Cf. Para um debate acerca da figura e da posição política da rainha Brunquilda durante o período merovíngio, Ver: THOMAS, Emma Jane. *The 'Second Jezebel': Representations of the Sixth-Century Queen Brunhild*. 2012. Thesis (PhD in History) – University of Glasgow, School of Humanities, Glasgow, 2012.
[117] FREZ, Amancio Isla. *La Europa de los carolingios*. Madrid: Ediciones Síntesis, 200. p.16

desses agentes do reino deslocou o centro de gravidade do poder do rei em sua direção, pois, as nomeações partiam da aristocracia fundiária existente. Frez comenta que,

> a aristocracia do reino, fosse sua origem franca ou galoromana, havia se convertido em uma extraordinária proprietária de terras e homens. Esses magnatas enfrentavam-se entre si pelo controle das terras do fisco e acumulação de poder político, inclusive ao maior nível possível, ou seja, pela obtenção do cargo de mordomo do palácio.[118]

Na obra ‘’*The Merovingian Kingdoms, 450–751” de* (1994), Ian Wood converge com essa perspectiva ao enfatizar como essas tensões aristocráticas – e a consequente instabilidade política – favoreceram o crescimento dos *maires du palais* no tecido do reino franco. As rivalidades entre facções, somadas às crises socioeconômicas, sobretudo, agravadas por invasões e disputas regionais), propiciaram um ambiente em que o poder real merovíngio dependia, cada vez mais, de chefes aristocráticos bem posicionados, sobretudo na Austrásia, onde se originaria a futura dinastia carolíngia. (WOOD, 1994)

A expressão “magnata” pode ser observada nas compilações de Hincmar de Reims (882), último autor associado às *Annales Bertiniani* (AB)[119], expressão utilizada inclusive à ele, isso porque a qualificação estendia-se desde os tempos merovíngios, o magnata está inclinado ao poder central[120], ligados pelos laços de fraternidade e *auxilium.* [121]

Em meio a tal conjuntura e valor da respectiva função política e social é que pode ser compreendido a ascensão de famílias aristocráticas nos três reinos merovíngios, o contexto demonstra, portanto, a importância da ampliação dos laços dos *Arnulfingos* e *Pepinídeos* na Austrásia.[122] A fortuna dos *arnulfingos* cresceu a partir de Pepino II, filho de Begga e Ansegisel[123]

---

[118] *Idem,* p.16. ‘ *’La aristocracia del reino, fuese su origen franco o galorromano, se había convertido en una extraordinaria propietaria de tierras y hombres. Estos magnates se enfrentaban entre sí por el control de las tierras del fisco y el acaparamiento de poder político, incluso al mayor nivel posible, es decir, por la obtención del cargo de mayordomo de palácio*.” (tradução nossa)

[119] Cf. STONE, Rachel. *Hincmar of Rheims: Life and Work*. Woodbridge : Boydell Press, 2015. DEPREUX, Philippe. Prosopographie de l’entourage, 1997. Hincmar, p. 257.

[120] FOURACRE, Paul. Frankish Gaul to 814. In: *The New Cambridge Medieval History: Volume 2, c.700–c.900*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 85.

[121] Cf. Acerca do termo magnatas *(magnates, maiores), ver: HINCMAR. De ordine palatii. In : MOYEN, Jean (Org.). La législation de Charlemagne et de Louis le Pieux. Paris : CNRS Éditions, 1988.* BOURRIAUD, Florence*. “L’aristocratie et le vocabulaire de la domination dans les Annales de Saint-Bertin*.” Revue Historique, nº 643, 2007, p. 25–48. Além disso, ver *:* DEPREUX, Philippe*. Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781–840).* Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

[122] FREZ. Op.cit. p.17.

[123] MELLO, José Roberto de Almeida. *O Império de Carlos Magno*. São Paulo: Ática, 1990. O autor explica a ascensão familiar e o respectivo casamento. p. 9.

Tais desdobramentos traduzem o colapso e a brecha política precipitada pela morte do rei da Austrásia, Teodeberto II. Sua esposa, Brunequilda[124] e Clotário II (584-629), seu filho, marcaram uma encarniçada luta pelo veio de poder austrasiano jorrante na região Oeste do reino. Isto é, a região ocidental do reino franco, essencial para consolidar poder. Ambas as famílias aristocráticas citadas, que previamente sustentavam a posição de Teodeberto, redirecionam apoio a Clotário: a vitória delas no conflito traz, como resultado, grande estima junto ao novo rei.[125]

Em recompensa à participação nesse confronto contra a madrasta (Brunequilda) e Teodorico II, o rei oferece a Arnulf o bispado de Metz e a Pepino (chamado de Pepino de *Landen*, pai de Grimoaldo) a função de *maire du palais* na Nêustria. Com a morte de Clotário II, ocorre um inevitável redesenho de forças, que consolida a primazia de Pepino. Em seguida, ele nomeia seu filho Grimoaldo como *maire du palais* da Austrásia. É nesse momento que se observa, cada vez mais, a distinção das funções de *comte* (conde) e de prefeito do palácio: enquanto o conde prestava serviços essencialmente jurídicos e militares nas fronteiras, ficando assim distante do círculo régio, o prefeito do palácio exercia atribuições de justiça no interior da corte, agindo também como representante do rei diante dos condes. Essa diferenciação reforça o destaque e a influência central da função em meio às tensões e disputas na última fase do período merovíngio.[126].

Somado ao aspecto político como rastro das alterações estruturais e conjunturais, além das dinâmicas austrasianas, as práticas religiosas configuraram com igual importância nesse contexto, no entanto, sob outro ângulo. Conforme destaca Depreux, a sacralidade começa a despontar como recurso de legitimação: um exemplo ilustrativo é o translado do corpo de Arnulf (de Metz) para a igreja dos santos apóstolos, iniciativa que denota a busca de uma dimensão sagrada como fator de afirmação política.[127] Não se pode falar em práticas hiper conscientes destes atores históricos, mas observamos uma preocupação com o percurso sociopolítico e cultural desde o manifesto apoio ao rei, o que levou as famílias de Arnulfo e Pepino à ascensão pelo método que na tardo antiguidade funcionou correntemente como mecanismo de poder e política, o casamento.

---

[124] FREZ, *Op.cit.*, *279*
[125] DEPREUX, P. *Charlemagne et la dynastie carolingienne*. op.cit., p. 10.
[126] DEPREUX, Philippe. *Le rôle du comte du Palais à la lumière des sources relatives au règne de l'empereur Louis le Pieux (814–840)*. *Frühmittelalterliche Studien*, v. 34, 2000, p. 94–111. Cf. para um debate amplificado sobre as desinências das respectivas funções: MEYER, Hans Eugen. *Die Pfalzgrafen der Merowinger*. Nele o autor explica as circunscrições das respectivas funções e a degradação da função de conde. E ainda, WERNER. BERGMANN, *Untersuchungen zu den Gerichtsurkunden der Merowingerzeit, dans: Archiv für Diplomati*k 22,1976, p. 1-186. Aqui, o autor apresenta o estado da pesquisa sobre os *placiia* (p.2 sqq.) e descreve o papel do *conte do palácio* no tribunal real. (p.22. sqq).).
[127] DEPREUX, *idem,* p.10.

O ponto-chave que simboliza o avanço conjunto dessas duas linhagens foi precisamente a unificação num único tronco familiar, por meio da união matrimonial entre Ansegisel (filho de Arnulf da Austrásia) e Begga (filha de Pepino de Landen), radicada na região da Nêustria. Filha de Pepino[128] de Landem[129] que ficava alocada na região da Nêustria. Embora, valha destacar que a família *pepinister*[130] dispunha da região de Liège (Austrásia), área extensa e rica descrita em detalhe por Henri Pirenne — sendo assim, fator que reforça o quadro de influência crescente dessas famílias no processo de consolidação aristocrática, fosse pelo pacto político arranjado na política ou na guerra.

Tão logo a família formou-se, atingiu equivalência em poder com os reis da época, ficando em condições como se vê, de poder barganhar. Um exemplo disso é o acordo entre Grimoaldo e o rei merovíngio Sigberto III, no qual Grimoaldo "oferece" seu filho Childeberto ao rei.[131] De qualquer forma, o que se apresenta como produto do casamento é o nascimento de Pepino (635-714) de Hermstal[132], conhecido pelo epíteto de o ''jovem''. Ele, por volta de 670, casa-se com Plectrude, filha do conde Hugoberto — uma nobre ligada à aristocracia austrasiana. Através dessa união, o controle da Austrásia se consolida em favor dos arnulfingos e pepínidas. Assim, Pepino reforça sua posição, obtendo influência efetiva sobre os três reinos francos[133] até sua morte em 714.

Teve de lidar com as convulsões e desequilíbrios que pululavam na região da Austrásia e Nêustria sob a liderança de Ebroín[134], seu padrasto e *maire du palais.* É ao longo da década de 680, segundo Depreux, onde Pepino após vencer Ebroín irá, '' lucrar dos conflitos internos da aristocracia da Nêustria [...] no ano de 687 alguns opositores ao prefeito do palácio do reino, Bercário, convidaram-no a tomar o poder em reunião organizada na casa deles.[135]''

No final do século VII, o "projeto familiar" atinge sua maturidade: Pepino consolida sua força, angariando o apoio de parte significativa da aristocracia da Nêustria após a derrota de Ebroín e seus aliados. O cargo vacante de *maire du palais* daquele reino é então

---

[128] PIRENNE, Henri. *Op.cit.*, p. 188.
[129] DEPREUX, *Op.cit.,* p. 17. Além disso, interessante a obra acerca da figura de Pepino e da região de Landem e sua colocação frente ao contexto. The Oxford dictionary of late Antiquity. 2018. p. 1196. Verbete: Pippin I.
[130] *Idem*. p. 17. É assim que o autor se refere aos membros da linhagem oriundos de Pepino.
[131] PIRENNE, *Op.cit.,* p.18. Cf. DEPREUX, 2007. p.11. O autor argumenta que na realidade, a posição de Grimoaldo como chefe da sua descendência e pleno de poderes no palácio da Austrásia levou ao ''golpe de Grimoaldo'', no qual *Childeberto* é que foi adotado por Grimoaldo
[132] Seguindo a linhagem familiar, entende-se aqui como Pepino II.
[133] *The Oxford Dictionary of Late Antiquity. Edited by: NICHOLSON, Oliver. Oxford : Oxford University Press, 2018. p. 1201.*
[134] DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Charlemagne (768–814)*. Sigmaringen : Jan Thorbecke Verlag, 1997. *Ébroin.* p. 174.
[135] DEPREUX, Philippe. *Charlemagne et la dynastie carolingienne*. Paris: Tallandier, 2007. p. 13.

cedido por Pepino à Grimoaldo, o jovem. Paul Fouracre destaca que houve um processo de assimilação política após a Terty (687), com aumento de poder e reconhecimento, mas que,

> ‘’na realidade, porém, em 687, Pepino não derrubou tanto o regime neustriano dos merovíngios, mas se juntou a ele. Embora ele tenha conseguido se estabelecer em posição privilegiada na corte real, a base de poder de Pepino permaneceu na Austrásia e sua influência sobre o coração da Nêustria da área do Sena Oise era visivelmente limitada.’’[136] (tradução nossa)

Em paralelo, se aproximou da aristocracia vencida a fim de garantir um arranjo político que evitasse as contestações. Por fim, o reflexo da batalha fez-se sentir ainda no reconhecimento e proteção de Thierry III[137] em relação a Pepino que desde então concentrava as duas regiões, formando um governo ‘’*neustraustrasiano*’’.

Tal movimento político e social colocou-o em condições de reivindicar a posição de rei de Thierry desde 691, já que estava em condições inclusive de escolher o sucessor do reino em meio aos filhos do rei. Pirenne assegura que a transmissão de poder tutelada como estava ocorrendo, além da corte do rei não ser mais habitada pelo *maire du palais* mostra desvio do fluxo de poder para a linhagem familiar *pepinister*. Para o autor,

> ‘’em 688, o prefeito do palácio da Austrásia impôs uma tutela ao reino, mas não ficou junto do rei. Bastou-lhe vencer seu rival, prefeito do palácio da Nêustria, e tomar seu lugar.’ Os negócios do reino só o interessam à medida que servem para fortalecer sua posição no Norte’’[138]

O estado atual das coisas a partir da morte dele e com os reis sucessores, como Clovis IV (691–695) e Quildeberto III (695–711), a chefia da administração perdura até 714, quando Pepino morre. No entanto, seu legado político se mantém, pois a família arnulfingo-pepinídea, pela via do casamento e do controle de cargos-chaves, já está plenamente instituída como força dominante no reino franco. Como atenta Régine Le Jan é a partir desse ponto que o embrião carolíngio se firma, lançando as sementes para a posterior ascensão de Carlos Martel, Pepino, o Breve, e, por fim, Carlos Magno — traçando um arco que culmina no surgimento de uma nova forma de monarquia e na lenta substituição oficial do poder merovíngio[139].

---

[136] FOURARE, Paul. Frankish Gaul to 814. In : MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History. Volume II: c.700–c.900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 85

[137] PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o império do Islã sobre a civilização europeia*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010. p. 192.

[138] *Idem*. p. 192.

[139] LE JAN, Régine. *Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècles)*. Paris : Publications de la Sorbonne, 1995, p. 55–59.

O período que se estende entre 714 e 715 apresenta uma conjuntura particularmente delicada para a família de Carlos Martel, pois a sucessão dos *Pippinidas* (ou Arnulfingos) atravessava um processo cheio de obstáculos. A começar pelo fato de que Carlos era filho de Alpaïde[140] uma concubina saxã, conforme sublinha Depreux, o que o colocava, de início, à margem do mecanismo considerado legítimo para transmissão do poder em um reino católico. Suas chances de herdar qualquer porção do governo ampliaram-se com as mortes dos meios-irmãos Drogo e Grimoaldo, estes sim filhos de Plectrude, esposa de Pepino II de Herstal.

Com isso, Carlos se circunscreve ao poder existente. Em primeiro lugar e segundo a moral da família e do reino franco católico, o sujeito estava à parte do mecanismo válido de herança por direito. Seus irmãos Drogo e Grimoaldo, filhos da esposa Plectrude haviam falecido. Só assim assume condição de possível herdeiro. Portanto, foi encarcerado pela madrasta.

Não obstante essa abertura, Carlos viu-se encarcerado por Plectrude, que pretendia defender os interesses do neto Teodoberto, considerado herdeiro mais "legítimo" na linha sucessória. Esse episódio aprisionou Carlos não apenas fisicamente, mas o circunscreveu politicamente. Em 716-17, ao escapar da prisão e reunir alguns nobres insatisfeitos com o domínio de Plectrude e seu aliado Ragenfrid, Carlos conseguiu articular uma contraofensiva militar. É nesse contexto que, depois de vitórias em pontos estratégicos como Soissons, seu prestígio ganhou ímpeto: uma fração da aristocracia, contrária à aliança Plectrude–Ragenfrid, o aclamou como nova liderança. Entre os derrotados estavam, além de Ragenfrid, a própria Plectrude, viúva de Pepino II, e Teodoberto.[141]

O clima de hostilidade na Nêustria promovido pelas rivalidades aristocráticas são sentidos no cotidiano, sendo assim, nessa rotação que Ragenfried marcha e vence os representantes legais do poder nêustriano, a esposa e o neto de Pepino II na batalha de *Compiègne* em 716.[142] Um ano depois Carlos foge da prisão e forma uma contraofensiva, na sequência vence seus opositores em *Soissons* e fortalece seu nome frente as forças centrípetas. Para Paul Fouracre, a situação de Carlos ao retomar a liderança exemplifica o alto grau de fragmentação política existente fora do núcleo duro da Nêustria e da Austrásia, com exceção da Aquitânia, em que o governo do duque Eudo era amplamente

[140] DEPREUX, *Op.cit.,* p.14;
[141] *Idem*., p.14.
[142] *Idem*., p.22.

aceito, embora faltem fontes seguras para caracterizar tal governo de forma detalhada. Isso ilustra as forças centrífugas que dificultavam a consolidação do poder carolíngio.[143]''

Os núcleos de ação política na Frância estavam em pela transformação. Austrásia e Nêustria, por exemplo, passavam por agitações endossadas no seio das aristocracias locais, como fator de desintegração e agindo como fragmentador do controle de Carlos. A explosão de principados ao longo do século VII e VIII foram sintomas do que pode se chamar de ''dinastias não-reais''[144]

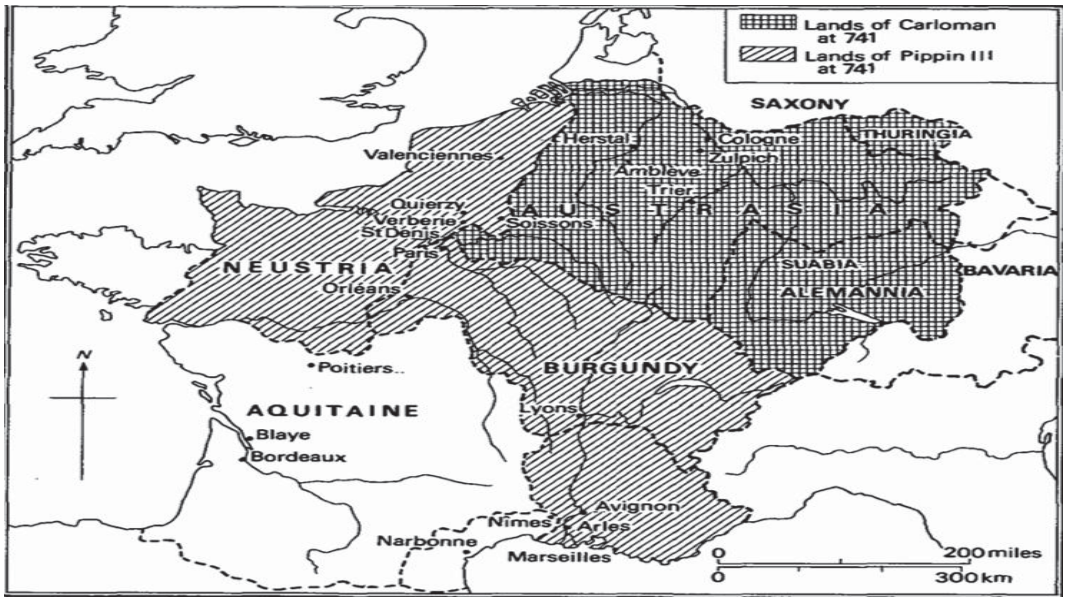
Carlos Martel restaura o poder nêustriano herdado do pai. Lida com os árabes na batalha de Poitiers em 732 e indica-nos a força da ascensão por meio do cargo de *maire du palais,* inclusive, fazendo frente em poder aos competidores reais merovíngios que cessam a partir de 737. Carlos teve grande sucesso nas campanhas militares e na política religiosa da época.[145]

A posição de destaque frente as aristocracias e ao poderio real entra em relevo quando nomeia, após a longa cadeia de eventos que antecedeu tal ato, Clotário IV, como rei. O último dos merovíngios, herdeiro da tradição e respaldado na convenção que o cercava morre em 737[146]. Carlos não nomeia ninguém para o lugar do falecido rei, tal ato político demonstra, como a conjuntura de 20 anos que se estendia desde a vitória em *Soissons* até esse fato, marcou do ponto de vista político, social e militar o sucesso das famílias de Arnulf de Metz e Pepino de Landem.

No mapa abaixo, podemos ver a divisão do reino franco por volta de 740,

---

[143] FOURARE, P. *Op.cit*., p. 90.
[144] DEPREUX, P. *Charlemagne*. *Op.cit.,* p. 15.
[145] DEPREUX, *Op.cit*., p.16.
[146] FOURARE, *Op.cit*., p.92. Capítulo que sintetiza o desenvolvimento do governo de Pepino e a ascensão de Carlos Martel.



Mapa: ‘’The Frankish kingdoms 714—40’’ In: MCKITTERICK, Rosamond (org.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. II, c. 700–c. 900. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 95.

O que se pode constatar sobre a consolidação de um ator ascendente no quadro social do período é que, ao subjugar ou tributar regiões sob sua autoridade, ele fortalecia pouco a pouco sua legitimidade.[147] Prova disso, ao término do extenso reinado de Carlos Martel, observa-se o ideário dos envolvidos em um processo mais amplo: entre 737 e 754, o intenso contato político dos francos com a Igreja de Roma, somado a iniciativas de expansão territorial, culminou na unção concedida pelo papa Estêvão a Pepino.

Entre 737-754 um profundo envolvimento dos francos com a Igreja de Roma, além dos primeiros indicativos da política de expansão[148], resultou, portanto, na unção dada no ano de 754. [149] É o ato final de um longo processo que não finda a partir da oficialização como família real, agora ungida liturgicamente, pois,

> ‘’Quando a dinastia carolíngia chegou formalmente ao poder com a unção de Pepino, o Breve, em 754, ela continuou a contar com o apoio político que havia sido capaz de estabelecer e expandir por trás do trono franco ao longo de várias gerações. Pouco antes de sua morte em 768, Pepino decretou que o reino fosse dividido entre seus dois filhos sobreviventes, Carlos e Carlomano - um arranjo que durou apenas três anos antes de o último irmão falecer, permitindo que

[147] POUPARDIN, René. Les grandes familles comtales à l’époque carolingienne. *Revue Historique*, v. 72, Paris, 1900, p.77.

[148] COULANGES, Numa Denis Fustel de. *Histoire des institutions politiques de l'ancienne France*. Paris: Hachette, 1875–1892. 6 v. 1891, p. 43. Cf., ÉGINHARD. “*Annales D’Éginhard : race des carlovingiens. Pepin-le-brèf (741-768)*”. In: GUIZOT, François (org.). *Collection des mémoires relatifs à l’histoire de France : depuis la fondation de la monarchie française jusqu’au 13e siècle ; avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes*. Paris : J.-L.-J. Brière, 1824. t. 3, p. 47.

[149] COULANGES, *op.cit*., p.43 ‘’Le pape Etienne, après avoir reçu du roi la promesse qu'il défendrait l'église romaine, le consacra par *l'onction sacrée*, comme revêtu de la dignité ainsi que ses deux fils Charles et Carloman, et passa l'hiver à Paris. Dans la même année, Boniface, archevêque de Metz, prêchant la parole de Dieu en Frise, fut tué par les païens, et reçut la couronne du martyre.’’

> Carlos herdasse toda a Frância como seu único governante.''[150] (tradução nossa)

A unção no campo cultural e simbólico acompanhou outras práticas que ratificam o processo iniciado por Carlos. Com Pepino, o breve (754) a emissão de moedas e sua cunhagem em alguns pontos do reino[151] comunicam a ruptura no campo físico, embora tenha havido uma continuidade[152] no campo simbólico, sobretudo cultural-religioso. No que concerne o aspecto político, o *magnata* da Austrásia[153] assina desde 751 como *major du palais* e 752 como *rex francoforum.* Um longo processo, há muito iniciado e que alterava o quadro da corte e suas respectivas funções, no qual tornava os vencidos locais em parcela administrativa do poder vencedor[154].

Esse evento assinalou o prelúdio de novas dinâmicas, pois, desde o fim do Império Romano e duas suas instituições, a igreja sobrevivia e se transformava, quando necessário, a unção do rei carolíngio foi uma estratégia elaborada no bojo da expansão levada à cabo por Carlos. Fouracre a propósito deste ano e do conluio destaca,

> ''Em 751, parece que a decisão de depor Childerico III e elevar Pepino ao trono foi tomada pelos francos, levada adiante pelos bispos que o ungiram rei e endossada, em vez de habilitada, pelo papado. A unção pelos bispos (Bonifácio pode ou não estar presente) era uma nova prática entre os francos. Sugeria a função religiosa do rei, um aspecto da realeza que doravante seria progressivamente enfatizado.''[155] (tradução nossa)

Um indicativo da troca ambivalente de legitimação e proteção, cristalizada na unção régia como mecanismo pode ser visualizada no trecho do biógrafo de Carlos Magno, apontando que as relações entre a família regia e a Igreja estreitaram-se, reverberando nos eventos vislumbrados na sequência.

---

[150] COOIJMANS, Christian. *Monarchs and Hydrarchs: The Conceptual Development of Viking Activity across the Frankish Realm (c. 750–940)*. London: Routledge, 2020, p. 57. '' *As the Carolingian dynasty formally came into power with the anointment of Pippin 'the Short' in 751, it continued to rely on the political support it had been able to establish and expand behind the Frankish throne over the course of several generations.3 Shortly before his death in 768, Pippin decreed the kingdom to be apportioned between his two surviving sons, Charles and Carloman – an arrangement that lasted only three years before the latter sib ling passed away, allowing Charles to inherit all of Francia as its sole ruler.*

[151] COOIJMANS, *op.cit*., p. 76

[152] FOURARE, *op.cit.,* p.85.

[153] COSTAMBEYS, M.; INNES, M.; MACLEAN, S. *The Carolingian World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 31.

[154] POURPARDIN, *op.cit.,* p.78.

[155] *Idem,* p. 98.

Capítulo 2 – O século IX como palco histórico das relações franco-danesas

Os primeiros contatos entre daneses e francos, iniciados já no século VIII, deram origem a um complexo processo de gestação de práticas, valores e dinâmicas históricas que, ao longo do tempo, foram se consolidando e se espalhando no tecido sociopolítico e cultural do Império Carolíngio. No século IX, esse conjunto de interações revela-se multifacetado, constituindo um processo de esgarçamento – por vezes conflituoso e por vezes cooperativo – das estruturas e relações franco-danesas.

Ao lançar luz sobre a documentação, observamos que, por meio das mobilidades e intercâmbios nas direções Norte-Sul e Leste-Oeste, os daneses aparecem cada vez mais fixados em determinadas regiões, alterando de maneira significativa as condições históricas internas ao Império. A diplomacia e a beligerância alternam-se na documentação como estratégias recorrentes, revelando múltiplas práticas derivadas dessas zonas de contato. Tais dinâmicas estão visíveis tanto nos registros de ordem pública-palatina quanto nos documentos privados do império, o que evidencia o enraizamento e a complexidade dessa interação.

Além disso, as relações entre os grupos embutiam pactos, trocas e acomodações; os contatos não se restringiam à mera violência, mas incluíam também estratégias de ajustamento estrutural da ordem política carolíngia frente a uma nova lógica imposta pelas interações. Do contato inicialmente intermitente e exploratório, emerge um estreitamento cultural, social e político – desdobramentos heterogêneos que, acompanhados das mobilidades danesas em direção ao império franco, culminaram no que alguns estudos denominam hidrarquia. Este sistema, caracterizado por um funcionamento orgânico e adaptativo, combinava deslocamento marítimo, inserção comercial e flexibilidade política, servindo como ferramenta para a reconfiguração das formas de poder.

.

2.1. As dinâmicas Franco–Danesas e a transformação do Império Carolíngio

A transição do século VIII para o IX marca um período de reconfiguração territorial e política no interior do *imperium carolingiorum*. A partir das últimas décadas do reinado de Carlos Magno, a pressão militar e simbólica sobre os limites setentrionais se intensifica, sobretudo com a consolidação do domínio sobre a Saxônia. É durante a passagem secular, mais propriamente entre 797 e 799, que vemos refletir os impactos da expansão franca e o tensionamento da fronteira Norte. O arrocho ocorria porquê além do controle efetivo do Saxe, de quebra, a região da Frísia já havia igualmente sido conquistada e se constituía como forte centro comercial e emissor de moeda. Com isso, a presença danesa alcança gradativamente um caráter permanente e melindroso.[156]

Embora o ataque danes a região costeira de Vendée em 799 tenha ocorrido longe da Saxônia, age como indicativo das pressões e controle político que os francos exerciam aos seus vizinhos conquistados e submetidos às leis. Uma capitular do reino, emitida em 797, após a Assembleia Geral realizada em Aquisgrão *(Aix-la-chapèlle)* aborda tópicos do enquadramento sociopolítico, jurídico e cultural que os francos deram aos recém integrados saxões,

> 1. Primeiro, que a Igreja, as viúvas, os órfãos e os menos poderosos tenham paz justa e tranquilidade; e que ninguém se atreva a cometer roubo, violência ou incêndio dentro da pátria de forma premeditada; e que nenhum homem do exército presuma permanecer além da ordem do senhor rei.
> 2. Se alguém violar algum dos oito capítulos mencionados anteriormente, [todos decidiram e ajustaram] que os saxões, da mesma forma que os francos, paguem sessenta sólidos.
> 3. Também foi decidido por todos os saxões que, onde quer que os francos, segundo a lei, devam pagar quinze sólidos, ali os saxões nobres pagarão doze sólidos, os homens livres cinco e os *liti* (dependentes) quatro sólidos.[157] (Tradução nossa)

---

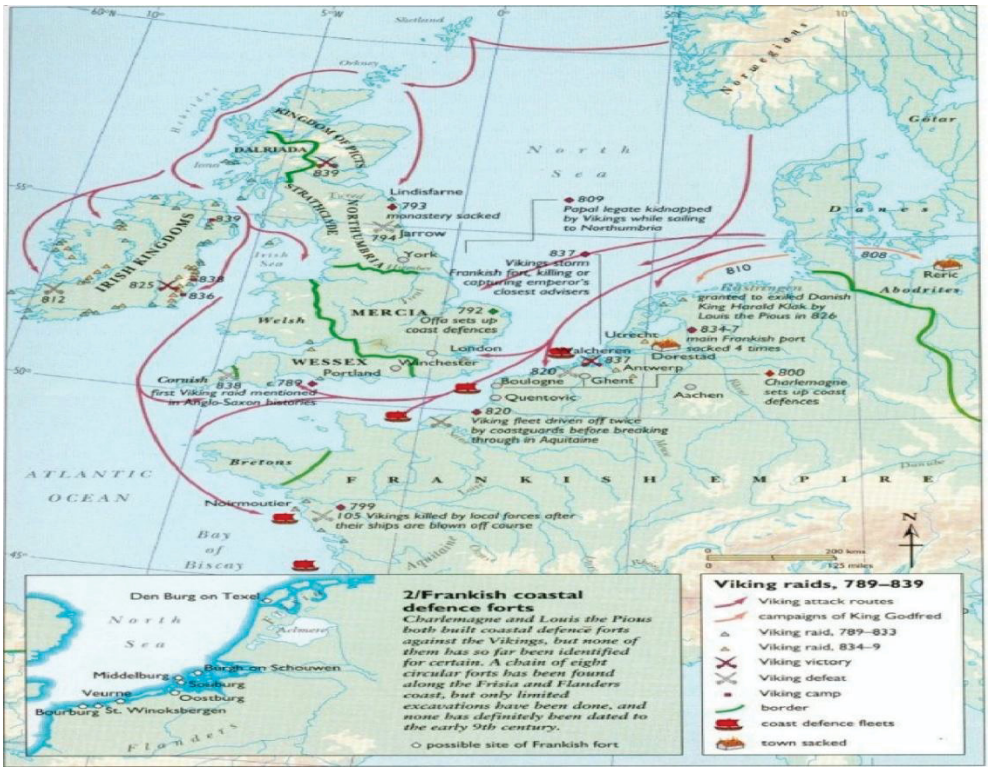
[156] Cf. Sobre as fases da presença e ocupação do território franco pelas culturas nórdicas, nesse caso, danesas, ver: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. Verbete: Vikings na França. E também : COUPLAND, Simon. *Charles the Bald and the Defence of the West Frankish Kingdom Against the Viking Invasions, 840–877*. Tese de doutorado. Universidade de Cambridge, 1987.

[157] BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (Ed.). *Capitularia Regum Francorum*. Vol. II. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897. (Monumenta Germaniae Historica).Capitulare Saxonicum (28/10/797). p. 71. ‘’ 1. *Hec sunt capitula : primum utecclesiae, viduae orfaniiet minus potentes iustam et quietam pacem habeant; et ut raptum et fortiam nec incendium infra patriam quis facere audeat praesumptive; et de exercitu nullus super bannum domini regis remanere praesumat.. 2. Si quis supradicta octo K capitula transgressus fuerit, [omnes statuerunt et aptilicaverunt] ut Saxones similiter sicut et Franci sexaginta solidos conponant. 3. Item placuit omnibus Saxonibus, ut ubicumque Franci secundum legem solidos XVsolvere debent, ibi nobiliores Saxones solidos Xn, ingenui V, liti IIII conponant.”*

É partindo dessa condição que o debate historiográfico a respeito das atividades nórdicas no Ocidente latino, especialmente no interior do Império Carolíngio, desdobra-se entre duas tendências principais ao longo do século XX. De um lado, a tradição interpretativa que enfatiza as ideias de violência e a ruptura, muitas vezes apoiada em fontes monásticas e eclesiásticas — como os *Annales* e crônicas episcopais —, que descreveram os nórdicos como "invasores", "bestiais" e "flagelos divinos" de forma geral. De outro, uma abordagem mais recente e pluralizada, que busca compreender os contatos entre francos e daneses como resultado de processos de mobilidades, negociações e atração mútua dentro das zonas de contatos, com motivações que variam e preenchem a paisagem dos intercâmbios.

Autores como Neil Price, Rosamond McKitterick e Peter Sawyer propõem compreender não apenas as figuras denominadas de "*raids*" - os incursores, mas também apontam às demais categorias. Estas são vistas além do espectro das ações irracionais ou marginais, mas sim como práticas adaptativas de grupos que se inseriam nas dinâmicas econômicas e políticas do Ocidente. A visão das culturas nórdicas como exclusivamente saqueadoras, começa a ruir diante da multiplicidade de evidências que apontam para sua presença diplomática, comercial e, em alguns casos, como o nosso, aliando-se aos poderes francos. Assim, o que outrora se pensava como "*invasões vikings*" hoje pode ser lido também como formas de interação fronteiriça dentro de um sistema de poder em transição.

O mapa abaixo, embora trate como ‘’invasões’’ nórdicas, trata em grande medida da prática de incursão desses agentes, além disso, ilustra *stricto sensu* a organicidade das primeiras décadas de contatos. Como se vê, a região de *Vendée,* citada acima encontrava-se na ilha de Nourmontier, próximo a Rennes, o que clarifica como as mobilidades correram cada vez mais ao sul, e gradualmente, interiorizadas.



Mapa.1 (HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the Vikings*. London: Penguin Books, 1995. Mapa p. 51. 'As fases das incursões *'vikings raids')*

O movimento de atração que o reino franco exerce a partir da expansão manifestada por Carlos Magno, e de igual maneira, pela proximidade com os domínios daneses tornou-os epicentro, palco de eventos e processos históricos sincrônicos e heterogêneos, característica perceptível na documentação do período, principalmente, quando mencionados os vários grupos e regiões sob controle franco. Sendo assim, a situação da unidade política carolíngia e sua extensão frente ao contexto de migrações nórdicas pode ser definido como,

> O coração formava uma área delimitada pelo Reno e pelo Sena em sua maior parte, embora se deva, é claro, permitir algumas extensões modestas além das margens desses rios. Esta afirmação não é susceptível de ser controvertida. Estabelecer a fronteira sul, no entanto, é muito mais difícil. Eu faria isso traçando uma linha ao redor de Paris para o leste, correndo ao sul de Reims e Metz e depois virando para o norte para se juntar ao Reno perto de Worms. Esse quadro pode ser contestado em vários pontos, mas representa razoavelmente bem o que emerge da convergência de vários tipos de evidências e estudos.[158] (tradução nossa)

[158] NOBLE, Thomas F. X. Louis the Pious and the Frontiers of the Frankish Realm. In: GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (ed.). *Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840)*. Oxford : Clarendon Press, 1990. p. 333–347. p. 336 ''*The heartlands formed an area bounded by the Rhine and the Seine for the most part, although one should of course allow for some modest extensions beyond the banks of these rivers. This assertion is not likely to be contro versial. To establish the southern border, however, is much more difficult. I would do so by drawing a line from around Paris to the east, running south of Reims and Metz and then turning north to join the Rhine near Worms. This picture can be contested at several points but it represents tolerably well what emerges from the convergence of several kinds of evidence and scholarship.in : charlemagne and heir* ''

O que se verifica ao longo do século IX, em virtude dos movimentos político-militares promovidos, é uma confluência de condições históricas que propiciaram as mobilidades observadas no sentido Norte-Sul, por terra e mar. Além disso, vemos o estreitamento dessas relações em meio as zonas de contatos, potencializadas por condições como: atração comercial e de riqueza móvel exercida pelos francos e seus modernos *emporium* (portos comerciais)[159], uma conjuntura acompanhada do fluxo de metais, efervescência cultural e religiosa, elaboração e diversificação sociopolítica além de outros sistemas de organicidade que deram o tom das dinâmicas e contatos.

Vale destacar que a aproximação entre francos e daneses ocorre num momento em que se intensificam os esforços carolíngios de manutenção da unidade imperial construída sob égide de Carlos Magno. Jacques *LeGoff*, por exemplo, não deixa de atentar e marcar na obra ‘’ As raízes da Europa Medieval’’ que desde merovíngios e ainda mais sob os carolíngios se tenta construir a Europa enquanto unidade, segundo ele, Carlos Magno sempre buscou uma hegemonia no continente.

Ao passo que, os daneses, apresentam indicativos que os enquadra como minimamente unificados desde a conjuntura expansiva de Carlos, para a historiadora Anne Jaubert, no que concerne a política e a unidade do reino danes,

> ‘’ As primeiras referências ao povo dinamarquês datam da antiguidade tardia, quando Jordanes distinguiu os nórdicos dos outros alemães. Ele sustenta que eles são "física e moralmente superiores aos germanos e lutam com a crueldade das feras" e que os daneses são descendentes dos suecos, os *othsuetids*, e [que] expulsaram os hérulos de suas terras.[160]’’ (tradução nossa)

Na mesma esteira dos debates, a região danesa, no extremo dos contatos, revela que há uma consolidação por volta de 800, como destaca Else Roesdahl

> ‘’ Como a Dinamarca fazia fronteira com países cristãos com uma tradição literária bem estabelecida, há muitas informações sobre os reis daneses, mas nada está registrado sobre quando ou como o país foi unificado; presumivelmente, ele já estava unificado em 800, quando fontes estrangeiras começaram a se interessar por ele.’’[161]

As várias menções aos reis daneses que estiveram em contato ao longo do século IX refletem uma linha tênue que havia por trás da figura do rei, condição dupla que embora não estivesse claramente estabelecida e legitimada como em outros espaços, dispunha que,

---

[159] PRICE, Neil. *Vikings: a história definitiva dos povos do norte*. São Paulo : Planeta, p. 413.
[160] JAUBERT, Anne Nisen. Un ou plusieurs royaumes danois ? In : DEPREUX, Philippe ; BOUGARD, François ; LE JAN, Régine (dir.). *Les élites et leurs espaces : mobilité, rayonnement, domination (du VIe au XIe siècle)*. Turnhout : Brepols, 2007. p. 137-148. (Collection Haut Moyen Âge, 5), p.137.
[161] ROESDAHL, Else. *The Vikings*. London : Penguin Books, 1998. p. 77.

> ‘’O verdadeiro rei viking tinha que ter terra sob seus pés, uma terra própria com habitantes que o reconheciam como seu governante e o obedeciam. O historiador alemão Karl Bosl, que estudou a estrutura dos primeiros reinos no norte e no oeste da Europa, conhece dois tipos diferentes de reis, o Heerko'nig, o rei guerreiro, e o Dauerkônig, o rei constante ou duradouro2. O rei viking não se encaixa muito bem em nenhuma dessas duas categorias. Na maioria dos aspectos, ele poderia ser considerado um rei guerreiro, já que a manutenção de seu reinado dependia quase totalmente da habilidade militar com a qual ele forçava sua vontade sobre seu povo, mantinha o apoio de seus homens e lutava contra seus inimigos - invasores estrangeiros, bem como compatriotas que aspiravam derrubar seu governo.[162]

Dentre os vários problemas que a expansão do Império enfrentou, os daneses assumem posição de relevo durante a conjuntura. As culturas nórdicas tiveram impacto na política dominante e expansionista de Carlos.[163] Nelson comenta que houve uma integração comercial dos daneses pela crescente importância do Báltico, segundo ela, ‘’Graças ao comércio entre o Báltico e a Europa Ocidental que se desenvolveu no século VIII, os nórdicos frequentavam Dorestad e outros centros comerciais francos.’’[164]

Philippe Depreux ao analisar os intercâmbios e a conjuntura histórica da presença nórdica no Império, sublinha que as fontes contemporâneas se referem, de maneira alternada, aos “homens do Norte” (*Nordmanni*) e aos “daneses” (*Danorum*), indicando uma nomenclatura fluida, ainda em processo de cristalização. Para o autor, os grupos que devastaram as margens do império a partir do final do século VIII provinham majoritariamente da Dinamarca, e suas ações não devem ser lidas como fenômenos isolados,

> ‘’fontes contemporâneas falam dos "homens do Norte", de quem os normandos levam o nome; eles também falam dos "daneses". Na verdade, os nórdicos que devastaram o Império Carolíngio vieram principalmente da Dinamarca. Os vikings foram colocados em contato com as riquezas do sul por meio dos navegadores frísios, que dominavam o comércio no Mar do Norte. O aparecimento e o desenvolvimento de locais de comércio na Jutlândia, em Hedeby e Ribe, durante o século VIII, testemunham esses contatos.’’[165]

---

[162] OLSEN, Olaf. Royal power in Viking Age Denmark. In: LES MONDES NORMANDS (VIIIe-XIIe s.). Caen : Société d'Archéologie Médiévale, 1989. p. 27. ‘*’ The real Viking king had to have earth under his feet, a land of his own with inhabitants who acknowledged him as their ruler and obeyed him. The German historian Karl Bosl who has studied the structure of the early kingdoms in Northern and Western Europe, knows two different kinds of kings, the Heerko'nig, the warrior king, and the Dauerkônig, the constant or the lasting king2. The Viking king does not fit too well into any of these two categories. In most respects, he could be considered a warrior king, as the upkeep of his reign depended almost totally on the military ability with which he forced his will upon his people, maintained the support of his men and fought his enemies — foreign invaders as well as countrymen who aspired to overthrow his rule.*”

[163] FOURARE, Paul. *Op.cit.*, 127-128.

[164] NELSON, Janet. The Frankish Empire. In : SAWYER, Peter (ed.) *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 19–20. ‘’ *Thanks to the trade between the Baltic and west ern Europe that developed in the eighth century, Scandinavians frequented Dore- stad and other Frankish trading centres*.”

[165] DEPREUX, Phillipe. Charlemagne et la dynastie carolingienne. *Op. Cit.,* p. 103.

De todo modo, os *Annales Rexorum,* escrito pelo '*exactor operum regalium'*[166] de Carlos Magno, conhecido como *Eginhard,* descreve as dinâmicas que se impuseram na relação *franco-danesa*, o cronista aponta como eram processados determinados eventos dentro do círculo imperial. Em 804, por exemplo, a presença danesa nos limites do *imperium* é relatada por ele,

> [804]. ''O Imperador passa o inverno em Aix-la-Chapelle, no retorno do verão ele conduziu ao Saxe uma armada, leva à França as mulheres e os filhos deles, todos os saxões que habitavam além do Elba e cede o país deles aos *Obodrites*. Nesse período, Godfred, rei dos *daneses*, vem com uma frota e toda a cavalaria de seu reino ao lugar nomeado *Schleswig* sobre os confins do seu reino e do Saxe. Ele prometia que ele se apresentaria para uma conferência com o imperador; mas, temeroso pelos conselhos dos seus, ele não se aproxima mais e consentiu por seus embaixadores a tudo o que queríamos.''[167] (tradução nossa)

A descrição de Eginhardo para os eventos de 804 revela uma complexa articulação geopolítica entre francos[168], daneses e seus aliados fronteiriços. Um primeiro elemento digno de destaque refere-se à atuação dos Abodrites[169] (Obodrites) povo eslavo instalado na fronteira nordeste do império e aliado de Carlos Magno durante essa conjuntura. Seu posicionamento estratégico na região saxônica tinha dupla função: conter o avanço danes ao sul e vigiar os movimentos destes.

De acordo com Janet Nelson, a importância econômica e diplomática desses aliados tornava a região vulnerável aos ataques nórdicos. Segundo ela,

> ''O rei dinamarquês Godfred I, que havia conseguido estabelecer a soberania sobre grande parte da península da Jutlândia em 800, invadiu o empório de Reric, situado na costa do Báltico, no território dos abodritas, precisamente porque fornecia uma válvula entre o mundo franco e o Báltico que contornava o empório dinamarquês próximo em Hedeby.''[170] (tradução nossa)

---

[166] DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Charlemagne (768–814)*. Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1997. p. 28-29. Descreve Eginhardo também conhecido como o ''vigia'' e na função de ''responsável dos trabalhos''. Nesse caso, por se tratar do cronista oficial de Carlos Magno, e, membro da limitada esfera letrada desse recorte, acreditamos referir-se aos trabalhos de escrita e registro.

[167] ÉGINHARD. Annales d'Éginhard *: race des carlovingiens.* Pépin-le-Bref (741–768). In: GUIZOT, François (org.). *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France : depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13e siècle ; avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes*. Paris: J.-L.-J. Brière, 1824. t. 3, p. 53. *''L'empereur passa l'hiver à Aix-la-Chapelle au retour de l'été il conduisit en Saxe une armée, transporta en France, avec leurs femmes et leurs enfants, tous les Saxons qui habitaient au-delà de l'Elbe, et donna leur pays aux Obotrites. Dans ce temps, Godefroi, roi des Danois, vint avec une flotte et toute la cavalerie de son royaume au lieu nommé Schleswig, sur les confins de son royaume et de la Saxe. Il promit qu'il se rendrait à une conférence avec empereur ; mais, effrayé par le conseil des siens, il ne s'approcha pas davantage, et consentit, par ses ambassadeurs, à tout ce qu'on voulut."*

[168] NELSON, Janet. *The Frankish Empire*. In : The Oxford Illustrated : History of the Vikings. 1997. p. 21.

[169] HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the vikings*. Lanham: Scarecrow Press, 2003. Verbete: Abodrites, p. 17.

[170] COSTAMBEYS, M. ; INNES, M. ; MACLEAN, S. *The Carolingian World*. Cambridge : Cambridge University Press, 2011. p. 355. '' The Danish king Godfred I, who had succeeded in establishing over lord

A ação de Godfred revela, portanto, não apenas rivalidade territorial, mas uma disputa pela intermediação das rotas comerciais que conectavam o mundo franco aos circuitos do norte. A destruição de Reric e a consequente transferência de seus mercadores para Hedeby marcaram uma inflexão geoeconômica e consolidaram o papel da Dinamarca como ator comercial de peso no Báltico ocidental. E como agravante, o agente apontado na como Godfred é descrito na condição de rei da Dinamarca, durante a primeira década[171] compondo um estado de relações com Carlos[172].

Dessa forma, podemos destacar que a guerra levada aos saxões dentro do último terço do século VIII e as imposições a partir de então influenciaram no processo de alargamento das fronteiras[173] e a posterior pacificação dessa região repercutem diretamente na ampliação das chamadas zonas de contato. Por volta de 800, o sucesso militar carolíngio na Saxônia, juntamente com o desenvolvimento da economia do Mar do Norte, colocou os governantes nórdicos em contato cada vez mais direto com os francos.''[174]

As zonas de contatos intensificam-se por múltiplos processos simultâneos, em paralelo a expansão levada à cabo por Carlos, Costambeys e Innes atentam que o deslocamento comercial de longa distância e a formação de núcleos comerciais como os *Emporium* trouxeram novas dinâmicas e experiências,

> '' os perigos da pirataria e da pilhagem devem ter desempenhado um papel na mudança do equilíbrio do intercâmbio de longa distância para os mercados locais. Mas o impacto econômico da atividade 'viking' foi uma questão muito mais complexa e sútil do que o estereótipo da destruição gratuita permitiria. A Escandinávia era uma parte crucial da economia do Mar do Norte servida pelos empórios, e os senhores da guerra nórdicos que lideravam bandos 'vikings' operavam em um mundo onde o controle da troca era fundamental para a criação de poder político.[175]'' (tradução nossa)

---

ship over much of the Jutland peninsula by 800, raided the emporium of Reric, situated on the Baltic coast in the territory of the Abodrites, precisely because it provided a valve between the Frankish world and the Baltic which bypassed the nearby Danish emporium at Hedeby''

[171] HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. 2. ed. Lanham: Scarecrow Press, 2003. p.7.

[172] Cf. OLSEN, Olaf. 1989. p. 27-32. Sobre a transmissão do poder e o exercício dele na Dinamarca da Era Viking.

[173] NELSON, Janet. The Frankish Empire. In : SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford : Oxford University Press, 1997. p. 20–21.

[174] COSTAMBEYS ; INNES ; MACLEAN. *Op.cit*. p.355 '' By about 800, Carolingian military success in Saxony, along with the development of the North Sea economy, had brought Scandina vian rulers into increasingly direct contact with the Franks''

[175] Idem., p. 354. '' '*the dangers of piracy and plun dering must have played a role in shifting the balance away from long-distance exchange to local markets.64 But the economic impact of Viking activity was a far more complex and subtle matter than the stereotype of wanton destruction would allow. Scandinavia was a crucial part of the North Sea economy served by the emporia, and the Scandinavian warlords who led Viking bands operated in a world where control of exchange was critical to the creation of political power.''*

Essa leitura insere as culturas nórdicas — e seus líderes — em um universo inédito, onde a habilidade de interferir em rotas comerciais e redes de redistribuição se traduzia-se diretamente em prestígio, autoridade e alianças. A ideia de um "mundo viking" identitariamente distinguível e separado, além de caótico ou marginal começa a ruir diante dos relatos e diante das novas chaves de leitura que as ações e condições permitiram que se desenvolvessem à época.

Nessa esteira, quatro anos mais tarde, relacionando os eventos numa cadeia conjuntural franco-danesa e utilizando um tom de atualização, Eginhardo comenta as relações destacando dessa vez que,

> [808]. O inverno foi esse ano muito duro e pestilento. No começo da primavera o imperador partiu para Nimègue, lá passa a Quaresma, celebra a Santa Páscoa e retorna para Aix-La-Chapelle. Como lhe anunciamos que *Godefroi,* rei dos *daneses* tinha entrado com uma armada no país dos Obodrites, ele envia com numerosas tropas francas e saxãs, seu filho, Carlos, sobre o Elba, e ordenou-lhe resistir a esse rei insensato se tentasse passar os confins do Saxe. Mas, Godofrei, após alguns dias de estadia sobre o rio, tendo assentado e tomado alguns fortes dos *Esclavons* retorna com uma grande perda dos seus. [176] (tradução nossa)

A região descrita por Eginhardo como em estado permanente de beligerância, na virada da primeira década do século IX, estendia-se desde os territórios eslavos dos Abodrites, ao Norte, até o coração da Saxônia ao sul — zona liminar onde se sobrepunham as esferas de influência danesa e carolíngia. Em 808, a região do Saxe totalmente conquistada por Carlos, segundo as entradas dos *Annales*, forneceram contingentes às forças imperiais durante a campanha contra os daneses, atualizando na prática, as imposições da capitular de 797 — cuja aplicação local previa justamente a integração das populações convertidas às estruturas de defesa do império[177]

É comum ocorrerem associações internas, visto a capacidade de mobilidade própria do contexto tardo antigo, trata-se aqui como descreve o cronista,

> Carlos, filho do imperador arma sobre o Elba uma ponte e transporta com toda a celeridade possível sua armada no país dos *Livoniens* e dos *Smeldingiens* que

---

[176] ÉGINHARD*, Op.cit*., p. 59. *''L'hiver fut cette année très-doux et pestilentiel. Au commencement du printemps l'empereur partit pour Nimègue, y passa le Carême, y célébra la sainte Pâque, et revint à Aix. Comme on lui annonça que Godefroi, roi des Danois, était entré avec une armée dans le pays des Obodrites, il envoya, avec de nombreuses troupes franques et saxonnes, son fils Charles sur l'Elbe, et lui ordonna de résister à ce roi insensé, s'il essayait de passer les confins de la Saxe. Mais Godefroi, après quelques jours de station sur le rivage, ayant assiégé et pris quelques forts des Esclavons, s'en retourna avec une grande perte des siens*."

[177] ÉGINHARD. *Vie de Charlemagne*. Tradução de Louis Halphen. Paris: Les Belles Lettres, 1967. Ano de 808. Cf. EINHARDUS. *Vita Karoli Magni*. In : PERTZ, G. H. (ed.). *Monumenta Germaniae Historica: Scriptores rerum Germanicarum*. Hannover: Hahn, 1829.

> eram alinhados do partido do rei Godefroi. Ele (Carlos) despovoa todos os campos deles, passa o rio e entra no Saxe com sua armada intacta. Os *Esclavons,* ditos *Wiltzes¸* estavam com *Godefroi* nessa expedição e ajuntaram-se voluntariamente a suas tropas por causa da antiga inimizade que eles carregavam pelos Obodrites.[178] (tradução nossa)

Vale ressaltar, configurando como elemento desses intercâmbios, além do indicativo de como as zonas de contato estão afuniladas, o reforço da muralha chamada *Danevirke*. Como bem observa Baldez, trata-se de uma evidência arqueológica incontornável dos fluxos entre francos e daneses, pois, ampliada a partir de 808, a fortificação revela o grau de planejamento, intensidade e continuidade dos contatos e confrontos. [179]

O autor Olaf Olsen comenta acerca das questões em torno do poder real na região danesa durante o século IX que, quando Carlos Magno chega à fronteira sul da região, a fortificação do Danervike em 808[180] age como um indicativo da eminente expansão contida, e ao mesmo tempo, de acordo com o autor, a centralização da região danesa, uma vez que somente um poder central forte teria capacidade de mobilizar grandes quantitativos à época,

> ‘’este impressionante trabalho de defesa, o " Danevirke ", certamente não poderia ter sido construído por um pequeno rei ou chefe local. A construção deve ter exigido a participação de milhares de homens e exigiu uma organização forte e eficaz dirigida por um rei poderoso com recursos substanciais por trás dele - um rei da península de Jylland ou talvez de toda a área dinamarquesa.’’[181]

A arqueologia indica esse processo de centralização e controle desde a Idade do ferro antiga, quando novas estratégias políticas são adotadas para uma nova sociedade, que teve na ascensão das elites com status de militarizadas o principal fator de transformação.[182] De acordo com Niel Price, viver e governar eram chaves distintas no mundo político e do exercício de poder, pois haviam assembleias, denominadas *things*

---

[178] ÉGINHARD. *Annales d’Éginhard, Op. Cit., p. 60. ‘’Charles, fils de l'empereur, jeta sur l'Elbe un pont , et transporta avec toute la célérité possible son armée dans le pays des Livoniens et des Smeldingiens, qui s'étaient rangés du parti du roi Godefroi. dépeupla tous leurs champs, repassa le fleuve , et rentra en Saxe avec son armée intact les Esclavons , dits les Wiltzes, étaient avec Godefroi dans cette expédition , et s'étaient joints volontairement à ses troupes, à cause de l'antique inimitié qu'ils portaient aux Obotrites.*’’

[179] SILVA, Fábio Baldez. *A guerra na Era Viking: a cultura guerreira como elemento construtivo do poder e carisma do rei escandinavo (séculos X e XI)*. 2018. p.36. Cf : BRINK, Stefan ; PRICE, Neil (ed.). *The Viking World*. London ; New York: Routledge, 2008.

[180] OLSEN, Olaf. *Op.cit*., p. 29.

[181] Idem, p. 28-29. ‘’ *This impressive defence work, the " Danevirke " (Fig. 4), could certainly not have been built by a local petty king or chieftain. The construction must have demanded the participation of thousands of men and required a strong and effective organisation directed by a powerful king with substantial resources behind him — either a king of the Jylland peninsula or perhaps of the whole Danish area*.’’ Cf. HOLLMAN, Op.cit., p. 7.

[182] PRICE, Niel. *A história definitiva dos povos do norte*. Op.cit., p. 131.

onde a cultura do salão comunal se fortalece e, assim como as forças sociais que exerciam poder e eram impulsionadas pelas mobilidades do período, uma migração em direção ao continente e à Oeste.

Tais apontamentos contrastam com a tradição historiográfica do século XX que viu nas incursões o motivo-mor explicativo para essas relações e contatos, de igual maneira ocorreu com as percepções por trás da unificação ou centralização do poder na região danesa. As alterações no corpo político e social também são expressas sob o guarda-chuva da cultura material, além da tradição literária. Desde o início do período de atividade das culturas nórdicas, tem servido como recurso inesgotável de revisões acerca das atividades, o conceito de *maritoria* organiza, portanto, ‘’uma forma de poder que combinava as aspirações dos pequenos reis com controle da região, o que tinha estreitas ligações com uma nova forma de mercado, tudo isso articulado as novas relações com o mar[183].’’

No ano seguinte, em 809, Eginhardo narra um evento revelador: uma assembleia entre os “principais do reino dinamarquês” e emissários do império, realizada às margens do Elba, em Baldestein.[184] Possivelmente, tratava-se de um acordo entre as duas unidades políticas, que segundo o cronista, desejavam expressar arrependimento e renegociar os termos de interação e negócios entre os dois reinos.

Contudo, próximo ao fim do governo de Carlos, em 810, tais zonas de contato são postas à prova. Ao que tudo indica, o imperador e o rei dos daneses mantiveram-se ou haviam recentemente entrado em estado de conflito. Eginhardo narra que,

> ‘ ’*Rotrude*, filha mais velha do imperador morre em 8 de janeiro. O imperador, então em Aix-la-Chapelle, meditava uma expedição contra o rei *Godefroi*. Recebeu de repente a notícia que uma frota de duzentos navios, vindos do país dos Normandos tinham abordado a Frisia e devastado tantas ilhas adjacentes a esse rio; que essa armada entrou no continente e que três combates entre eles e os frísios tinham tomado lugar; que os daneses vencedores tinham imposto um tributo aos vencidos; que sob o nome de imposto, cem libras de dinheiro tinham sido pagos pelos frísios, e que o rei Godefroi estava de retorno à sua casa. Todos esses fatos eram verdadeiros. Essa notícia irrita tanto o imperador que ele endereça enviados a todos os lados, por todas as regiões a fim de que reuníssemos uma armada. Parte logo de seu palácio e faz-se presente sobre o campo à frota. Ele passa depois do Reno, o lugar chamado *Lippenheim* e resolveu esperar as tropas que ainda não havia chego. [185] (tradução nossa)

---

[183] PRICE, *Op.cit*. p. 411. O *maritorum,* por sua vez, seria a comunidade, o espaço habitado por esses reis no ambiente marítimo.
[184] ÉGINHARD, *Op.cit.,* p. 62.
[185] Idem., p.64-65. ‘’ *Rotrude, fille aînée de l'empereur, mourut le 8 jan vier. L'empereur, alors à Aix-la-Chapelle, méditait une expédition contre le roi Godefroi. Il reçut tout-à coup la nouvelle qu'une flotte de deux cents navires, venue du pays des Normands, avait abordé en Frise, et dévasté toutes les îles adjacentes à ce rivage Que cette armée était entrée surle continent, et que trois combats entre elle et les Frisons*

O conflito acima insere-se no contexto de tensão que envolveu Carlos e Godfred, os dois reinos estiveram próximo de um conflito em 810, uma vez que os daneses ocuparam a região saxônica e cobraram tributos dos Abodrites[186] e aliando-se ainda aos *Wiltzes (Wendes)*[187]. O gesto se apresenta, em nosso entendimento, como um desafio a presença carolíngia nas margens do Elba e desloca o eixo de influência para o Norte Báltico. Nelson, resume de forma geral as investidas que balizaram essa conjuntura de avanços e reveses nas relações sociopolíticas entre Godfred e Carlos Magno, destacando que, o reino danes era altamente móvel e transitável, por isso, o rei nórdico realmente ameaçou as alianças que o Império sustentava.[188] A conjuntura envolvendo os dois espaços em disputa, segundo Nelson, diz que,

> ‘’Antes de retornar à Dinamarca, Godfred destruiu Reric, um centro comercial no território de Abodrite, e transferiu seus comerciantes para Hedeby, na Dinamarca, antecipando "uma renda saudável com pedágios". Ele construiu uma muralha para proteger este assentamento, "dividindo a responsabilidade pelo trabalho entre os comandantes de suas forças". Em 809, como 'muitas coisas foram relatadas ... sobre a ostentação e o orgulho do rei dinamarquês', o líder abodrita foi assassinado pelos homens de Godfred. Carlos Magno já estava planejando uma expedição contra Godfred em 810 quando soube que "uma frota de 200 navios da Nordmânia atacou a Frísia e devastou todas as ilhas frísias, derrotou os frísios em três combates e impôs tributo a eles, e os frísios já haviam pago 100 libras de prata.’’[189] (tradução nossa)

---

avaient eu lieu; que les Danois vainqueurs avaient imposé un tribut aux vaincus; que sous le nom d'impôt cent livres d'argent avaient été payées par les Frisons , et que le roi Godefroi était de retour chez lui. Tous ces faits étaient véritables. Cette nouvelle irrita tellement l'em pereur qu'il expédia de tous côtés des envoyés pour toutes les régions afin qu'on assemblât une armée, partit de suite de son palais et se rendit sur-le-champ à la flotte. Après il passa le Rhin au lieu nommé Lippenheim, et résolut d'y attendre les troupes qui n'é taient pas encore arrivées [...]. L’armée assemblée, le roi se rendit sur la rivière de l'Aller avec autant de vitesse qu'il fut possible d'y aller, et dressa ses tentes auprès du confluent de ce fleuve avec le Weser; il attendit là l'issue des menaces de Godefroi; car ce roi , enflé de la vaine espérance d'une victoire, se vantait d'en venir aux mains avec l'armée de l'empereur.’’

[186] NELSON, Janet. *The Frankish Empire*. In : The Oxford Illustrated : History of the Vikings. 1997. p. 21

[187] HOLMANN, op.cit. p. 289. *Verbete : Wends.* Segundo a definição da autora, ‘’Wends’’ era um nome coletivo para o grupo vizinho aos daneses e abodrites, pois, vivia na costa sul do Baltico e a leste do rio Elba, ou seja, próximo das zonas de contato em efervescência durante as décadas iniciais do século IX.

[188] NELSON. Op. Cit., p.21.

[189] *Idem.* p.21. ‘’ *Before returning to Denmark, Godfred destroyed Reric, a trading centre in Abodrite territory, and transferred its traders to Hedeby in Denmark, anticipating ‘a healthy income from tolls’. He built a rampart to protect this settlement, ‘dividing responsibility for the work among the commanders of his forces’. In 809, as ‘many things were reported... about the boasting and pride of the Danish king’, the Abodrite leader was assassi nated by Godfred’s men. Charlemagne was already planning an expedition against Godfred in 810 when he learned that ‘a fleet of 200 ships from Nord- mannia had attacked Frisia and ravaged all the Frisian islands, defeated the Frisians in three engagements and imposed tribute on them, and the Frisians had already paid 100 pounds of silver’. Charlemagne had collected a large army when news came that Godfred had been killed by one of his ret inue. His nephew and successor Hemming ‘made peace with the emperor”*. p.21

Ao que tudo indica, o Norte do continente no que concernia as culturas nórdicas não se insere mais à margem do controle e efetiva participação do Império, colocava-se como palco complexo de jogos e arranjos de poder. A querela entre os dois governantes terminou com a morte de Godfred, não pelas forças francas, mas como destacam Marios Costambeys e Matthew Innes, o falecimento do líder danes permitiu uma reconfiguração das relações franco-danesas. A partir daí, delineia-se uma nova estratégia carolíngia: não mais o enfrentamento direto, mas o apoio político seletivo aos pretendentes ao trono do reino danes, visando controlar à distância as dinâmicas políticas e de poder no Norte, '' A política franca subsequente envolveu a oferta de apoio político aos pretendentes reais daneses como meio de evitar possíveis conflitos no futuro.''[190] Podemos ver que,

> '' O envolvimento franco parece ter impedido qualquer recriação real individual do tipo de soberania extensiva desfrutada por Godfred; isso pode, de fato, ter sido um objetivo consciente da política franca. Mas também significou o reconhecimento dos laços estreitos entre a costa da Frísia e a Dinamarca, pois os líderes nórdicos favorecidos não apenas recebiam apoio militar quando necessário, mas também podiam ter pontos de apoio na costa da Frísia como homenageados do imperador franco, e, assim, controlar a própria área que Godfred tanto desejava reduzir ao status tributário.[191]'' (tradução nossa)

As consequências dessa conjuntura inicial é uma inflexão: os grupos nórdicos, principalmente os daneses passaram a cooptar e ser cooptados. O império carolíngio não apenas guerreia, mas arbitra sucessões, modela alianças e transforma antigos inimigos em funcionários — num jogo político de longo prazo, inaugurando o que podemos chamar de "zona franca de influência nórdica". O tratado de paz entre Hemming (sucessor de Godfred) e Carlos em 811 atesta as interações e o estado atual naquela altura.[192]

A respectiva conjuntura se encaixa naquilo que Cooijmans identifica como a "segunda fase dos contatos", compreendida entre os anos de 814 e 840 — período caracterizado pelo aprofundamento das interações diplomáticas, pela consolidação dos canais de negociação e por instabilidades cíclicas nas zonas fronteiriças. Os daneses penetraram continuamente na região continental, no mesmo fluxo que ocorriam associações entre grupos vizinhos visando o alcance de um determinado objetivo.

---

[190] COSTAMBEYS ; INNES ; MACLEAN, *Op.cit.,* p. 355.
[191] *Idem*, p. 356*''Frankish involvement seems to have prevented any indi vidual royal recreating the kind of extensive overlordship enjoyed by Godogredo; this may, indeed, have been a conscious aim of Frank ish policy.71 But it also meant acknowledgement of the close ties between the Frisian coast and Denmark, for favoured Scandinavian leaders were not only given military backing when necessary, but were also allowed to have footholds on the Frisian coast as honores from the Frankish emperor, and thus to control the very area that Godogredo had been so keen to reduce to tributary status."*
[192] ROESDAHL, Else. *The Vikings*. London : Penguin Books, 1998. p. 73–74.

Os eventos destacados não apenas ilustram os contornos do embate entre Carlos Magno e Godfred, mas também antecipam os desdobramentos políticos e diplomáticos que permeariam as décadas seguintes. A relação entre francos e daneses, como demonstrado, não se restringia a episódios isolados de conflito ou cooperação: ela foi nutrida de forma ambivalente, moldada por múltiplas camadas de contato, e inscrita tanto nas estruturas institucionais carolíngias quanto nas práticas móveis e negociais das elites escandinavas operantes sob a prerrogativa da *hidrarquia* e como veremos, do mercenarismo.

A manifestação dessas práticas torna-se cada vez mais evidente na documentação coeva, especialmente nos *Annales Regni Francorum* (ARF), que registram sistematicamente episódios ligados ao norte entre os anos de 782 e 814 — com menções específicas nos anos de 782, 798, 804, 809, 810, 811, 812, 813 e 814.[193] Comércio e diplomacia dominaram e foram a tônica da primeira fase de contatos entre as duas culturas, alimentados sobretudo pela força do comércio na faixa continental ao Norte, nas regiões de Quentovic e Dorestad.[194] Niel Price atenta sobre o comércio dos séculos VII ao IX que Dorestad estava

> ‘’situada na região de Utrecht, perto de uma bifurcação crucial do Reno que proporcionava excelentes comunicações. Do século VII em diante, cresceu rapidamente como o principal mercado e porto do norte do Império Franco. De longe o maior entreposto de seu tipo, Dorestad se desenvolveu em um extraordinário empreendimento linear de vários quilômetros de extensão ao longo do rio. Seus amplos cais de madeira se estendiam a perder de vista água adentro, tão abarrotados que, em essência, formavam um prolongamento do próprio mercado.’’

A relevância desse entreposto não se limitava à circulação de mercadorias. Durante o reinado de Carlos Magno, sobretudo a partir da década de 790, Dorestad se tornaria também o principal centro emissor de moeda do império. Costambeys e Innes enfatizam esse papel com uma abordagem da numismática, ‘’ no auge da produção, Dorestad estava cunhando de longe o maior número da única denominação em circulação no império carolíngio, o denário, que tinha poder de compra, em 794 [...]’’[195]

---

[193] Cf. *ANNALIUM REGNI FRANCORUM. In: PERTZ, G. H. (Ed.). Monumenta Germaniae Historica: Scriptores. Hannover: Hahn, 1895*

[194] COOIJMANS, Op.cit. p. 91-92. Cf. Ver também, PRICE, Niel. Op.cit., p.410. Para mais sobre o apogeu do comércio frísio a partir da década de 830.

[195] COSTAMBEYS; INNES; MACLEAN. *Op.Cit.,* p.346 ‘’ At the height of production, Dorestad was minting far and away the greatest number of the sole denomination in circulation in the Carolingian empire, the denarius, which had a purchasing power, in 794’’

2.2. Agência dos *danes* durante o período de Luis, o piedoso (814-840)

A sucessão de Carlos Magno por seu filho Luís, o Piedoso, em 814, inaugurou uma fase particularmente sensível na consolidação do modelo imperial carolíngio, com repercussões diretas sobre a administração do território, a mobilidade de agentes imperiais e a natureza do consenso político entre a aristocracia e a realeza. O reinado de Luís, marcado por intensas reformas internas e tensões familiares, tem sido tradicionalmente compreendido como um momento de transição, frequentemente caracterizado por parte da historiografia como uma época de descaminhos e fragmentação da unidade imperial.

O imperium foi herdado pela primeira vez quando Luis recebe-o de seu pai. Antes disso, houve conquista e expansão sob a prerrogativa da guerra. Não à toa, o reinado de Luis se mostra diferente daquele levado à cabo por Carlos, tanto no que concerne aspectos político-econômicos quanto culturais e geográficos[196]. Quando seu pai, Carlos, é coroado *imperator* no ano de 800, tinha 22 anos, na sua morte 36. Foi um nobre que pertenceu à família dominante, aos 3 anos de idade foi colocado para governar a Aquitânia (781).[197]

Deve-se ressaltar que a conjuntura política que envolveu Luis e Harald[198], além de Horic posteriormente, consistiu numa imbricada e complexa teia de relações político-diplomáticas e militares. Para Janet L. Nelson, o reinado de Luís não deve ser interpretado apenas como uma continuidade estática do governo de Carlos Magno, mas como uma experiência de reconfiguração do império, marcada por desafios internos de autoridade e pela crescente importância da negociação diplomática com as zonas de contato e além delas. Segundo a autora,

> ‘’ Na Dinamarca, porém, Luís não era pacificador, mas fomentava conflitos. Quando os filhos de Godfred expulsaram um rival chamado Harald, Luís deu as boas-vindas ao exílio e o "enviou" para a Saxônia. Uma tentativa de restaurar Harald ao trono dinamarquês falhou em 815, quando "uma frota

---

[196] Sobre a tradição historiográfica que reconsidera as atribuições e ações de Luis, o pieodoso (814-840) Cf. GANSHOF, Louis F. *Louis the Pious reconsidered*. In: GANSHOF, Louis. *The Carolingians and the Frankish Monarchy: Studies in Carolingian History,* 1971. p.170-180. O autor inaugura o debate acerca das condições históricas singulares que o poder pater de Carlos legou à Luis, considerando, inclusive, as mobilidades como fator importante, sobretudo, os daneses.

[197] Cf. Para um debate historiográfico atualizado acerca do reinado de Luis, o piedoso: COVALCHUK, Gabriel Irinei. *Proteção espiritual e territorial: a manutenção do poder real de Luís, o Piedoso através do exemplo de Cláudio de Turim, bispo de fronteira (814–827)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

[198] Cf. RICHÉ, Pierre. *Les Carolingiens : une famille qui fit l’Europe*. Paris: Hachette Littérature, 1983. O autor caminha na tradição de L.F. Ganshof, bem como: VERHULST, Adriaan. *The Carolingian economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.154. Os autores atribuem à presença danesa um fator de catalisação sobre a conjuntura que já era de caos político.

> dinamarquesa de 200 navios" ameaçou a Saxônia, mas em 819 Harald tornou-se co-governante ao lado de dois dos filhos de Godfred.[199]''

O relato de Eginhardo sobre a morte de Carlos Magno em 814 fornece elementos fundamentais para compreender a transição de poder e as condições sociopolíticas em que se deram, sobretudo por ressaltar que,

> [814] Como o imperador Carlos passou o inverno em Aix-la-Chapelle, ele deixou esta vida terrena por volta do septuagésimo primeiro ano de sua idade, o quadragésimo sétimo de seu reinado, o quadragésimo terceiro desde a submissão da Itália e o décimo quarto desde o momento em que recebeu os títulos de imperador e Augusto. Vários mensageiros levaram a notícia de sua morte a seu filho Luís, em sua cidade rural de Doué, na Aquitânia, onde ele passou o inverno. Esse príncipe chegou a Aix-la-Chapelle, trinta dias após esse evento, e sucedeu seu pai com o consentimento e a aprovação unânimes de todos os francos. [200]

Para Geneviève Bührer, sobre a transmissão de poder e o contexto carolíngio desde a morte de Carlos,

> Quando Carlos Magno morreu, Luís teve que organizar uma verdadeira "marcha" sobre Aachen para assumir o controle do palácio: ele temia que os antigos conselheiros de seu pai tentassem impedi-lo de tomar posse de sua herança. Luís, que havia sido coroado rei da Aquitânia ainda muito jovem, trinta e três anos antes, nunca havia ficado em Aachen e sempre permaneceu fora dos assuntos do Império. A sucessão de Carlos não estava destinada a ele, e diz que seu pai não o apreciava muito: em 813, Carlos o coroou com suas próprias mãos, mas imediatamente o envio de volta à Aquitânia em vez de mantê-lo perto de si em Aix para iniciá-lo no governo do Império.[201] (tradução nossa)

Ainda que o texto reforce a imagem de continuidade pacífica e aceitação consensual da sucessão, a realidade se mostra mais nuançada. Luís já havia sido coroado imperador por seu pai em 813, numa cerimônia cuidadosamente orquestrada em Aix-la-Chapelle. No entanto, após o rito, ele regressa à Aquitânia — região que governava desde 781 — e lá permanece durante o inverno de 813–814, assume apenas quando o pai oficialmente falece. A documentação capitular, especialmente entre os anos de 816 e 819, atesta o

---

[199] NELSON, Janet L. The Frankish Empire. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford : Oxford University Press, 1997. p. 22.

[200] GUIZOT, François (org.). *Collection des mémoires relatifs à l'histoire de France : depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au XIIIe siècle ; avec une introduction, des suppléments, des notices et des notes*. Paris: J.-L.-J. Brière, 1824. *Annales d'Éginhard*, t. 3, p. 72.

[201] Idem, p. 65. ‘’*À la mort de Charlemagne, Louis doit organiser une véritable « marche » sur Aix-la-Chapelle pour se rendre maître du palais : il craint que les anciens conseillers de son père ne cherchent à l'empêcher d'entrer en possession de son héritage. En effet, Louis sacré roi d'Aquitaine dès son plus jeune âge trente-trois ans auparavant, n'a jamais séjourné à Aix, et il est toujours resté en dehors des affaires de l'Empire. La succession de Charles ne lui était pas destinée, et on dit que son père ne l'appréciait guère : en 813, Charles le couronna certes de ses propres mains, mais il le renvoya immédiatement en Aquitaine au lieu de le garder près de lui, à Aix, pour l'initier au gouvernement de l'Empire*.”

esforço sistemático de Luís, o Piedoso, em reafirmar sua autoridade e restaurar um ideal de justiça imperial e consolidar-se sob a figura do pai,

> Depois que Luis, o Piedoso, sucedeu a seu pai, ele se empenhou, nos primeiros anos de seu império, em distribuir seus direitos por todo o império, conforme testemunhado por anais e escritores. (Einhard, ano de 814: enviou legados para todas as partes de seu reino para administrar a justiça e aliviar as opressões do povo; crônica de Moissiac, ano de 815: também ordenou a seus *missi* e comites que fizessem justiça em seu reino e, se algum homem fosse injustamente privado da herança de seus pais devido à ganância de comites ou poderosos, que fossem forçados a restituir; além disso, se algum homem fosse injustamente reduzido à servidão, que recuperasse sua liberdade.[202]

No ano seguinte a coroação um desdobramento das relações é colocado em relevo sob uma premissa diferente, os intercâmbios e as múltiplas zonas de contatos afuniladas desde Carlos despontam em 815, conforme aponta Eginhard,

> [815] ‘’ O imperador ordenou que os Saxões e os Obodrites se preparassem para essa expedição; por duas vezes durante o inverno foi feita uma tentativa de cruzar o Elba, mas o tempo mudou repentinamente, o ar ficou mais ameno e o gelo do rio se quebrou; portanto, foi necessário abandonar essa empreitada e esperar até meados de maio até que, terminado o inverno, um clima mais favorável lhes permitisse entrar em campanha. Então, todos os condes saxões e todas as tropas dos saxões foram, de acordo com as instruções de Luís, e sob a liderança de Balderico, seu tenente, para o país dos normandos, para o lugar chamado Sinleu, além do rio Eyder, para resgatar Harald; então, deixando esse lugar, eles finalmente, e depois de sete dias de marcha, montaram acampamento na costa do Oceano e lá permaneceram por três dias; Mas como os filhos de Godfred, embora tivessem reunido numerosas tropas e uma frota de duzentas velas, permaneceram confinados a uma ilha separada do continente por uma distância de três milhas, e não ousaram atacar, os nossos devastaram todas as cidades vizinhas, receberam quarenta e um reféns dos povos daquele país e retornaram à Saxônia para o imperador.’’ [203] (tradução nossa)

---

[202] BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (ed.). *Capitularia regum Francorum*. Tomus II. Hannoverae: Bibliopolii Hahniani, 1897. *p. 264. ‘’ Hludowicus Pius postquam patri successit iam primis imperii sui annis ius suum cuique in universo imperio tribui testibus annalibus et scriptoribus admodum studuit. (Einh. ann. ad a. 814: ad iustitias faciendaset oppressiones popularium relevandas legatos in omnes regni sui partes dimisit; Chronic. Moissiac. ad a. 815: mandavit etiam missis et comitibus suis, ut iustitias facerent in regno suo, et si aliqui homines iniuste privatiso fuissent de hereditate parentum per cupiditatem comitum aut divitum, ut reddere facerent; necnon et si aliqui homines iniuste in servitute redacti erant, ut iterum acciperent libertatem*. (Tradução nossa)

[203] GUIZOT, *Op.cit.,* p. 74 ‘’ [815.] Les Saxons et les Obotrites eurent de l'empereur l'ordre de se préparer à cette expédition ; deux fois on tenta cet hiver le passage de l'Elbe ; mais la température changea subitement, l'air s'adoucit et les glaces du fleuve se rompirent ; il fallut donc renoncer à mettre à fin cette entreprise, et attendre jusque vers le milieu de mai que, l'hiver étant terminé, le temps plus favorable permît d'entrer en campagne. Alors tous les comtes Saxons et toutes les troupes des se rendirent , conformément aux instructions de Louis , et sous la conduite de Balderic son lieutenant , dans le pays des Normands , au lieu nommé Sinleu, au-delà du fleuve de l'Eyder, pour secourir Harald; ensuite, quittant cet endroit, ils posèrent enfin , et après sept jours de marche , leur camp sur le rivage de l'Océan , et y demeurèrent trois jours ; mais comme les fils de Godefroi , quoiqu'ils eussent rassemblé des troupes nombreuses et une flotte de deux cents voiles, restaient enfermés dans une île séparée du continent par une distance de trois milles, et n'osaient en venir aux mains, les nôtres ravagèrent tous les bourgs des environs, reçurent des peuples de ce pays quarante-un otages, et retournèrent en Saxe auprès de l'empereur.’’

A incursão, liderada por Balderico sob ordens diretas de Luís, tinha por objetivo apoiar Harald, príncipe exilado do reino danes, numa tentativa de reconquista frente aos descendentes de Godfred, então instalados na região e com base naval fortificada. A ação, embora limitada em termos militares, mostra a nova postura franca diante dos embates internos no reino dos daneses. O termo latino *auxilium*, presente na entrada dos anais, é fundamental aqui, pois indica mais do que um gesto de solidariedade militar: sugere uma nova doutrina de ação dentro das zonas de intercâmbios que se criavam, baseada na intervenção seletiva e estratégica.

Um desdobramento dessa conjuntura pode ser compreendido, como arrolado acima a partir da participação política enviesada e com determinados objetivos políticos dos francos nas fronteiras vizinhas. Desencadeou-se assim, como descreve o autor a partir da invasão da Saxônia, outra vez em 815, o auxilio recebido dos grupos convocados e dos daneses ocorre pela via marítima, aspecto tecnológico em destaque no que tangia o aparato militar dos daneses,

> ‘’Lá, depois de acamparem por três dias, como os homens de *Godofridi*, que estavam em uma ilha separada por três milhas do continente com grandes forças e uma frota de duzentos navios, não ousavam confrontá-los, devastaram os povoados vizinhos e tomaram quarenta prisioneiros da população, retornaram para o imperador na Saxônia. Ele, naquele tempo, no lugar chamado *Padrebrunno*, estava realizando uma assembleia geral de seu povo. Ali, todos os principais líderes e legados dos eslavos orientais vieram até ele.’’[204] (tradução nossa)

Entre 814 e 830 as disposições políticas e sociais entre francos e daneses se arranjam sob a mesma premissa, condição que se altera profundamente com a guerra civil instaurada no alvorecer da terceira década. Um exemplo dessa prática pode ser observado no ano de 817, o *ARF* diz que Luis encontrou a situação de disputa interna pelo trono danes e interfere no conflito entre os pleiteadores Harald e Godfred,

> ‘’Os filhos de Godfred, rei dos daneses, devido à constante hostilidade de Harald, enviaram uma delegação ao imperador pedindo paz e prometendo mantê-la; mas, como isso parecia mais simulado do que verdadeiro, foi ignorado como algo sem valor, e ajuda foi dada a *Harald* contra eles.’’[205] (tradução nossa)

---

[204] *Annales Regni Francorum*. In: KURZE, Friedrich (ed.). *Annales Regni Francorum, inde ab a. 741 usque ad a. 829 qui dicuntur Annales Laurissenses maiores et Einhardi*. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1895. p. 271. Anno de 815 ‘ *’Ibique stativis triduo habitis, cum filii Godofridi, qui contra eos magnis copiis et ducentarum navium classe conparata q in insula quadam tribus milibus a continenti separata residebant, cum eis congredi non auderent, vastatis circumquaque vicinis pagis et acceptis popularium obsidibus XL ad imperatorem in Saxoniam reversi sunt. Ipse enim tunc temporis in loco, qui dicitur Padrebrunno, generalem populi sui conventum habebat. Ibi ad eum omnes orientalium Sclavorum primores et legati venerunt.’’*

[205] *Idem*. p. 145. *‘Filii quoque Godofridi regis Danorum propter assiduam Harald infestationem 1 missa ad* imperatorem legatione pacem petunt eamque a se servandam pollicentur; sed cum haec simulata magis quam veraCia viderentur, velut inania neglecta sunt, et auxilium contra eos Harald datum.’’

A região danesa, por sua vez, durante a respectiva conjuntura enfrentou graves problemas, principalmente após a morte de Sigfried, líder que abriu as zonas de contatos anterior ao ano de 800. Desde a morte do sucessor e filho Godfred em 810, o termo *auxilium* assume importância, pois, a conturbada sucessão legada aos sobrinhos: Hemming e Sigfried (c.811) contra *Anulo,* sobrinho de um outro rei que contestava a hereditariedade*,* indica como os eventos são explorados por Luis.

> ‘’Os Anais Francos dão uma visão dramática e bastante detalhada sobre assuntos relacionados à ascensão de um novo rei na Dinamarca no início do século IX. Após o assassinato do rei Godfred em 810 d.C., seus filhos foram para o exílio e seu sobrinho Hemming tornou-se rei. Após a morte de Hemming, dois anos depois, duas partes lutaram pelo trono. Um era liderado por Sigfred (outro sobrinho de Godfred), o outro por Anulo (sobrinho de um rei anterior, Harald). Ambos morreram, mas o partido de Anulo foi vitorioso, então foi acordado que os dois irmãos de Anulo deveriam ser reis. No ano seguinte, em 813, eles foram superados pelos filhos do rei *Godfred*, que assumiu o trono, e esse ramo da família manteve o poder por muitos anos.’’[206]

Conforme aponta Else Roesdahl, os Anais francos oferecem um relato dramático e detalhado das disputas internas que se seguiram à morte do rei Godfred em 810: seus filhos foram forçados ao exílio, enquanto seu sobrinho Hemming ascendeu ao trono. Após a morte deste em 812, nova luta emergiu entre Sigfred (outro sobrinho de Godfred) e Anulo (descendente de uma linhagem rival), resultando na morte de ambos e na ascensão dos irmãos de Anulo, Harald e Reginfrid.[207] Harold busca *auxilium* do imperador contra os filhos de Godfred, ressurgidos do *exilium*[208] passado na Suécia juntamente com uma porção da aristocracia.

O apoiado *Harald* compartilhou o trono danes com *Horik I (c.827-854),* até ser definitivamente afastado exilado na Frância a partir de 827. Após isso, Horik emerge como único rei até sua morte em 854.[209]A conjuntura destacada indica as intensas

---

[206] ROESDAHL, Else**.** *The Vikings.* London: Penguin Books, 1998. p. 69 ‘’ *The Frankish Annals give a dramatic and quite detailed insight into matters relating to the accession of a new king in Denmark at the beginning of the ninth century. After the killing of King Godfred in AD 810, his sons went into exile and his nephew Hemming became king. After Hemming's death two years later, two parties fought for the throne. One was led by Sigfred (another of Godfred's nephews), the other by Anulo (nephew of an earlier king, Harald). Both died, but Anulo's party was victorious, so it was agreed that Anulo's two brothers should be kings. The following year, in 813, they were over- come by the sons of King Godfred, who took the throne, and this branch of the family retained power for many years.*’’

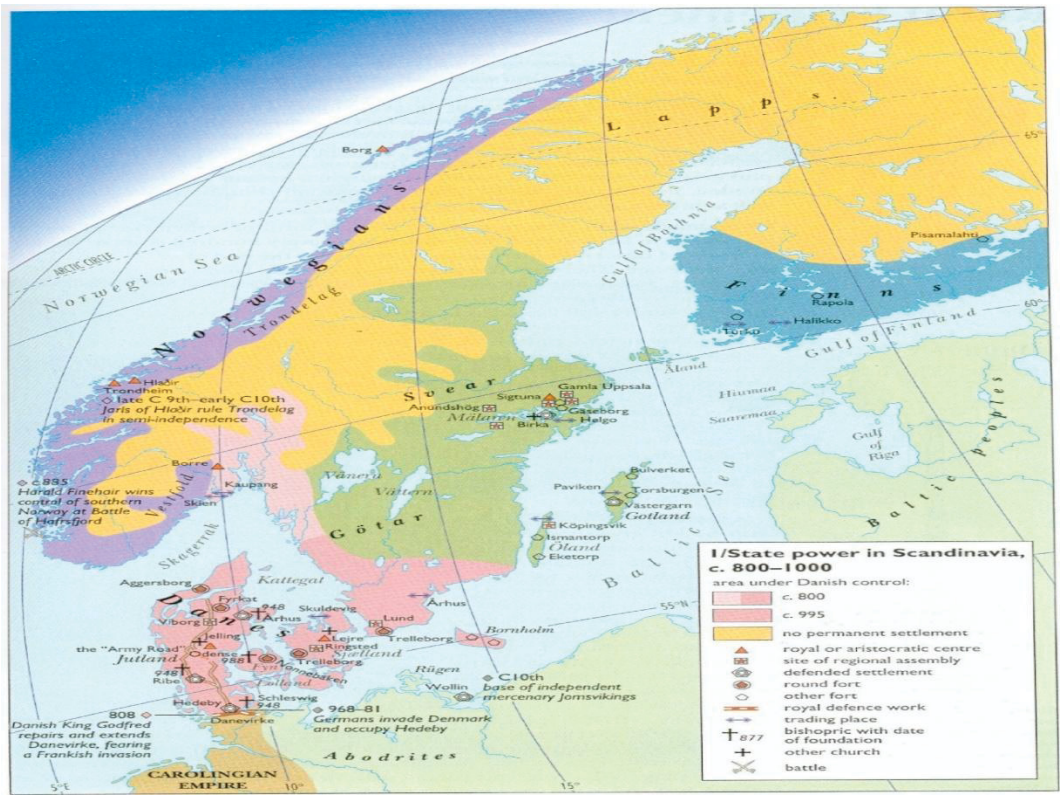
[207] ROESDAHL, *Op.cit.,* p. 70.

[208] Cf. Para um debate aprofundado sobre a operacionalização do exilio como mobilidade política forçada, Ver: FRIGHETTO, Renan. *Exílio e exclusão política no mundo antigo: de Roma ao reino godo de Tolosa (séculos II a.C.–VI d.C.)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. E, ver: LUND, Niels. Scandinavia, c. 700–1066. In: McKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. II : c.700–c.900. Cambridge : Cambridge University Press, 1995., p. 208.

[209] LUND, Niels. *Op.cit.,* p. 208.

mobilidades por meio da prática de *exilium*, mas, além disso, se desdobram nas práticas de: mercenarismo, diplomacia, pirataria, sobrelevando as funções exercidas por *Harald.*

Godfred é quem reforça essa condição num primeiro momento, pois, não se trata de progressão de escalas, mas da organização interna e inerente ao processo histórico danes, visto que um rei dispunha de laços aristocráticos regionais e também com os francos, mostrando que seu poder se espraiou pelo continente e por mar. O mapa abaixo ilustra as configurações do exercício de poder na Escandinávia durante os século IX e X,



Mapa 2. O poder na Escandinávia (séculos IX e X). In : HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the Vikings*. London: Penguin Books, 1995. p. 31.

O mapa demonstra a fragmentação política característica da Escandinávia nesse período, marcada pela multiplicidade de reinos e lideranças locais. Os centros de poder identificados entre os séculos IX e X — como Hedeby, Jelling, Birka e Uppsala — revelam uma estrutura fluida de autoridade, fortemente condicionada pelas redes de prestígio, alianças familiares e capacidades navais e militares. Tais espaços, longe de compor uma unidade coesa, funcionavam como polos dinâmicos de articulação com o continente, conforme revela a documentação franca. Nesse sentido, a posição de Godfred como um rei cujos vínculos com lideranças regionais e alianças externas, sobretudo com os francos, foi central para a projeção de seu poder além-mar. Ao passo que Harald Klák — e posteriormente Horik — representam figuras limítrofes entre integração e tensão,

sinalizando como o poder na Escandinávia não pode ser lido senão a partir de suas conexões externas, de sua mobilidade e de sua capacidade de adaptação a lógicas políticas continentais. Ilustra não apenas a geografia do poder escandinavo, mas também a fluidez e a instabilidade próprias de um mundo em transição, cujos protagonistas estavam cada vez mais implicados nas disputas e estruturas do Império Carolíngio. É nessa esteira que verte a figura de Harald, mercenário e diplomata da conjuntura supracitada.

2.3. *Harald Klák*: o primeiro mercenário no *Imperium Carolingium*?

O afunilamento das relações entre a unidade política danesa e o Império são evidenciadas por Eginhardo em seus anais. O cronista registra com clareza o envolvimento direto de Luís, o Piedoso, na disputa sucessória que assolava a unidade política danesa entre os anos de 810 e 813. Após sua derrota frente aos filhos de Godfred, Harald procurou refúgio junto ao imperador, que o acolheu como aliado político, potencial funcionário e eventual agente de cristianização. Segundo os Anais,

> Mais ou menos na mesma época, *Harald* e *Rainfroi*, príncipes daneses, derrotados e expulsos de seus domínios no ano anterior pelos filhos de Godfred, reuniram novas forças e recomeçaram a guerra; *Rainfroi* e o mais velho dos filho de Godfred morreu lá; Harald, agora desconfiando do sucesso de seus negócios, foi até o imperador e colocou-se em suas mãos. Este príncipe recebeu-o gentilmente e ordenou-lhe que fosse para a Saxônia para aguardar o momento em que ele poderia trazer-lhe a assistência que ele pediu[210]. (tradução nossa)

A resposta de Luís não tardou: entre os meses de inverno de 814 e 815, tropas saxãs e dos Abodrites foram convocadas pelo imperador para socorrer Harald, que se encontrava na fronteira setentrional do império. Apesar das dificuldades climáticas que impediram as primeiras travessias do Elba, em maio uma força militar foi enviada até o Norte, ultrapassando o rio Eider e chegando à costa danesa, onde os filhos de Godfred haviam se refugiado com uma frota de duzentas velas. A campanha terminou sem confronto direto, mas com a devastação de povoados, obtenção de reféns e a reafirmação da presença imperial na zona de contato setentrional.

De acordo com Eginhardo, depois de maio de 815 as armadas saxãs e dos Obodrites foram reunidas e despachadas em socorro ao solicitante[211] que se encontrava ao norte da moderna Hamburgo,

---

[210] GUIZOT, *Op.cit.,* p. 74.
[211] *Idem*. p.74.

> Os saxões e *Obodrites* foram ordenados pelo imperador a se prepararem para esta expedição; duas vezes neste inverno a travessia do Elba foi tentada; mas a temperatura mudou repentinamente, o ar amoleceu e o gelo do rio quebrou; foi, portanto, necessário desistir da ideia de colocar fim a esse empreendimento e esperar até meados de maio, quando, terminado o inverno, o clima mais favorável permitiu a entrada no campo. Então todos os condes saxões e todas as tropas dos saxões foram, de acordo com as instruções de Luís, e sob a condução de Balderico, seu tenente, para o país dos normandos, para o lugar chamado Sinleu, além do rio Eyder, para a assistência de *Harald*; então, deixando este lugar, eles finalmente, e depois de sete dias de marcha, acamparam na costa do oceano e permaneceram lá três dias; mas como os filhos de *Godfred*, embora tivessem reunido numerosas tropas e uma frota de duzentas velas, permaneceram trancados em uma ilha separada do continente por uma distância de três milhas, e não ousaram entrar em conflito, nossos homens devastaram todas as aldeias da vizinhança, receberam quarenta e um reféns do povo daquele país, e voltou da Saxônia para o imperador.[212] (Tradução nossa)

Nesse mesmo período, no ano de 817, como salienta Else Roesdahl, a própria região danesa experimentava transformações internas profundas. A crescente centralização do poder sob figuras como Horik I decorreu não apenas da vitória militar sobre adversários como Harald, mas também da intensificação e da organização política além do fortalecimento das dinâmicas frente aos francos e demais grupos vizinhos. Segundo a autora,

> ‘’A necessidade de paz e prosperidade entre os principais grupos da sociedade deve ter originalmente levado à unificação de grandes áreas sob um rei e explica a disposição do povo de aceitá-lo como soberano e contribuir para sua manutenção e execução de seus deveres. [...] Na Escandinávia, surgiu a necessidade de unidades políticas maiores e mais centrais por volta do início da Era Viking’’[213] (tradução do autor)

A menção também feita por Roesdahl, de figuras como Glum — encarregado da segurança da fronteira sul da região danesa em 817 — reforça a hipótese de que as relações entre francos e daneses iam além da mera diplomacia cerimonial. Representantes

---

[212] *Idem*, p.74 ‘’Les Saxons et les *Obotrites* eurent de l'empereur l'ordre de se préparer à cette expédition ; deux fois on tenta cet hiver le passage de l'Elbe ; mais la température changea subitement, l'air s'adoucit et les glaces du fleuve se rompirent ; il fallut donc renoncer à mettre à fin cette entreprise, et attendre jusque vers le milieu de mai que, l'hiver étant terminé, le temps plus favorable permît d'entrer en campagne. Alors tous les comtes Saxons et toutes les troupes des se rendirent , conformément aux instructions de Louis , et sous la conduite de Balderic son lieutenant , dans le pays des Normands , au lieu nommé Sinleu, au-delà du fleuve de l'Eyder, pour secourir Harald; ensuite, quittant cet endroit, ils posèrent enfin , et après sept jours de marche , leur camp sur le rivage de l'Océan , et y demeurèrent trois jours ; mais comme les fils de Godefroi , quoiqu'ils eussent rassemblé des troupes nombreuses et une flotte de deux cents voiles, restaient enfermés dans une île sé parée du continent par une distance de trois milles, et n'osaient en venir aux mains, les nôtres ravagèrent tous les bourgs des environs, reçurent des peuples de ce pays quarante-un otages, et retournèrent en Saxe auprès de l'empereur.’’

[213] ROESDAHL, *Op.cit.,* p. 69. ‘’ *A need for peace and prosperity amongst the leading groups in society must originally have led to the unification of large areas under one king, and explains the people's willingness to accept him as a sovereign and contribute to his maintenance and the execution of his duties.[…]. In Scandinavia the need arose for larger and firmer political units around the beginning of the Viking Age*. ‘’

reais atuavam em pontos estratégicos como cidades e portos, arrecadando tributos, mantendo a ordem e servindo como elos entre o poder central e as comunidades locais, evidenciando o grau de sofisticação política que permeava o espaço nórdico no início do século IX, também há evidências de guardas costeiros especiais em tempos de agitação, como na Europa Ocidental, e em 817 um homem chamado Glum é mencionado como responsável pela segurança da fronteira sul danesa.

Nesse cenário, unidades políticas como o reino danes passaram a adotar uma gama variada de estratégias para lidar com essa nova pressão: ora integrando-se por meio de alianças dinásticas ou conversões, ora mobilizando práticas próprias como o mercenarismo e a diplomacia. Harald encarna justamente essa ambiguidade: ora convertido e aliado cristão, ora rival dos filhos de Godfred, ora refugiado na corte franca. Sua trajetória revela como a mobilidade política e o trânsito entre culturas moldaram as configurações do poder e das fronteiras na primeira metade do século IX,

> ‘’Os filhos de Godfred, rei dos daneses, atormentados pelas contínuas devastações que Harald estava causando em seu país, enviaram uma delegação ao imperador pedindo paz e jurando cumpri-la fielmente, mas esses protestos pareciam mais fingidos do que sinceros; portanto, foram desconsiderados como vãos, e Harald foi apoiado contra eles. [214]” (tradução nossa)

O cerco parece ter durado até meados de 820-821, pois o silêncio nas fontes é interrompido pela informação repentina de que a região *danesa* estaria dividida entre os filhos de Godfred, sendo o Horik I e Harald os reis,

> Então, também Hériold, que os Obodrites haviam levado de volta a seus vassalos, de acordo com as instruções do imperador, chegou a sua terra natal por mar, na esperança de ocupar o trono, mas diz que dois dos filhos de Godefroi foram associados a ele para reinarem juntos, e que os outros dois foram expulsos do país: isso foi, além disso, considerado como obra de um ardil.[215] (tradução nossa)

O ano de 821 foi também marcado por outra inflexão: a invasão e a tomada da ilha de Noirmoutier, próxima ao estuário do Sena, evento simbólico que, conforme aponta Armand Colin, indica o crescente patamar da presença nórdica nas costas do Império

---

[214] GUIZOT, *Op.cit*., p. 78. *‘’Les fils de Godefroi, roi des Danois, tourmentés par les ravages continuels qu'Harald exerçait dans leur pays, envoyèrent à l’empereur une députation pour demander la paix et jurer de l'observer fidèlement-, mais ces protestations parurent plus feintes que sincères ; on les négligea donc, comme choses vaines, et on soutint Harald contre eux.”*

[215] Idem*, Op.cit.* p.86 *‘’Alors aussi Harald, que les Obotrites avaient reconduit jusqu'à ses vasseaux d'après les instructions de l’empereur, gagna par mer sa patrie, dans l'espoir d'en occuper le trône mais on dit qu'on lui associa, pour régner conjointe ment avec lui, deux des fils de Godefroi, et qu'on chassa du pays les deux autres : ceci fut, au reste, regardé comme fœuvre de la ruse”*

Carolíngio e ratifica a permanência dos agentes daneses dentro das zonas de contato, sob inúmeras práticas.[216]

Nesse quadro, é possível identificar uma série de sintomas que marcam os limites e as transições dessa relação. Um deles é a função ambivalente desempenhada por Harald como mercenário (*mercenarius*) a serviço do Império. Embora os documentos sejam lacônicos entre 821 e 827, a ausência de referências diretas pode indicar sua atuação silenciosa, mas eficaz – desse ator histórico em consonância com os interesses políticos francos.

Ao intervir no conflito ao longo de vários anos, Luis estreitou as dinâmicas e práticas inseridas dentro das zonas de contato, resultado direto desse poder foi o batismo de Harald em 827[217]. Tal evento ganha ainda mais relevância diante do inconteste silêncio documental acerca da década de 820. Eginhard continua alimentando o círculo letrado da época sobre o império e suas extensões, nos descreve a propósito do batismo que,

> ‘’Enquanto isso, Louis havia realizado duas assembleias na Tune em Nijmegen, necessário pela perfídia de que Horic, filho de Godfred, rei dos daneses, havia sido culpado ao falsificar a promessa pela qual se comprometera a comparecer naquela cidade, na presença do imperador *[...]”*[218]

Após uma descrição sobre as duas assembleias gerais realizadas naquele ano, continua dizendo, " [...] durante esse tempo, os reis dos daneses, ou seja, os filhos de Godfred, excluindo Harald de qualquer associação com o reino, forçaram-no a se afastar das fronteiras dos normandos; [...][219]

Desde a procura direcionada a Luis, Harald se encontrava sob jurisdição e ordens do imperador, a conjuntura evidencia sua condição frente a dependência política do *imperium*. Primeiro, pelo reinado cotutelado entre *Horik I* e *Harald* de 821 até 827. Ao escolher o lado do sobrinho em detrimento dos filhos do antigo rei danes, Luis mostra sua participação na política danesa, mesmo sem pretensão expansionista ao Norte, Costambeys e Innes defendem que, embora como vimos, ele não estivesse interessado em

---

[216] BUHRER-THIERRY, Geneviève. *L’Europe carolingienne (714–888)*. Paris : Armand Colin, 2019. p. 77.

[217] Cf. NELSON, Janet. The last years of Louis the Pious. In: COLLINS, Roger; GODMAN, Peter (ed.). *Charlemagne’s Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840).* Oxford: Clarendon Press, 1990. p. 147–160.

[218] GUIZOT, *Op.cit.,* p. 111-112’’ [827] Cependant Louis avait tenu deux assemblées na Tune à Nimègue, nécessitée par la perfidie dont Horic, fils de Godefroi, roi des Danois, s'était rendu coupable en faussant la promesse par laquelle il s 'était engagé à comparaître dans cette ville, en présence de l'empereur’’

[219] Idem., p.112. ‘’ […] pendant ce temps-là, les rois des Danois, c'est-à dire les fils de Godefroi, excluant Harald de toute association au royaume, le forcèrent à s'éloigner des frontières des Normands. […]

estender o império, o imperador aumentou a influência franca entre os daneses ao intervir em uma disputa dinástica ao lado do rei Harald Klák[220].

Ainda em um segundo plano, a conjuntura balizada entre o início do apoio franco e a expulsão de Harald da região danesa indicam alguns sintomas: o primeiro, a utilização do agente *histórico danes como* avalizador das intenções de Horik I. A função aqui desempenhada no sentido ambivalente, propriamente dito, é a de *mercenário* (*mercenarius*).[221] O que ocorre depois nos permite inferir os demais sintomas dos anos seguintes em que Harald atua como mercenário. Pois, sabe-se no que concerne ao recém exilado, no ano de 828 ‘’que aceitou o batismo diante das pinturas murais em Ingelheim com sua família e seguidores e permitiu que Luís enviasse missionários entre seu povo.[222]’’

A concessão feita por Luís, o Piedoso, a Harald Klák em 826 próximo ao rio Escalda, na Frísia — revela o grau de proximidade entre o imperador e o líder danes que recebe então, na região de Schedt um território chamado de Rüstringen.[223] No ano seguinte, *Horic* emerge como único rei.[224]

Por fim, as vésperas da mudança abrupta que sacode a região carolíngia no fim da década, o ano de 828 guarda vestígios dos reveses na relação entre Luis e Harald. Na pena do cronista, segundo ele, após assembleia em Aix-La-Chapelle para tratar das coisas do reino e lidar com os sarracenos na Marca Hispânica situação problemática no Sul e que como veremos, durante os reinados dos filhos de Luis, o foco volta-se ao lado setentrional. Sobre a situação, se observa que,

> "Enquanto isso, nas fronteiras dos normandos, quando se devia tratar tanto da confirmação do tratado entre eles e os francos quanto dos interesses de Harald, e todos os condes da Saxônia haviam se reunido com os margraves para esse fim, Harald, demasiado ávido por agir, violou a paz combinada e ratificada por reféns, saqueando e incendiando algumas vilas dos normandos. Ao ouvirem isso, os filhos de Godfred rapidamente reuniram tropas e marcharam até a fronteira. Chegando à margem do rio Eider, onde nossos soldados estavam acampados sem suspeitar de tal ataque, cruzaram o rio, expulsaram-nos do acampamento, colocaram-nos em fuga, saquearam tudo e retornaram com todo o exército ao seu acampamento. Em seguida, tendo deliberado sobre como evitar a vingança por esse ato, enviaram uma embaixada ao imperador para explicar que haviam agido contra a própria vontade e forçados pela necessidade, mas que estavam prontos para oferecer plena satisfação. E que competia ao imperador

[220] COSTAMBEYS ; INNES; MACLEAN. *Op.cit.,* p.208.
[221] Cf. FRANCE, John (ed.). *Mercenaries and paid men: the mercenary identity in the Middle Ages*. Proceedings of a Conference held at University of Wales, Swansea, 7th–9th July 2005. Leiden; Boston: Brill, 2008.
[222] COSTAMBEYS e INNES, op.cit. p.208.
[223] NELSON, Janet L. The Frankish Empire. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 23.
[224] *Idem,* p. 23.

> decidir qual reparação seria exigida, a fim de que, doravante, a paz permanecesse firme entre as duas partes."[225]

O episódio de 828 assinala um revés crucial nas relações entre Luís e Harald. O que se inicia como uma parceria diplomática e militar se transforma em desconfiança e, por fim, em separação. Após sua expulsão definitiva do espaço danes, em 827 e seu batismo no ano seguinte, Harald parece perder completamente as esperanças de reassumir o trono que havia reivindicado com apoio franco mais de uma década antes. Sua conversão ao cristianismo pode ser lida, então, tanto como um rito de fidelidade quanto como um gesto de encerramento de sua trajetória política autônoma no Norte.

É nesse contexto que Harald surge, pouco depois, ao lado de Lotário, filho de Luís. A mudança de lado tem implicações significativas. O status de mercenarius[226], como evidencia esse caso, revela-se estruturalmente maleável. Tal posição, atrelada a uma lealdade condicional, reitera a fluidez da fidelidade aristocrática na Tardo Antiguidade e no século IX. A função de mercenári aqui não pode ser compreendida apenas como subordinação bélica: ela inclui elementos de mediação política, espionagem, presença simbólica e exercício de poder limítrofe — um papel que, como o de Harald, oscilava entre o útil e o não necessário.

A associação de Harald a Lotário, portanto, deve ser lida à luz dessa lógica: sua transferência de lealdade não é apenas uma traição, mas expressão da natureza contratual e instável das relações político-militares da época. A partir desse ponto, os eventos dos anos 830 e adiante, marcados pelas lutas internas da dinastia carolíngia — incluindo episódios de fratricídio e rebelião —, reservarão aos agentes históricos das culturas nórdicas um papel específico. Em meio ao colapso da ordem interna do império, figuras como Harald tornam-se variáveis estratégicas em disputas internas pelo poder.

---

[225] RFA, *Op.cit,* p. 175 ‘’ Interea, cum in confinibus Nordmannorum tam de foedere inter illos et Francos confirmando quam de Harald rebus tractandum esset, et ad hoc totius Saxoniae comites simul cum marchionibus illo convenissent, Haraldus, rerum gerendarum nimis cupidus, condictam et per obsides firmatam pacem, incensis ac direptis aliquot Nordmannorum villulis, inrupit. Quod audientes filii Godofridi, contractis subito copiis, ad marcam veniunt, et nostros in ripa Egidore fluminis sedentes ac nihil tale opinantes, transito flumine adorti, castris exuunt, eisque in fugam actis cuncta diripiunt ac se cum omnibus copiis suis in sua castra recipiunt. Deinde, inito consilio ut ultionem huius facti praevenirent, missa legatione ad imperatorem, quam inviti et quanta necessitate coacti id fecerint exposuerunt, se tamen ad satisfactionem esse paratos; et hoc, inquiunt, imperatoris esset arbitrio, qualiter ita fieret emendatum, ut de reliquo inter partes pax firma maneret.’’

[226] FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 2021.Sobre o termo mercenarius: ‘’ 1. *mercēnārĭus (mercēnnārĭus)* -a, como adjetivo: mercenário, assalariado, alugado. 2. *mercēnārĭus (mercēnnārĭus*) – i, como substantivo: mercenário, o que trabalha por salário. p.603. Dicionario latino-portugues. Garnier. Belo Horizonte : 2020. p. 603.

Capítulo 3 – Transformações no Império carolíngio zonas de contato, mobilidades e mercenarismo danes.

O alvorecer da terceira década se encontra preenchida pelas intensas convulsões sócio-políticas na região franca. A maior parte delas, produzidas nos anos anteriores e reverberadas fortemente nas décadas que aqui se seguem, deslocando atores históricos, inaugurando ou alterando práticas, dinâmicas, objetos e categorias que tocam em maior ou menor medida na organicidade do mundo ambivalente entre as duas culturas. O período avalizado escancara a participação efetiva dos daneses nas dinâmicas e processos, sua presença no cotidiano do Império mostra que operaram e estiveram efetivamente na esfera política do mundo carolíngio, alargando como demonstrado, as zonas de contato criadas ou iniciadas anteriormente a partir das mobilidades e seus rizomas. Sendo assim, a figura de *Harald (Harioldi),* por exemplo, atuando como agente mercenário e líder de bandas de associação carolíngias, configura aqui como um indicativo do afunilamento e diversificação dos intercâmbios àquela altura e as implicações da conjuntura. Ao longo das décadas balizadas, as condições históricas em relevo nas descrições documentais acerca do período, descrevem um Império em caos pelos conflitos familiares gestados ao longo do reinado de Luis, o piedoso (814-840).

Como veremos, as descrições revelam um estágio das relações no qual os contatos de outrora se solidificaram, ao ponto de haver negociações envolvendo a oferta de *beneficium,* arranjos, sedições e outros pactos, nesse caso, em relação ao personagem destoante chamado Harald. Trata-se de uma relação calcada no interesse sociopolítico mútuo, a abordagem da figura danesa e da função de mercenário possibilita a compreensão dos papéis e experiências históricas assumidas por tais agentes em meio ao tensionamento que, naquela altura, catalisavam processos políticos internos da região franca. Desta forma, o respectivo capitulo traz à baila a análise da documentação acerca das três décadas que seguiram as relações franco-danesas, compreendidas entre 830-861. A documentação dentro desse período revela uma paisagem transformada, na qual os contatos esporádicos com o mundo nórdico e suas culturas haviam evoluído para relações orgânicas e complexas. Estas, por sua vez, desdobraram-se em campanhas militares conjuntas, tratados de hospitalidade, concessão de espaços socioprodutivos e troca de reféns, reforçando que o mercenário não era um elemento externo, mas parte integrante da dinâmica política carolíngia.

3.1. *Annales Bertiani*: Poder e agência *danesa na Frância occidentalis*

A porção ocidental do império carolíngio — posteriormente consolidada como *Francia occidentalis* — apresentava-se, já nas primeiras décadas do século IX, como um espaço político complexo. Tal característica derivava não apenas de sua vasta extensão territorial, mas da densa malha de poderes eclesiásticos e aristocráticos que estruturavam o cotidiano da vida imperial. Os espaços públicos e privados não estavam dissociados, mas organizavam-se sob um forte referencial político-religioso. Como destaca Régine Le Jan, a região entre o Loire e o Reno compreendia uma das áreas centrais da Europa carolíngia, com profundos vínculos institucionais:

> '' A área escolhida era vasta, pois abrangia cerca de sete províncias eclesiásticas: parte da província de Tours até as de Rouen, Sens, Reims, Trier, bem como parte das províncias de Colônia e Mainz, um total de 38 bispados. No período carolíngio, essa região foi dividida em cerca de cem *pagi*, com limites às vezes imprecisos e tamanhos variados.''[227] (tradução nossa)

No que concerne à geografia, nos deparamos com uma estrutura que moldou os desdobramentos sentidos ao longo da respectiva conjuntura, pois, contribuía ativamente para sua lógica de funcionamento, sobretudo por meio dos rios amplamente navegáveis que conectavam o interior do continente ao mundo atlântico. Essa rede fluvial, herança funcional da Gália romana, permitiu a articulação de rotas comerciais e militares entre os

---

[227] LE JAN, Régine. *Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle)* : essai d'anthropologie sociale. Paris : Publications de la Sorbonne, 2003. '' '*L'espace retenu est vaste, puisqu'il couvre près de sept provinces ecclésiastiques : une partie de la province de Tours celles de Rouen, Sens, Reims, Trèves, ainsi qu'une partie des provinces de Cologne et de Mayence, au total 38 évêchés. A l'époque carolingienne, cette région avait été divisée en une centaine de pagi, aux limites parfois imprécises et de taille variable*.'' p.22

centros francos, além dos territórios insulares e nórdicos. Os contatos entre francos e daneses desenvolveram-se, portanto, através dessas hidrovias, tais como: o Sena, o Loire, o Escalda e o Reno — que não apenas facilitavam os deslocamentos, mas também simbolizavam as zonas de contato na qual imperavam as relações de poder e mobilidade.[228]

No fim da década e começo dos anos trinta do século IX, as atividades *danesas* foram pouco registradas quando comparadas as décadas anteriores. Isso tudo se deve as implicações sentidas pelo tecido sociopolítico e cultural do mundo franco e largamente realçado pelos cronistas. É nesse cenário que os *Annales Bertiniani* — redigidos entre as décadas de 830 e 882, mas especialmente ricos entre 830 e 861 — assumem papel central. Embora compostos por múltiplos autores, todos profundamente inseridos nas estruturas da Igreja carolíngia, os Anais oferecem uma narrativa coerente das transformações que afetaram o império ocidental.

Mesmo reconhecendo a subjetividade das vozes que os compuseram — sobretudo clérigos próximos à cúria de Carlos, o Calvo —, os Anais são fonte privilegiada para compreender os impactos da presença escandinava na região franca. Apesar de os registros sobre atividades danesas diminuírem entre o final da década de 820 e o início da de 830, isso não deve ser interpretado como ausência ou retração dos fluxos. Ao contrário: os silêncios documentais resultam das reconfigurações internas que exigiram dos cronistas uma concentração narrativa nas disputas sucessórias e nos rearranjos dinásticos internos. O tecido sociopolítico franco encontrava-se esgarçado, como resultado direto das disputas entre os filhos de Luís, o Piedoso, e das tentativas frustradas de manutenção da unidade imperial.

O primeiro dos compiladores e responsáveis pela conjuntura escrutinada foi Fulco[229]. Tornou-se capelão real partir da revolta de 830, uma vez que, seu mestre, Hilduin[230], foi deposto por Luis na assembleia do mesmo ano em Aachen (Aix-La-Chapelle), após revoltar-se junto à Bernardo, conde de Barcelona desde 827 e ocupante da principal função em 829, a de mordomo no palácio do seu tio Luis. Depois da Assembleia realizada em janeiro do mesmo ano, assumiu sua nova função de arquicapelão de Metz. De acordo com *Depreux*,

> Quase nada se sabe sobre a atividade do arquicapelão, que com a maior probabilidade foi, se não o redator, pelo menos a inspiração e, à luz da história, o fiador da primeira parte (anos 830/835) dos Anais de Saint Bertin. Dois documentos são, no entanto, muito valiosos, que nos mostram que ele estava

[228] Idem, p. 23.
[229] DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage*. *Op.cit.*, p. 194.
[230] Idem, p.250.

> trabalhando na corte. Estes são dois diplomas dados em Worms em 833, um em 4 de abril, o outro em 10 de junho.[231] (tradução nossa)

De acordo com Graeme Dunphy, acerca da produção documental e da sua autoria atesta que,

> "Se trata da continuação dos *Annales regni Francorum* para a Francia *Occidentalis* cobrindo os anos 830 882. Foi escrita em três estágios distintos: uma cópia levemente expandida dos anais régios de 741 a 830 e uma continuação até 834, provavelmente encomendadas pelo arquicapelão Fulk, abade de St. Hilaire de Poitiers [...][232]"

Na altura em que Fulco está recebendo as informações do Império (830-834) e narrando-os, Luis enfrentava um ambiente interno tão encarniçado pelas revoltas regionais quanto pela presença externa (bretões, sarracenos, eslavos) e sobretudo daneses.*[233]* Como apontam os cronistas e biógrafos do Império, um exemplo que reitera as condições acima são os anos de 830-840, quando é traído pelo seu círculo pessoal, mostrando o desgaste interno que vivia frente às aristocracias e bandas de associação de poder[234] que se formavam no bojo das dissensões pelo poder. O nascimento do filho mais novo, Carlos, o calvo, em 823, assinala o último elemento no drama que marca o novo período e que ecoaria diretamente sobre os anos avalizados, visto que mais um herdeiro legítimo e direto junta-se aos mais velhos na divisão dos territórios do Império.

Deve-se destacar igualmente as condições históricas inscritas na malha cotidiana do Império Franco. Pois, é plausível afirmar que havia um cenário de agudas mobilidades, tanto em direção às regiões comercialmente relevantes quanto àquelas de atração política e militar, ou ainda, às regiões interioranas na tentativa de estabelecer-se por via bélicas. A primeira destas condições consiste no fato de Luis e o Império Carolíngio serem, naquela altura, os protetores da unidade política da fé cristã, como está ratificada pelos atos do natal de 800. Como destacado anteriormente, o século IX no que tange o diálogo entre coroa e Igreja bebeu diretamente dos laços políticos e de poder empreendidos a partir da segunda metade do século VIII.

---

[231] Idem, p. 194-195. '' *On ignore presque tout de l'activité de l'archichapelain, qui avec la plus grande vraisemblance « fut » sinon le rédacteur, du moins l'inspirateur et, au regard de l'histoire, le garant de la première partie (années 830/835) des Annales de Saint Bertin. Deux documents sont cependant forts précieux, qui nous le mon trent agissant à la cour. Il s'agit de deux diplômes donnés à Worms en 833, l'un le 4 avril, l'autre 10 juin.*"

[232] DUNPHY, Graeme (org.). *The Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Volume 1, Leiden : Brill, 2010. p. 56.

[233] GANSHOF, F.L. *Louis, the pious reconsidered*. p.173.

[234] AIRLIE, Stuart. Bonds of Power and Bonds of Association in the Court Circle of Louis the Pious. In: GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (org.). *Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840)*. Oxford : Clarendon Press, 1990. p. 191–204.

A busca por unidade religiosa se desdobra no campo político e assume como pode-se observar na *Ordinatio Imperii* de 817 indicando[235] a distribuição de Luis e sua intenção de unidade imperial, pois, haviam reis, todos subservientes a ele. A política de unidade imperial manifestada há muito e sintonizada em 817 demonstra como defende Vinicius Dreger que Carlos Magno já havia arranjado mecanismos que permitiram a coesão das unidades díspares do reino, levando os principais dele para exercer as funções de controle, assim como dispôs de *honores* para administrarem regiões e os magnatas que operavam na dissensão. Para ele, as aristocracias regionais foram elevadas através de medidas dessa natureza a um patamar trans regional[236], uma vez que em tese, a finalidade dos enviados era diluir os espíritos refratários e de contestação.

A unidade imperial destaca que o exercício político e a prática das novas ideias era muito tênue e assume novos contornos na década de 830. Ganshof ainda no século XIX, simbolizando uma historiografia clássica atenta sob tais questões, comenta sobre o estado das coisas no tocante ao Império Carolíngio,

> ‘’de acordo com essa noção, o imperador - e isso significava, é claro, o imperador romano - era dotado de uma autoridade universal destinada a proteger a Igreja universal contra os perigos que poderiam ameaçá-la, a difundir a fé cristã e a preservar sua pureza. Essa concepção abstrata da autoridade imperial era, obviamente, incompatível com a ideia tradicional, quase patrimonial, do poder real.’’[237]

A capitular de 817, de forma geral, expressa a versão final das reformas gestadas entre o triênio (814-817) e a consolidação, ao menos no ideário, como fica exposto, de uma manutenção da unidade política. Nas quais se buscou estabelecer um ordenamento interno pautado na máxima de ‘’uma só regra, um só costume’’[238]. Diferentemente de Carlos Magno, por exemplo, Luís utilizou o título de imperator adjunto ao de Augustus, o que revela uma intenção clara de afirmar a unidade imperial não apenas em termos políticos, mas também simbólicos e normativos, dado que as capitulares tinham efeito completo através da figura dos *missi* e oficiais. Ou seja, há nesse gesto uma tentativa deliberada de centralização e homogeneização das práticas de governo, reafirmando a primazia do imperador sobre os demais reis e reforçando o papel do Império como sustentáculo da ordem cristã no Ocidente.

---

[235] GANSHOF, F.L. *Op.cit. p*., 176. Além disso, segundo o autor, citando uma capitular do período, aponta que o *imperium* havia chegado no- seu máximo de expansão.
[236] DE ARAÚJO, *Vinicius Dreger. Bruderkrieg*: guerra civil e o início do fim da unidade do Império Carolíngio. 2015. p. 16
[237] GANSHOF, F.L. *Op.cit.*, p. 174. Para ele, a visão de Luis com a capitular de 817 era tentar levar adiante um movimento de ‘’despersonalizar’’ o poder e desconcentrar a herança.
[238] BÜHRER-THIERRY, Geneviève. *L’Europe carolingienne : 714–888*. Paris: 2019. p. 66

Um segundo aspecto fundamental presente na Frância e que se desdobra diretamente da busca por unidade imperial diz respeito à prática da hereditariedade por primogenitura. No caso da dinastia carolíngia, essa prática ainda se apresentava de forma instável e cambaleante. Embora adotada formalmente, ela assumiu contornos diversos e serviu como verdadeiro tubo de ensaio para contestações internas e rebeliões de caráter fratricida — como aquelas que emergem logo após a promulgação da Ordinatio Imperii (c.817). De acordo com o documento estabelece-se como prerrogativa máxima e de acordo com o *item (7)*, a divisão do reino entre os filhos de Luis, o piedoso, sendo nomeador coimperador o filho mais velho Lotário I, Pepino da Aquitânia e Luis, da Germânia, o que reitera o contexto armado.

A preocupação com as mobilidades externas e como deveriam lidar com tais situações aparecem no tom de preocupação emitido adjunto à capitular. Como podemos ver, ‘’Queremos e ordenamos que o irmão mais velho leve auxílio aos seus irmãos mais novos, quando estes, requisitarem ajuda contra nações estrangeiras, conforme indicar a razão e permitir a oportunidade do tempo, seja pessoalmente, por emissários fiéis ou por seus próprios exércitos.’’ [239] Mais uma vez, nos deparamos com a manifesta tentativa de coesão e manutenção do Império, aos moldes das condições que se apresentavam.

O ano de 830 refletido na pena de Fulco traz as dificuldades encontradas pelo imperador após conter a rebelião encampada desde 829, além de como julgar os revoltosos dela, pois, contemporânea e paralelamente, uma campanha para a Bretanha é descrita[240] sendo motivo de deserções dos magnatas de Luis, em virtude do perigo que a região oferecia, sendo refratária de longa data.[241] Descreve o cronista que,

> ‘’todo o povo se opôs muito a esta campanha por causa de suas dificuldades e se recusou a seguir o imperador para a Bretanha. Alguns dos magnatas, conhecendo a atitude crítica do povo, convocaram-nos para uma reunião a fim de afastá-los da lealdade que haviam jurado ao Senhor Imperador. E assim todo o povo, que deveria estar marchando para a Bretanha, reuniu-se em Paris e passou a forçar Lotário a vir da Itália e Pepino da Aquitânia para atacar seu

---

[239] CAPITULARIA REGUM FRANCORUM. *Ordinatio Imperii (817)*. In: BORETIUS, Alfred (ed.). *Capitularia Regum Francorum*, Tomus I. Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1883, p. 270–273. (MGH Capit. I, nº 137). ‘’ *Volumus atque iubemus, ut senior frater iunioribus fratribus suis, quando contra exteras nationes auxilium sibi ferre rationabiliter expetiverint, iuxta quod ratio dictaverit et temporis oportunitas permiserit, vel per se ipsum vel per fideles missos et exercitus suos oportunum eis auxilium fera*t’’ (tradução nossa)

[240] NELSON, Janet L. (Trad.). *The Annals of St. Bertin*. Manchester : Manchester University Press, 1991. p. 21.

[241] Cf. LEWIS, Stephen M. *Vikings in Aquitaine and their connections, ninth to early eleventh centuries*. Thèse (Ph.D. em História, História da Arte e Arqueologia) – Université de Caen Normandie, Caen, 10 jun. 2021. Disponível em: *https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-03339358v1*. Acesso em: 07.24. Para um debate mais aprofundado sobre o espirito refratário da Aquitânia e da Bretanha frente ao império carolíngio.

> pai: o plano era depô-lo, destruir sua madrasta e matar Bernardo.[242]'' (tradução nossa)

O soberano enfrenta as forças centrípetas nascidas no seio familiar até sua morte em 840, Lotário e Pepino I da Aquitânia, por exemplo, são os primeiros a irem contra o movimento excêntrico do Império e da tentativa de manutenção da centralidade projetada no filho mais novo, Carlos, o Calvo. Foi apenas a primeira de muitas revoltas que acabaram por preencher a respectiva década, nos anos seguintes e durante o reinado de Carlos, as forças de dissensão gestadas no bojo do círculo íntimo pululam em todos os cantos.[243]

Durante seu reinado, entre 814 e 840, Luis conseguiu resistir às pressões com a criação de mecanismos políticos e sociais, mas, as experiências históricas promovidas pelo imperador se deram em meio a diferentes programas políticos[244] o que causou uma fissura no tecido sociopolítico. Evidente que Luis e Carlos, não dispuseram de unanimidade política. Seus atritos em meio ao processo interno e familiar se juntaram à Igreja que cobrava reformas desde 814 e endureceu o governo de Luis.[245]

Em resumo, tal é o pano de fundo que permite a intensificação das ações danesas diante da paisagem efervescente dos francos, segundo Bührer,

> ''As primeiras dificuldades de Luís surgiram de um endurecimento do episcopado, que queria ver a reforma da Igreja prometida desde 814 aplicada de forma mais eficaz, e da nova situação criada pelo nascimento de um quarto filho legítimo, nascido em 823 do casamento de Luís e Judite, que recebeu o primeiro nome de seu glorioso avô, Carlos. Mas os anos de 823 a 829 também foram marcados por inúmeros desastres: o inverno de 823 a 824 foi particularmente rigoroso, causando um número incomum de mortes; a situação política nas bordas do Império, seja no Norte, no Leste ou no Sul, era muito preocupante; no final de 828, o abade Wala de Corbie falou de "angústia geral". Finalmente, em 829, um terremoto afetou o palácio de Aachen e espalharam-se rumores de que um exército dinamarquês havia invadido o Império. Embora esse boato tenha sido negado, ele mostra que a preocupação era óbvia.''[246] (tradução nossa)

---

[242] NELSON, J. L. *Op.cit.,* p.21. ‘*'The whole people were much opposed to this campaign because of its difficulties, and they refused to follow the Emperor to Brittany. Some of the magnates, knowing the people's critical attitude, summoned them to a meeting so as to wean them away from the loyalty they had sworn to the Lord Emperor. And so the whole people, who ought to have been marching to Brittany, met up at Paris, and went on to force Lotário to come from Italy and Pippin from Aquitaine to attack their father: the plan was to depose him, to destroy their stepmother and to kill Bernard.*''

[243] Cf. Acerca da revolta de Bernardo em 817 e como as práticas tiveram implicações, ver: BÜHRER-THIERRY, p. 68-69.

[244] GANSHOF, L.F. *Op.cit.,* p. 171.

[245] BÜHRER-THIERRY, *Op.cit*, p. 71

[246] Idem, p.71 *‘'* Les premières difficultés de Louis proviennent, d'une part, d'un durcissement de l'épiscopat qui voudrait voir appliquer de manière plus efficace la réforme de l'Église promise depuis 814 et, d'autre part, de la nouvelle donne que constitue la naissance d'un quatrième fils légitime, né en 823 du mariage de Louis et de Judith, auquel on a donné le prénom de son glorieux grand-père, Charles. Mais les années 823-829 furent aussi marquées par de nombreuses catastrophes : l'hiver 823-824 fut

O trecho citado de Bührer oferece uma leitura precisa e sensível das tensões que marcaram o reinado de Luís, o Piedoso, particularmente durante a década de 820 e 830. Tais tensões não podem ser vistas apenas como episódios isolados ou desvios administrativos, mas sim como manifestações concretas de uma crise sistêmica — social, política e simbólica — que fragilizou a coesão do Império Carolíngio. Nesse cenário, como bem apontado, os diferentes programas políticos ensaiados por Luís revelaram não apenas a complexidade do jogo interno entre monarca, aristocracia e Igreja, mas também a crescente dificuldade em manter uma estabilidade mínima no tecido sociopolítico.

A constatação de que "o pano de fundo que permite a intensificação das ações danesas em solo franco" encontra respaldo direto nas palavras do abade Wala, que já em 828 se referia a uma "angústia geral", revela-se particularmente significativa. Tal angústia não deve ser compreendida como mera expressão retórica ou sentimento abstrato, mas como um sintoma histórico ancorado em uma sucessão de eventos que abalaram profundamente as estruturas do Império. Entre esses elementos, destacam-se os desastres naturais, os persistentes rumores de invasões, as fissuras no corpo político, as exigências e tensões com o clero, além da instabilidade provocada pelo nascimento de Carlos — o futuro Calvo —, cuja presença reconfiguraria de modo substancial os mecanismos sucessórios do império carolíngio.

Essa ambiência de insegurança permite compreender por que os dinamarqueses — atentos e adaptáveis às aberturas políticas e militares — intensificaram sua atuação a partir da década de 830. Como discutido ao longo deste trabalho, os ataques nórdicos não devem ser lidos exclusivamente como atos externos de violência desordenada, mas como movimentos inseridos em um contexto no qual o poder franco já demonstrava claros sinais de desgaste e fissura. Assim, a mobilidade danesa, os acordos e até o mercenarismo praticado por elites escandinavas encontram, nesse intervalo de crise, terreno fértil para projeção e permanência.

Portanto, a posição de Bührer reforça a interpretação de que os eventos do reinado de Luís, o Piedoso — frequentemente marcados por tensão entre ideal cristão e pragmatismo político — prepararam, mesmo que de forma não intencional, a entrada mais incisiva dos daneses no tabuleiro político do império. Em outras palavras, as falhas

---

particulièrement rude, provoquant une mortalité inhabituelle ; la situation politique aux marches de l'Empire, que ce soit au nord, à l'est ou au sud, est très préoccupante ; à la fin de l'année 828, l'abbé Wala de Corbie parle d'une véritable « détresse générale ». Enfin, en 829, un tremblement de terre affecte le palais d'Aix la Chapelle et le bruit court qu'une armée danoise a envahi l'Empire. Si cette rumeur est démentie, elle montre que l'inquiétude est manifeste."

internas do modelo foram percebidas como oportunidades externas para agentes nórdicos que já dispunham de redes, mobilidade e ambição política.

3.2. As mobilidades e maleabilidades *danesas* a partir de 830.

O ano de 831 marca a primeira menção explícita, por Fulco de Reims, aos daneses de acordo com a *AB.* Segundo o cronista, o imperador Luís recebeu uma delegação vinda da região danesa durante a Assembleia Geral ocorrida nos meses de junho e julho, logo após outra reunião realizada em maio, na cidade de Thionville. Apesar de sucinta, a descrição aponta para um quadro de negociações e intercâmbios. Após registrar a recepção de uma delegação enviada por *Amir Al'Mamoun,* da Pérsia — que solicitava a assinatura de um tratado — Fulco observa: '' eles logo conseguiram o que procuravam e voltaram para casa. Também vieram enviados dos daneses com o mesmo pedido e eles também voltaram para casa depois de terem seu tratado confirmado.[247]''

A passagem acima permite observar, em um primeiro plano, o caráter indiciário das mobilidades danesas em direção às terras francas, já perceptível nas primeiras décadas do século IX. Mais do que simples deslocamentos ocasionais, os registros revelam a emergência de uma lógica própria de articulação política e militar entre agentes daneses e o centro do poder carolíngio. Em 831, por exemplo, torna-se evidente que determinados segmentos entre os daneses possuíam um grau de organização suficientemente consolidado para estabelecer canais diplomáticos diretos com o imperador franco — ou, alternativamente, que o próprio aparato político franco reconhecia e legitimava essa agência externa, como já sugerido em seções anteriores.

Importa sublinhar que os daneses não figuram apenas como enviados pontuais, mas como sujeitos ativos de uma diplomacia em formação, cujos emissários não apenas chegavam à corte franca, mas dela partiam com acordos firmados, retornando posteriormente em novas missões. Tais movimentações, longe de serem episódicas ou acidentais, revelam a existência de um circuito relacional contínuo, vinculado às zonas de contato progressivamente constituídas desde o final do século VIII e agora densificadas por práticas específicas: diplomacia interestatal, prestação de serviços mercenários, alianças matrimoniais, pirataria regulada e circulação de espólios.

---

[247] AB, *Op., Cit*. p. 23 ' *'They soon got what they sought, and went home again. There also came envoys of the Danes with the same request and they too went home after having their treaty confirmed"*

Essas práticas, no interior dessas zonas de contato, funcionam como micropolíticas de fronteira — mecanismos táticos e reiterativos de engajamento — que se sedimentam progressivamente nas margens do império. É nesse ponto que a leitura tradicional, marcada pela oposição binária entre civilização e barbarismo, mostra-se insuficiente: os daneses não operam aqui apenas como "invasores", "piratas" ou "ameaças externas", mas como sujeitos multifuncionais e adaptativos que, ao mesmo tempo em que pressionam as bordas do império, inserem-se em seu sistema. Participam, portanto, de uma lógica mais ampla de reconfiguração do espaço franco, assumindo papéis ambivalentes — aliados, inimigos, intermediadores, tropas auxiliares, parceiros comerciais — em um cenário de negociação contínua.

Dessa forma, reduzi-los à imagem fortuita de "exploradores do Norte" ou ao clichê do bárbaro saqueador é desconsiderar o modo como as práticas danesas são incorporadas a uma nova ecologia política em formação. Trata-se menos de uma exterioridade ameaçadora e mais de uma interiorização progressiva das fronteiras: os daneses passam a compor, de dentro e de fora, as tensões que moldam o próprio processo de transição que se convencionou chamar de Antiguidade Tardia. O que se vê, então, não é apenas o enfraquecimento de uma ordem imperial, mas o surgimento de um campo de disputas, alianças e acomodações, em que os chamados “bárbaros” não são mais apêndices marginais, mas peças centrais no jogo político carolíngio.

Desde a década de 820, portanto, na esteira das novas dinâmicas, observa-se o surgimento do mercenarismo como um fenômeno cada vez mais nítido. A existência, dentro do próprio império, de bandas de associação[248] de poder — grupos armados vinculados a lideranças aristocráticas ou comitivas móveis — funcionava como um ambiente propício para a incorporação de práticas análogas oriundas de fora. A proposta historiográfica que enxerga nas bandas de poder uma estrutura político-militar interna precursora permite pensar o mercenarismo como forma legítima militar e política das culturas nórdicas. Não como um elemento exógeno, mas como uma variação externa de uma prática já operante dentro do Império Carolíngio.

Os mercenários nórdicos, como Harald e outros agentes posteriormente documentados, encarnam uma transição simbólica: da aristocracia comercial e local

[248] RAFFIELD, Ben; GREENLOW, Claire; PRICE, Neil; COLLAR, Mark. Ingroup identification, identity fusion and the formation of Viking war bands. *Early Medieval Europe*, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 89–113, 2020. Os autores defendem, assim como Airlie Stuart no tocante ao Império Carolíngio, que os nórdicos operavam de igual maneira, ou seja, associando-se à grupos capazes de operar em coletivo. AIRLIE, Stuart. Bonds of power and bonds of association in the court circle of Louis, the pious. In : COLLINS and GODMAN (org.) New Perspectives on the reign of the Louis, the pious (814-840). p. 193

baseada na troca e no tributo para uma elite do mar, articulada por meio do sistema de hidrarquia, isto é, de lideranças altamente móveis e fundamentadas nas lideranças marítimas. O mercenário, nesse contexto, torna-se figura híbrida: ora associado à violência, ora à intermediação política, barganhando, recebendo, trocando, interferindo.

O ano de 834, por exemplo, assinala um movimento brusco nas relações. Do respectivo ano até 837 a região de *Dorestad* onde se encontrava o principal porto comercial ao norte do Império[249] foi saqueada e queimada sucessivamente por grupos daneses.[250] É interessante notar que a ausência de citações a eles durante dois anos coincide com os eventos desdobrados nesse período e que envolveram os filhos de Luis, encampados numa grave revolta[251] contra o pai.

Além disso, os sucessivos ataques mostram que houve um grande fluxo de riquezas móveis correndo em direção aos emporium da região setentrional e apontam para o mercenarismo como fenômeno diretamente ligado à tais espaços econômico-políticos. A Frísia, por exemplo, dispunha dos portos mais ricos, constituiu-se no ‘’calcanhar de Aquiles’’ do Império franco. Estendendo-se ao longo da costa do Mar do Norte, da Dinamarca à Holanda moderna, a Frísia era impossível de policiar ou defender sem uma frota eficaz, que os francos não tinham.[252]’’

Quando reaparecem, após um retumbante silêncio documental, uma instabilidade política marca o reinado de Luis. Em meio a conjuntura conflituosa, foi mantido preso por Lotário em *Aachen.*[253] Arrependidos, Luís e Pepino reconciliam-se e resgatam o imperador das mãos do irmão em 834, em mais um episódio que revela fragilidade da unidade política carolíngia, e o contexto sociopolítico agitado que recebe a agência danesa*,* ‘’[...] enquanto isso, uma frota de daneses chegou à Frísia e devastou uma parte dela. De lá, eles vieram por Utrecht até o empório chamado Dorestad e destruíram tudo. Eles massacraram algumas pessoas, levaram outras cativas e queimaram a região ao redor.”[254] Logo no ano seguinte, a mesma dinâmica, em 835 diz a documentação,

---

[249] ROESDAHL, Else. The vikings. *Op.cit.,* p. 76.
[250] COSTAMBEYS, M. ; INNES, M. ; MACLEAN, S. *Op.cit.*, p.49. Segundo os autores, Dorestad ainda exercia papel predominante no comercio e emissão de moedas desde o século VII, Carlos Martel é quem conquista a região e potencializa-a como centro emissor e comercial.
[251] NELSON, Janet L. (Trad.). *The Annals of St. Bertin*. Manchester : Manchester University Press, 1991. p. 22-28.
[252] NELSON, Janet L. *The Frankish Empire*. Op.cit., p. 23.
[253] NELSON, Janet L. *AB*. Op.cit., p.29.
[254] Idem, p.30. ‘’*Meanwhile a fleet of Danes came to Frisia and laid waste a part of it. From there, they came by way of Utrecht to the emporium called Dorestad and destroyed everything. They slaughtered some people, took others away captive, and burned the surrounding region”* (tradução nossa)

> Quando isso foi realizado em junho, e os presentes anuais haviam sido recebidos e as Marcas da Espanha, Septimânia e Provença haviam sido organizadas, ele retornou a Aachen. Mas enquanto ainda estava naquela assembleia, os nórdicos caíram sobre Dorestad em um segundo ataque, devastaram-no e o saquearam ferozmente. O imperador, muito irritado, chegou a Aachen e fez arranjos para uma defesa eficaz das costas.[255]

O que ocorre durante essa conjuntura de ataques é uma demonstração da volatilidade das relações estabelecidas nas zonas de contatos. Os ataques à Dorestad destacam o potencial bélico dos daneses e a organicidade do sistema hidrárquico e das bandas de associação que operavam sincronicamente em distintos espaços, e ainda, oferece-nos, naquilo que concerne os ganhos no exterior com tributos, impostos e pedágios, uma organicidade pautada na figura de um líder que mais organizado, compelia seus inimigos a negociar sua retirada.

Em 836, esse ponto de virada é consolidado com a menção direta a *Horic I*[256], citado como *rex Danorum*[257] durante a Assembleia de Worms por Drogo de Metz (meio-irmão de Luis) e segundo autor-compilador da narrativa.[258] O imperador Luís esperava Lotário para tratar das reparações pós-rebelião quando os ataques à Frísia novamente irrompem. Aqui, as intenções a respeito da devastação cobrem que a Frísia estava sendo sucessivamente arruinada naquela altura,

> Nesse mesmo tempo, os nórdicos novamente devastaram *Dorestad* e a Frísia. Mas *Horic,* rei dos daneses, por meio de seus representantes enviados àquela assembleia ofereceu termos de amizade e obediência e declarou que de forma alguma tinha dado consentimento com os pedidos urgentes [para apoiar os ataques]. Ele também se queixou sobre a morte de enviados que tinha mandado ao imperador. Eles tinham sido massacrados um pouco próximo de Colônia, pela ação não autorizada de certos homens. O imperador vingou com direito o massacre desses enviados, despachando os *missi* especificamente para cuidar disso.[259]

---

[255] Idem*, p. 33* ‘’ When this had been held in June, and the annual gifts had been received and the Marches of Spain, Septimania and Provence had been set in order,6 he returned to Aachen. But while he was still at that assembly, the Northmen fell on Dorestad in a second assault, laid it waste and looted it savagely. The Emperor, very angry, reached Aachen and made arrangements for effective defence of the coasts”

[256] HOLMANN, Katherine, *Op.cit.,* p. 139. Verbete: [Horik]. ‘’ *There were in fact two ninth-century kings of Denmark called Horik, generally known as Horik I the Older (d. 854) and Horik II the Younger (d. 864–873). Horik the Older was the son of the Danish king, Godfred, and according to the Royal Frankish Annals, he and three of his brothers seized power in 813, driving out Harald Klak. Frankish support for Harald Klak led to a brief period of shared power c. 819–826, but Horik forced Harald into exile once again in 826/7. By the 830s, all of Horik's brothers seem to have been dead, and Horik himself had come to some kind of agreement with the Frankish emperor, Louis the Pious*.”

[257] Cf. Sobre a noção de rei nesse contexto de contatos, Ver: ROESDAHL, Else. *The viking*. p.72 *‘’It is true that the function of a king was primarily that of a military and probably a religious leader, but he also exercised a monopoly of power* […]”

[258] Cf. NELSON, Janet L. (Trad.). *The Annals of St. Bertin*. Manchester : Manchester University Press, 1991. Introduction.

[259] NELSON, Janet L. *Op. Cit.* p. 35. ‘*’At that same time, the Northmen again devastated Dorestad and Frisia.7 But Horic, king of the Danes, through his envoys sent to that assembly offered terms of friendship and obedience and declared that he had in no way given his agreement to their urgent requests [to support*

Horic envia então representantes ao imperador para declarar que não consentira nos ataques recentes e que, inclusive, reprovava o assassinato de seus enviados nas proximidades de Colônia, reino de Luis, o germânico. Luís responde de forma diplomática e exemplar, enviando os *missi* para investigar e punir os responsáveis, demonstrando o reconhecimento da legitimidade danesa como parte da esfera político-diplomática franca. Os daneses estavam nessa altura das relações em pleno contato com a realeza franca, ou seja, dispunham diretamente da via tratativa dos aspectos de natureza política.

Além disso, observa-se que não havia deveras uma logística orgânica e reconhecida sobre todos os grupos daneses e – ou nórdicos mesmo, movendo-se por todo continente exploraram o sistema de ascensão social pelo sistema hidrárquico e de acúmulo de capital móvel. O lugar que concentrava as riquezas móveis da época eram os centros comerciais, como os da região Frisa, ou as abadias, dispostas na geografia do Império.

No mesmo ano, enquanto Luís caçava em Frankfurt, os enviados de Horic retornam com uma nova exigência: recompensa financeira pelas ações recentes em que o próprio ‘’rei’’ danes teria contido grupos saqueadores, bandas de associação nórdicas que atuavam paralelamente dentro do território franco. Segundo a fonte, Horic havia capturado e matado os nórdicos que atuavam contra os francos, sugerindo o funcionamento de tratados não apenas diplomáticos, mas também militares retomando a ideia de auxilium entre ambas unidades políticas.[260] O estreitamento das relações podem ser observadas até mesmo no campo religioso, ainda no século IX, o relato do conde Rimbert sobre a missão de Ansgar e a autorização de Horic às atividades religiosas evidencia a densidade dos contatos estabelecidos nas décadas de 820 e 830[261] Ansgar é descrito indo à região duas vezes, quando na primeira: foi assaltado por piratas, e ainda, durante a segunda viagem: quando retorna com um *signum* do rei Horic em Birka.[262]

O ataque de 837 figura como o último registro documentado da destruição de Dorestad no AB. O texto, ao relatar mais uma vez a ação súbita dos nórdicos sobre a Frísia, descreve uma operação de ocupação, pilhagem e extração de tributos, destacando

---

the attacks]. He also complained about the killing of the envoys he had sent to the Emperor. They had been massacred a short while before near Cologne through the unauthorised action of certain men. The Emperor very rightly avenged the slaughter of these envoys, sending missi specifically to see to this."

[260] NELSON, J. *AB*. Op.cit., p. 35

[261] ROESDAHL, Else. *Op.cit*., p.72-73.

[262] OLSEN, Olaf. *Op.cit*. p. 27.

a permanência dos invasores na ilha de *Walcheren* e, posteriormente, em Dorestad, onde exigiram pagamentos,

> Nessa época, os homens do norte atacaram a Frísia com seu habitual ataque surpresa. Ao encontrar nosso povo despreparado em uma ilha chamada *Walcheren*, eles massacraram muitos deles e saquearam ainda mais. Eles permaneceram na ilha por algum tempo, cobrando o tributo que quisessem. Em seguida, atacaram Dorestad com a mesma fúria e cobraram o tributo da mesma forma. Quando o imperador soube desses ataques, adiou sua viagem planejada para Roma e não perdeu tempo e correu para o forte de Nijmegen, perto de Dorestad. Quando os nortistas souberam de sua chegada, eles se retiraram imediatamente.[263].

O episódio narrado, situado em 837, consolida a virada definitiva do padrão de atuação nórdico em solo franco: já não se trata apenas de incursões esporádicas e descoordenadas, mas de ações planejadas, com lógica econômica e ocupacional claramente delineada. A permanência dos daneses em Walcheren e Dorestad, bem como a cobrança sistemática de tributos, inscreve esses grupos em uma nova lógica de poder, onde a pilhagem se converte em controle territorial provisório e negociação forçada. A própria reação imperial — marcada pelo adiamento de uma viagem a Roma e pelo deslocamento urgente de Luís para Nijmegen — evidencia o impacto estrutural dessas ofensivas e a centralidade que passaram a ocupar na política franca.

Nesse contexto, a figura de Horic emerge com ambivalência notável: ora como aliado diplomático, ora como soberano capaz de agir militarmente contra outros grupos nórdicos, ora como legitimador de práticas religiosas estrangeiras — como no caso da missão de Ansgar. A dualidade de sua atuação reafirma a densidade das zonas de contato estabelecidas, onde os limites entre guerra, comércio, religião e diplomacia tornam-se cada vez mais porosos. A circulação de emissários, os tratados tácitos de auxílio mútuo e os deslocamentos entre tribunais e margens não apontam apenas para o entrelaçamento político, mas para a formação de um campo relacional instável e dinâmico, no qual os daneses deixam de ser sujeitos marginais para assumirem papéis decisivos na construção da ordem política carolíngia em transformação.

---

[263] NELSON, J. *Op.cit.,* p. 37 ‘*’The Northmen at this time fell on Frisia with their usual surprise attack. Coming upon our people unprepared on an island called Walcheren, they slaughtered many of them and plundered even more. They stayed on the island for a while, levying as much tribute as they wanted. Then they fell on Dorestad with the same fury and exacted tribute in the same way. When the Emperor heard about these attacks, he postponed his planned journey to Rome and wasted no time in hurrying to the fort of Nijmegen close by Dorestad. When the Northmen heard of his arrival there, they withdrew immediately.*”

3.3. Fim da unidade imperial? Mercenarismo e o estado de confraternidade na Frância Carolíngia durante o reinado de Carlos, o calvo.

O cenário que se seguiu após a morte de Luís foi de caos armado. Lotário reivindicava não apenas a primogenitura, mas o próprio título imperial como herdeiro legítimo da totalidade do império. Ao seu lado, Pepino II da Aquitânia, também pleiteava os direitos ao trono do pai, morto em combate após rebelar-se contra seu tio Luís. Do outro lado, Carlos, o Calvo, e Luís, o Germânico buscavam manter os arranjos mais recentes e excluir Pepino II sobrinho, da sucessão. De forma geral, acompanha-se a partir daí, um alargamento das dinâmicas e sua diversificação entre os múltiplos grupos daneses que se movimentam entre as fronteiras do Império. O mercenarismo funcionou como prática sociopolítica durante esse conjuntura e ajudou a catalisar o esfacelamento da unidade imperial e da herança de Carlos legada à Luis, e depois, à Lotário e Carlos, o calvo.

A batalha de Fontenoy-en-Puisaye (841) representa nesse contexto, o momento de máxima tensão da disputa interna. Ela é também expressão geográfica e simbólica da fragmentação imperial: o espaço antes unificado pela autoridade cristã do imperador era agora palco de guerra aberta entre irmãos, assistida e operada por aristocracias regionais que se posicionavam conforme interesses locais e estratégias próprias. A forma de exercício de poder ramificou-se em um período de ataques e tensões que resulta no tratado de Verdun (843) e no regime de confraternidade[264]

O modelo adotado, por mais conciliador que pareça, assinala na prática o fim da unidade política carolíngia enquanto projeto imperial. Os conflitos descritos por Nithard — neto de Carlos Magno e participante direto dos eventos — refletem esse momento de profunda transição. Em sua ‘História dos Filhos de Luís, o Piedoso’, o autor descreve as divisões no seio da aristocracia, destacando aqueles que se aliaram a Lotário, provavelmente por acreditarem em sua vitória e aqueles que aderiram a causa de Carlos. Em um trecho representativo, ele descreve como Carlos recompensa o conde Bernardo, anteriormente traidor, e o envia à Aquitânia para negociar a adesão de Pepino II: ‘’ Carlos tomando confiança nele, deu-lhe presentes e favores, fez amizade com ele e o enviou para

[264] BÜHRER-THIERRY, *Op.cit.,* p. 80-83. O autor utiliza a ideia de confraternização, assim como: CALMETTE, Joseph, 1901 e COSTAMBEYS e INNES, 2011. Um modelo de substituição em relação ao que havia funcionado sob Carlos, e principalmente com Luis, aqui, os irmãos mobilizam-se visando seus interesses privados, o que indica, segundo os autores, um pacto consentido de não agressão em prol de uma divisão reajustada.

tentar, como havia prometido, subjugar Pepino e seus seguidores.''[265] Prudêncio complementa o contemporâneo assegurando que a vinda ocorre enquanto Carlos e Luis se digladiavam com Lotário, '' até que finalmente recebeu da Aquitânia o jovem Pepino, filho de seu irmão Pepino, que havia morrido um pouco antes''[266]

Nesse momento, Nithard descreve Carlos em várias frentes simultâneas, vindo da Aquitânia sua primeira vitória. Nesse momento, Carlos efetiva a adesão dos aquitânos a sua causa e Lotário invade o reino de Luis, o germânico.[267] Durante os desdobramentos relatados, já no ano de 841, os daneses atacam a cidade de Rouen[268], indicando que o grau da presença e das mobilidades em solo franco, cada vez mais interiorizadas e recorrentes. O ataque a Rouen evidencia ainda outro ponto acerca do mercenarismo danes, até então operavam em moldes fluidos, mas adquire contornos mais diretos e integrados ao conflito interno franco, inclusive sendo cooptados, como já vimos, por bandas de associação próprias do império franco e afeitas aos distúrbios no tecido social e político.

Na mesma faixa, Carlos ainda se desdobrava na frente saxã e bretã, ajusta termos de paz para ambos, recebendo na cidade de *Mans,* a sudoeste de Paris, os enviados dos líderes Lambert, Eric e outros chefes para negociar termos de paz, firmando junto ao bretão Nominoé, como descreve Nithard *''* Depois de tratá-los com grande bondade, ele imediatamente enviou mensageiros a Nominoë, duque dos bretões, para perguntar-lhe se ele se colocaria sob seu poder. O duque, ouvindo o conselho de um grande número de pessoas, enviou presentes a Carlos e jurou que seria fiel a ele.[269] *''*

Por trás dos textos de Prudêncio e Nithard, portanto, esconde-se uma narrativa de crise, mas também de adaptação. A antiga lógica da *potestas*[270] pública cede espaço a novas formas de controle territorial e fidelidade, muitas delas mediadas por práticas como o mercenarismo, a negociação de fidelidades locais e a expansão das redes de poder. A figura do mercenário no contexto carolíngio do século IX, foge da definição estrita ou sistematizada. Trata-se de um agente político e militar fluido, contratado

---

[265] NITHARD. *Histoire des fils de Louis le Pieux*. In : GUYOTJEANNIN, Olivier (éd. Et trad.). *Louis le Débonnaire et les dissensions carolingiennes*. Paris : Les Belles Lettres, 1994. p. 21. ''Charles, prenant confiance en lui, le combla de présents et de faveurs, le reçut en amitié, et l'envoya pour qu'il tentât, comme il l'avait promis, de lui soumettre Pépin et les siens.**"**

[266] NELSON, J.L. *AB*. *Op. Cit*., p.50.

[267] NITHARD. *Op.cit.,* p. 23. Cf : *AB*, p. 49-50.

[268] NELSON, *AB*. *Op.cit*., p.50.

[269] NITHARD, *Op. Cit*., p.16 '' *Les ayant traités avec une grande bonté, il envoya aussitôt des messagers à Nomenoë, duc des Bretons, pour lui demander s'il voulait se ranger sous son pouvoir. Le duc, écoutant les avis d'un grand nombre de gens, envoya des présents à Charles, et jura qu'il lui serait fidèle*. (tradução do autor). p.21.

[270] Cf. Sobre a concepção do poder na França Carolíngia, ver: GREIN, Everton. Alcuíno de York e a concepção ministerial da *potestas* no Reino Carolíngio (século VIII). In: FELICIANO, Janira; MOCELIM, Adriana (orgs.). *Diálogos entre cultura e poder*. CRV : 2020.

circunstancialmente, com objetivos específicos e, como se vê no caso de Harald, capaz de interferir diretamente na administração e na soberania de regiões inteiras.

No caso, o líder danes Harald surge como ator relevante e simbólico do emaranhado relacional entre francos e as culturas nórdicas. Sua trajetória ilustra a transformação do contato das regiões mais periféricas em participação ativa e estratégica nos processos decisórios do Império Carolíngio, inclusive nos conflitos internos da elite franca. Nithard já observava em meio ao conflito familiar que, Lotário buscava por meio de mensageiros e enviados, angariar homens livres das regiões refratárias ao governo de Carlos[271], escrevendo que,

> '' Lotário também chamou os normandos em seu auxílio, subjugou lhes algumas tribos de cristãos e até permitiu que saqueassem o resto do povo de Cristo. Luís temia, portanto, que os normandos, assim como os eslavos, por causa de seu parentesco, se unissem nos Salões, que haviam tomado o nome de *Stelling*, e que invadissem seus domínios e abolissem a religião cristã.'' (tradução nossa)[272]

Nesse contexto, é fundamental destacar que o mercenarismo não operava segundo estruturas estáveis de função e hierarquia militar. Como aponta Roesdahl, sua prática se orientava por uma lógica de maximização de ganhos e oportunidades, as culturas nórdicas em estrito contato com os francos, dispunham segundo ela,

> ''potencial considerável de ganhos no exterior, de tributos e pedágios cobrados em intervalos de áreas ou países subjugados, ou de indivíduos que pediam a proteção e a "paz" de um rei ou de um chefe. Além disso, um rei poderia obter uma vasta riqueza por meio de pilhagem direta e por meio de tributos pagos por inimigos derrotados ou aterrorizados em troca de sua retirada.[273] (tradução nossa)

A inserção de Harald nesse modelo é descrita com clareza por Prudêncio de Troyes, ao abordar a aliança entre o líder danes e Lotário, no ano de 841. O cronista retrata uma decisão política de grande impacto simbólico e material, inédita na confirmação das ações dos atores francos,

---

[271] NITHARD, *Op.cit.* p. 41-42.

[272] Idem, p.42 '' Lothaire avait de plus appelé les Normands à son secours, leur avait soumis quelques tribus de chrétiens, et leur avait même permis de piller le reste du peuple du Christ. Louis craignit donc que les Normands ainsi que les Esclavons ne se réunissent, à cause de la parenté, aux Salons qui avaient pris le nom de Stelling, qu'ils n'envahissent ses États, et n'y abolissent la religion chrétienne.''.

[273] ROESDAHL, Else. The vikings. Op.cit. p. 76. '' There was also considerable potential for earnings abroad, from tributes and tolls exacted at intervals from subjugated. Areas or countries, or from individuals who asked for a king's or a chieftain's protection and 'peace'. Furthermore, a king could obtain vast wealth through straightforward plunder and through tributes paid by defeated or terrified enemies in return for his withdrawal.''

> ‘’Lotário, para garantir os serviços de Harald, que junto com outros piratas daneses vinha impondo muitos sofrimentos à Frísia e às outras regiões costeiras dos cristãos, para prejuízo dos interesses do pai de Lotário e da promoção dos seus próprios, agora concedeu-lhe *Walcheren* e as regiões vizinhas como um benefício. Este foi certamente um crime totalmente detestável, que aqueles que trouxeram o mal aos cristãos recebessem poder sobre as terras e o povo dos cristãos e sobre as próprias igrejas de Cristo; que os perseguidores da fé cristã devem ser enviados como senhores sobre os cristãos, e o povo cristão tem que servir aos homens que adoravam demônios[274]’’ (tradução do autor)

A região de *Walcheren* entregue à Harald ficava na região da Frísia, mais precisamente numa ilha[275] da foz do estuário e na entrada do Elba, ao norte de Bruges e próximo a Dorestad e Quentovic. A narrativa de Prudêncio denuncia, sob a ótica do escândalo moral e religioso, a aliança político-militar entre Lotário e os nórdicos — mas não oculta o fato de que essa negociação envolvia a concessão de territórios. A importância estratégica da região é evidente: trata-se de uma rota comercial marítima vital, ponto de entrada entre os mundos franco e escandinavo. Ao analisar o tratado de Verdun, evento que marcou a redivisão do Império após dois anos de negociações, Bührer-Thierry destaca que ‘’Lotário reinou sobre uma faixa de território que se estendia do Mar do Norte ao Mediterrâneo, incluindo a península italiana.[276]’’ ao Norte, sendo assim, construiu-se uma relação entre Lotário e os governantes daneses via mar do norte e o corredor continental.

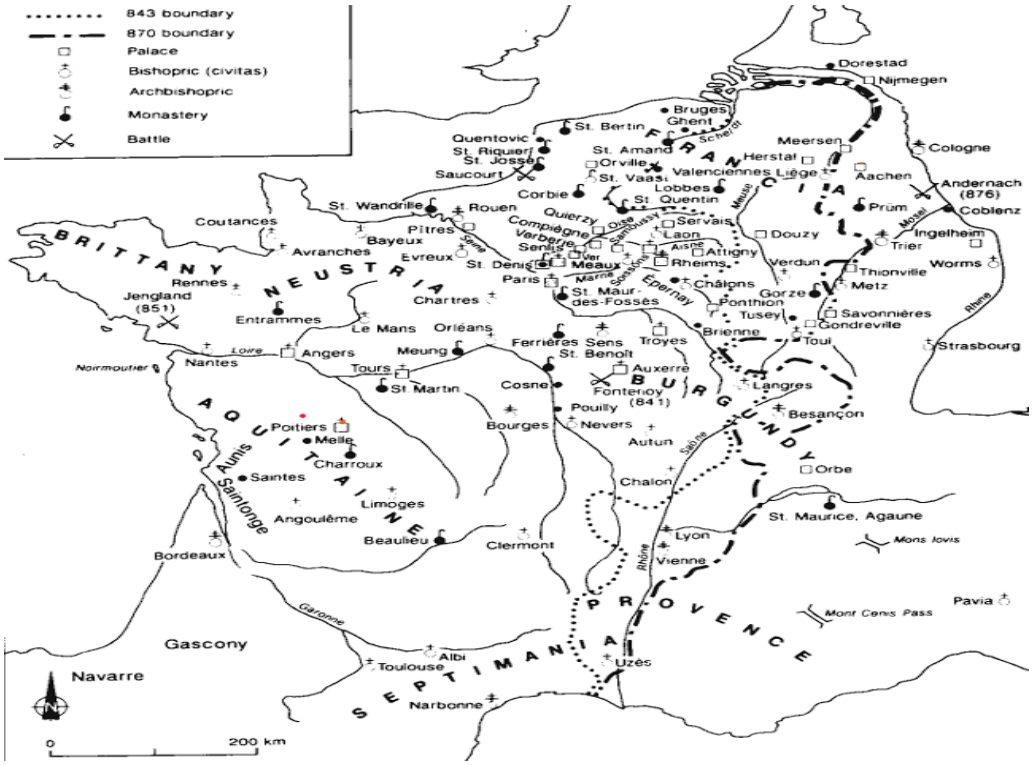
O mapa abaixo indica o estado atual e a disposição geográfica dos francos e seus limites durante os anos de 840 a 860, aponta os limites operatórios dentro da configuração denominada zonas de contato. A partir dessa perspectiva, conseguimos observar que a representação de Nelson privilegia o redesenhamento sociopolítico vivido no continente, dando dimensão ao contexto e paisagem de interações e rearranjos a partir das mobilidades danesas no continente,

---

[274] NELSON, J. ‘*AB’*. *Op.cit*., p. 51. ‘’ Lotário, to secure the services of Harald, who along with other Danish pirates had for some years been imposing many sufferings on Frisia and the other coastal regions of the Christians, to the damage of Lotário’s father’s interests and the furtherance of his own, now granted him Walcheren and the neighbouring regions as a benefice. This was surely an utterly detestable crime, that those who had brought evil on Christians should be given power over the lands and people of Christians, and over the very churches of Christ; that the persecutors of the Christian faith should be sent up as lords over Christians, and Christian folk have to serve men who worshipped demons.*’’*

[275] NELSON, J. *The frankish Empire*. *Op.cit*., p. 25.

[276] BÜHRER-THIERRY, *Op.cit.,* p.81. ‘’ Lothaire règne sur une bande de territoires s’étendant de la mer du Nord à la Méditerranée, péninsule italienne comprise. (Tradução nossa)



Império Carolíngio sob Carlos, o calvo (840). Extraído de : NELSON, Janet. *The annals of st.bertin*. p.8

A descrição feita por Prudêncio de Troyes sobre a concessão de Walcheren ao líder danes Harald, no contexto do conflito entre os irmãos, acontece quinze anos após o mesmo agente ter recebido, das mãos de Luís, o Piedoso, um beneficium[277] na região de Rustringen[278] por volta de 826, na foz do estuário do rio Scheldt, próximo ao Mosa. Sob os comandos de Lotário, ao que tudo indica, desde que havia rompido com Luis, por volta de 828,

> ‘’ Harald, tomado por um excessivo desejo de agir, rompeu a paz que havia sido acordada e garantida por meio de reféns, ao invadir, incendiar e saquear algumas aldeias dos normandos. Ao tomarem conhecimento disso, os filhos de Godfred, reunindo rapidamente suas tropas, dirigiram-se à fronteira e, atravessando o rio Egidoro, atacaram de surpresa os nossos homens, que estavam sentados na margem, sem suspeitar de nada. Expulsaram-nos dos acampamentos, colocaram-nos em fuga, saquearam tudo o que encontraram e recolheram-se com todas as suas forças aos seus próprios acampamentos. Em seguida, reuniram-se em conselho e, desejando prevenir uma retaliação por tal ato, enviaram uma embaixada ao imperador, explicando que o haviam feito contra sua vontade e forçados pela extrema necessidade. Declararam, porém, estar dispostos a reparar o erro, e que cabia ao imperador decidir de que forma isso deveria ser feito, a fim de que dali em diante a paz se mantivesse firme entre as partes.’’[279]

[277] Cf. NELSON, J. In: BOZOKY, Édina. Cultures et sociétés médievales. Volume 18, 2004. p. 306. Para mais sobre o benefício cedido à Harald, alega a autora que, ‘’ *Les innovations carolingiennes rentrent elles-mêmes dans le système de l’échange : l’invention du système du bénéfice au VIIIe siècle, concession temporaire à charge de service ou rétribution d’un service par une concession temporaire*’’

[278] GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os vikings*. Op.cit., p.143.

[279] *’’RFA’’*. IN : KURZE, Friedrich (Ed.). *Annales regni Francorum inde ab a. 741 usque ad a. 829: qui dicuntur Annales Laurissenses maiores et Einhardi*. Hannover: 1895, p. 175. ‘’ ‘’ *Haraldus, rerum*

A proximidade entre os beneficium pode indicar que a prática mercenária ocorria desde a década de 820, alargando-se a partir dali. É crível afirmar que Harald pode ter recebido a concessão próximo aos portos de Dorestad e Quentovic com o objetivo de protegê-los e sua remuneração veio de tal forma, ou seja, a exploração daquela determinada área e a estadia permanente, explicando a incidência das suas ações nos documentos. O que se evidencia, portanto, é que Harald foi beneficiado por dois imperadores diferentes, em contextos distintos, mas igualmente marcados pela fragilidade política e pela necessidade de reforço militar pela via externa.

Essa prática configura-se como um elemento estrutural nas relações franco-danesas, operando como forma intermediária entre as mobilidades nórdicas e a inserção política formal. Serve, ao mesmo tempo, como prolongamento da lógica das incursões marítimas e como prenúncio da permanência definitiva de grupos nórdicos em solo continental nos anos seguintes. O mercenarismo nesse contexto deve ser entendido como instrumento de barganha e sobrevivência política dos reis carolíngios, e não como exceção. Ao passo que, do ponto de vista dos agentes do Norte, deve ser enquadrado como um mecanismo sociopolítico conjuntural e que auxiliou na forma como operavam dentro das zonas de contato.

O caso de Harald não se resume, no entanto, aos imperadores Luís e Lotário. Em 840, Luís, o Germânico, enfrenta rebeliões dentro de seu reino e dos povos eslavos refratários que estavam cristalizados nas áreas fronteiriças, e para sufocá-las, faz uso das forças externas, o que corrobora a utilização dessa prática durante a conjuntura em todos os níveis, práticas vertical e horizontalizadas, podemos ler que, ‘’ seu filho foi levado a fugir e buscou pessoalmente o apoio dos pagãos e dos povos além das fronteiras, dando-lhes grandes subornos.’’[280]

Essa passagem ilustra um uso contínuo e generalizado de agentes não francos como braço militar, seja para garantir fidelidades locais, conter revoltas internas, ou desequilibrar a balança de poder entre irmãos. O caso de Harald é exemplar, pois a sua presença como líder mercenário, associado ora a Luís, ora a Lotário, reflete a própria

---

gerendarum nimis cupidus, condictam et per obsides firmatam pacem incensis ac direptis aliquot Nordmannorum villulis inrupit. Quod audientes filii Godofridi, contractis subito copiis ad marcam veniunt et nostros in ripa Egidore fluminis sedentes ac nihil tale opinantes, transito flumine adorti castris exuunt eisque in fugam actis cuncta diripiunt ac se cum omnibus copiis suis in sua castra recipiunt. Deinde inito consilio, ut ultionem huius facti praevenirent, missa legatione ad imperatorem, quam inviti et quanta necessitate coacti id fecerint, exposuerunt, se tamen ad satisfactionem esse paratos, et hoc in imperatoris esset arbitrio, qualiter ita fieret emendatum, ut de reliquo inter partes pax firma maneret.”

[280] NELSON, Janet. *Op.cit*. p. 49. Ano de [840]. *‘’ His son was driven to flight and sought in person the support of the pagans and of peoples beyond the frontiers, giving them large bribes.”* (Tradução nossa).

fluidez e pragmatismo das alianças daquele momento. A sua agência, ampliada por ataques, tratados e concessões, traduz as contradições do regime de confraternidade instalado após 843: um modelo que pretendia a cooperação, mas se assentava sobre rivalidades não resolvidas e dependências externas aos francos.

O mercenarismo não apenas sob a premissa e atuação de Harald vocifera os sintomas materializados pelas agências provindas do Norte em solo carolíngio, alterando e influenciando os processos históricos destes. Apresenta caráter de ruptura, pois, segundo os cronistas e letrados comentam desde então, demarcavam fronteiras, construíam omissões e silenciavam sobre o esgotamento da unidade imperial. Ao abordar a figura do mercenário sob o guarda-chuva das condições históricas e sociopolíticas do século IX, Holman destaca durante o contexto fratricida, um desordenamento político agudo que se sente partir de Carlos, o calvo, e contribui diretamente para o recorte de eventos. Segundo o destaque da autora,

> ‘’Por exemplo, houve muitos ataques após a morte de Luís, o Piedoso, em 840, quando seu império franco foi dividido entre seus três filhos, Lotário, Luís, o Germânico e Carlos, o Calvo. Esses irmãos se opunham amargamente um ao outro e esperavam expandir seus reinos para incluir os terços de seus irmãos e estavam felizes em empregar os vikings em suas guerras uns contra os outros. Os nórdicos também serviram como mercenários nas guerras de outros reis e príncipes - para seu próprio ganho financeiro, e não para ganhos políticos. Por exemplo, sabe-se que os nórdicos serviram na guarda pessoal dos imperadores de Bizâncio. Este guarda-costas predominantemente escandinavo era conhecido como Guarda Varangiana.[281]’’ (tradução nossa)

De um lado das relações, observa-se o esgotamento gradual do expansionismo iniciado no século anterior, evidenciado pelo crescente desgaste dessa política — sobretudo porque os desafios internos do Império tornavam-se mais graves que as ameaças externas. De outro, a partir desse momento, os ataques promovidos pelas mobilidades danesas em direção ao território franco deságuam na prática mercenária, aqui compreendida como um mecanismo sociopolítico. Trata-se de uma função remunerada por serviços majoritariamente de caráter político e, ao mesmo tempo, inserida em uma lógica social mais ampla. O conjunto documental, aliado à vasta bibliografia, permite inferir que havia entre os daneses uma certa organicidade em suas relações com o mundo carolíngio, marcada por estratégias e ações que iam além do simples saque.

---

[281] HOLMANN, Katherine. *Op.cit*., p.13. ‘*’For example, there were many raids following the death of Louis the Pious in 840, when his Frankish empire was divided among his three sons, Lotário, Louis the German, and Charles the Bald. These brothers were bitterly op posed to each other and hoped to expand their kingdoms to include their siblings’ thirds and were happy to employ the Vikings in their wars against each other. Scandinavians also served as mercenaries in other kings’ and princes’ wars—for their own financial gain rather than political gain. For example, it is known that Scandinavians served in the bodyguard of the emperors of Byzantium. This predom inantly Scandinavian bodyguard was known as the Varangian Guard.”*

É preciso compreender a função do mercenário em suas múltiplas faces. Desde os tempos merovíngios, os valores sociojurídicos romanos[282] deixaram marcas profundas na cultura e na organização social da Antiguidade Tardia, especialmente por meio de instituições como o *beneficium* e as *precariae*. Como observa Bernard Bachrach, houve uma permanência e adaptação de categorias jurídicas romanas no mundo germânico. Entre elas, destacam-se as funções próximas aos *dediticii*[283] e os *foederatii*[284], visto que ambas categorias aparecem como sintoma de uma longa duração, sobretudo após Clóvis e o emprego de saxões, suevos e outros grupos nas linhas de frente.[285]

A figura do mercenário amplia-se no século X e XI sendo utilizado como uma prática fruto dos intercâmbios e das idiossincrasias imbuídas nesse contexto, como aponta Thomas Noble acerca das fronteiras e dos limites dos francos, ‘’[...] E as pessoas na fronteira também lucraram de outras maneiras. Luís deu posições importantes aos godos na Marca Espanhola, aos eslavos no *Ostmark* e aos bretões no Ocidente. Ele repatriou os saxões para *Wigmodigau* e estabeleceu daneses amigavelmente na Frísia.[286]’’

É nesse processo que se distingue a prática mercenária da pirataria e de outras práticas e dinâmicas próprias ao período. A pirataria, tal como testemunhada nas últimas décadas do século VIII e nos primeiros contatos a partir de 800, consistia em ações móveis e rápidas: ataques a estuários, portos (*emporia*), igrejas e mosteiros costeiros, com objetivo claro de butim e saque. Já o mercenarismo, propriamente dito, age como prática política melhor estruturada, visava permanência, barganha e negociação continuada. A estratégia não era apenas atacar, mas cercar cidades, exigir tributos, capturar reféns, propor acordos e participar diretamente das dinâmicas sociopolíticas e militares.

---

[282] BACHRACH, Bernard S. Merovingian mercenaries and paid soldiers in imperial perspectives. In: FRANCE, John (ed.). *Mercenaries and Paid Men: The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2008. p. 167–192. p. 168.

[283] Cf. Para uma noção das funções e sua aplicabilidade, ver: BENARIO, Herbert W. *The Dediticii of the Constitutio Antoniniana*. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, Baltimore, v. 85, p. 23–35, 1954. Além disso, ver também : BALDUS, Christian. “Vestigia Pacis. The Roman Peace Treaty: Structure or Event?” Chapter. In *Peace Treaties and International Law in European History: From the Late Middle Ages to World War One*, edited by Randall Lesaffer, 103–46. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

[284] Cf. Para uma debate aprofundado8 sobre as transformações das categorias sociopolíticas e jurídicas que permearam o recorte, ver: FRIGHETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II–VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.

[285] BACHRACH, *Op. cit.,* p. 180. O exemplo de *Guthrum,* saxão que foi utilizado pelo rei Childerico também oferece com detalhes essa função e o contexto.

[286] NOBLE, Thomas F. X. *Charlemagne’s Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840)*. In : GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (eds.). Oxford: 1990. p. 342. ‘’ *And people on the frontier profited in other ways as well. Louis gave important positions to Goths in the Spanish March, to Slavs in the Ostmark, and to Bretons in the West. He repatriated Saxons to the Wigmodigau and settled Danes amicably in Frisia”* (tradução nossa).

Portanto, o olhar projetado sob a figura de Harald e outros indivíduos daneses não identificados pelos narradores devem ser entendidos sob duas características primordiais: a primeira atrela-se as palavras pago'' e ‘’estrangeiro'', uma vez que constituem-se nas duas principais características da definição tradicional visto na figura do mercenário medieval.''[287] E a outra é a compreensão de que as demarcações territoriais aparentemente ainda eram tênues, as mobilidades não desaparecem no período de Luis, são elas, inclusive, que ajudam na decomposição dos limites dos territórios carolíngios.[288]

De todo modo, o respectivo ano também indica a extensão e sofisticação da prática mercenária dentro do Império, sobretudo por se tratar de um evento político de considerável proporção. Receber um beneficium no século IX, dentro do espaço franco, simbolizava uma ligação direta com o imperador ou com o co-imperador, como é o caso de Harald, vinculado primeiramente a Luís, o Piedoso, e posteriormente a Lotário. Sua carreira termina na fronteira Norte por volta de 852, mas o fato de ter sido beneficiado por diferentes autoridades políticas ao longo de quase três décadas indica a densidade e complexidade dos intercâmbios no interior da estrutura franco-danesa. Como observou Nelson,

> Em alguns casos, os nórdicos claramente buscaram assentamentos e, em território, concederam-lhes "oficialmente" pelos governantes francos. A Frísia, especialmente, tinha atrações para os senhores da guerra nórdicos, enquanto os francos podiam considerá-la, talvez, como algo menos do que parte integrante do império franco. Harald recebeu Rustringen já em 826, Walcheren em 841.[289] (tradução nossa)

O líder mercenário remunerado podia assumir funções estratégicas no tabuleiro político carolíngio, tornando-se um intermediário entre mundos. A concessão de terras, como as mencionadas por Nelson, evidencia que os nórdicos não atuavam apenas como agentes de instabilidade, mas como peças de negociação e gestão política, sendo incorporados a partir de um jogo mais amplo de reciprocidades. O caso de Harald, portanto, serve como lente interpretativa de uma lógica imperial que, diante da fragmentação e da porosidade das fronteiras, não apenas tolerava, mas instrumentalizava a mobilidade estrangeira em prol da manutenção de seu poder — ao custo, claro, de

---

[287] DEVRIES, Kelly R. Medieval Mercenaries : Methodology, Definitions, and Problems. In: FRANCE, John (ed.). *Mercenaries and Paid Men: The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Boston : Brill, 2008. p. 43-60. p.45 ‘’ *The words ‘paid’ and ‘foreign’ are thus the principle characteristics of the traditional defi nition of the medieval mercenary”*

[288] NOBLE, Thomas F. X. *Op.cit*. p. 343-344.

[289] NELSON, J. The Frankish Empire. p.41. ‘’ *In some cases Northmen clearly sought settlement, and in territory granted them ‘officially’ by Frankish rulers. Frisia, especially, had attrac tions for Scandinavian warlords, while the Franks could regard it, perhaps, as something less than an integral part of the Frankish empire. Harald was granted Rustringen as early as 826, Walcheren in 841.”*

alimentar as fissuras que mais tarde contribuiriam para a decomposição de suas próprias bordas.

3.4. O grande cerco de Paris (845): Um evento mercenário?

Precisamos recuar dois anos para entender os acontecimentos que permearam Paris, antes e durante o cerco, além de como a prática mercenária configurava nas entrelinhas das descrições cronisticas. Em meio as definições para a nova redivisão do Império, durante a assembleia que acontecia no começo de outubro daquele mesmo ano, em Metz[290], os francos foram atacados por grupos mercenários na região do *Emporium* de *Quentovic*. A narrativa sobre esse evento relata que ‘’saquearam e devastaram, capturando ou massacrando os habitantes de ambos os sexos. Eles não deixaram nada nele, exceto os edifícios *que foram pagos para poupar.*[291] ’’ dessa forma, Janet Nelson, ao comentar os registros do período, destaca que: ‘’o interesse dos atacantes em resgastes e dinheiro de proteção pago por *St. Wandrille* pagou 6 libras de prata para que o próprio mosteiro fosse poupado de saques, enquanto monges de *St. Denis* chegaram a entregar 26 libras de prata no resgaste de sessenta e oito cativos [...].[292]

A incidência dos ataques e os locais indicam a especificidade da função mercenária. O cerco de Paris, portanto, não foi um evento isolado, mas o máximo de mobilidades estruturadas. Quatro zonas de contatos ganham destaque e solidificam-se como espaços de intercâmbios e contatos entre franco e daneses, durante todo o século IX, sendo: 1. Bacia do Sena, fortemente atacada entre 840 e 870[293], a refratária 2. Aquitânia que impõe condições adversas à Carlos a partir da morte de Luis, o piedoso em (840) com a contestação ao direito de primogenitura vinda de Pepino, o jovem. 3. Bretanha e Nêustria, a primeira pelo relativo grau de dependência frente ao Império, e a segunda, por tratar-se do coração da Frância, de Paris a Reims, passando por *Evreux*, *Troyes* e Chartres. E por fim, 4. Região do Mosa-Baixo-Reno, regiões de Lille à Liége.

É bem verdade que as mobilidades danesas se colocaram em escalas e ritmos diferentes durante suas fases. No entanto, a documentação ao mesmo tempo que expande, nos limita ao comentar e destacar a presença dos mercenários[294] e suas bandas de associação que pululavam pelo continente, Oscar, Sidroc, Godfred e Bjorn[295] foram

---

[290] NELSON, J. AB. *Op.cit.*, p. 53.
[291] Idem. p. 53. ‘’ *Plundered it and laid it waste, captur ing or massacring the inhabitants of both sexes. They left nothing in it except for those buildings which they were paid to spare.*” (Tradução nossa)
[292] NELSON, J. *The Frankish Empire. Op.cit*. p. 26.
[293] NELSON, *Op.cit.,* p. 29.
[294] *Idem*, p. 35.
[295] *Idem*. p. 35.

exemplos, assim como Harald, estiveram ativos e presentes recorrentemente desde Luis, o piedoso.

Diferente do seu pai, Carlos, o calvo, operou explorando a descentralização da função de mercenário e o caráter fragmentado próprio da função, segundo Nelson ‘’ A tática preferida de Carlos, de recrutar um grupo viking para usar contra outros, teria sido inconcebível, não fosse a existência de bandos de guerra separados sob seus próprios líderes[296]’Mais do que isso, o avanço da prática mercenária sob Carlos revela outra camada da organicidade nórdica: sua capacidade de formar associações táticas com grupos locais refratários à autoridade central. Um exemplo eloquente ocorre em 843, quando daneses e bretões agem conjuntamente no ano seguinte aos violentos ataques às regiões costeiras da Frísia. Essa prática de associação bélico-mercenária também se repete nos anos de 862 e 866[297], marcando não apenas a extensão, mas a legitimação política do fenômeno. Carlos é que precisa lidar e conter nas suas faixas de terras as ações,

> ‘’A oeste, a situação de Carlos era muito menos favorável: muito mais jovem que seus irmãos - ele tinha apenas vinte anos - ele ainda era pouco conhecido da aristocracia, uma parte significativa da qual permaneceu em rebelião aberta contra ele, mesmo após a partição de Verdun, especialmente na Aquitânia. Os bretões eram rebeldes, os vikings devastaram as costas, do Mar do Norte ao Atlântico.’’[298]

Prudêncio continua descrevendo a logística do evento e como as ações danesas foram compreendidas à época,

> ‘'Piratas nórdicos atacaram Nantes, mataram o bispo e muitos clérigos e leigos de ambos os sexos e saquearam a *civitas*. Em seguida, eles atacaram as partes ocidentais da Aquitânia para devastá-los também. Finalmente, eles desembarcaram em uma certa ilha, trouxeram suas famílias do continente e decidiram passar o inverno lá em algo como um assentamento permanente.[299]’’

O contexto descrito pelo cronista, em tese, faz-se claro, ‘’ Lotário e Louis se comportaram pacificamente, mantendo-se dentro dos limites de seus próprios reinos;

---

[296] NELSON, J.L. *The Frankish Empire*. *Op.cit.* p. 35. ‘’ Charles the Bald’s preferred tac tic of recruiting one Viking group to use against others, would have been inconceivable but for the existence of separate war-bands under their own leaders’’

[297] NELSON, J.L. *Op.cit,* p. 32-33.

[298] BÜHRER-THIERRY, op.cit. p. 86 ‘’ À l’Ouest, la situation de Charles est beaucoup moins favorable : beaucoup plus jeune que ses frères – il a juste vingt ans –, il est encore peu connu de l’aristocratie, dont une partie non négligeable reste en rébellion ouverte contre lui, même après le partage de Verdun, surtout en Aquitaine. Les Bretons sont insoumis, les Vikings dévastent les côtes, de la mer du Nord à l’Atlantique’’.

[299] NELSON, J.L. *Op.cit*. p. 55-56 ‘’Northmen pirates attacked Nantes, slew the bishop and many clergy and lay people of both sexes, and sacked the civitas. Then they at tacked the western parts of Aquitaine to devastate them too. Finally they landed on a certain island, brought their households over from the mainland and decided to winter there in something like a permanent settlement.’’

Carlos viajou pela Aquitânia. Enquanto ele ainda estava baseado lá, o bretão Nominoë e Lambert, que recentemente desertaram de sua lealdade a Carlos, mataram *Rainald*, duque de Nantes, e fizeram um grande número de prisioneiros.[300]''

Torna-se evidente a participação social e política dos *daneses* dentro do Império e seus limites, nesse caso, acomunados com os refratários bretões, haja visto que os eventos se desdobram neles mesmo. É factível apontar que a ausência do duque na defesa da cidade foi planejada e levada a cabo em virtude da associação bretã-danesa. A intensidade da presença danesa, de forma geral, das culturas nórdicas em toda costa oeste do continente é descrita na sequência dos relatos do clérigo de Troyes, onde ele alega que em 844 que: ''Os nórdicos lançaram um grande ataque à ilha da Grã-Bretanha, naquela parte que é amplamente habitada por anglo-saxões. Depois de uma batalha que durou três dias, os nórdicos saíram vencedores: pilhando, pilhando, matando em todos os lugares, eles exerciam poder sobre a terra à vontade.[301]

O fim do relato dá conta de que na sequência,

> '' Os nórdicos subiram o Garonne até Toulouse, causando destruição em todos os lugares, sem encontrar qualquer oposição. Então alguns deles se retiraram de lá e atacaram a Galícia, mas pereceram, em parte porque encontraram resistência de lançadores de mísseis, em parte porque foram pegos por uma tempestade no mar. Alguns deles, porém, chegaram à parte sudoeste da Espanha, onde lutaram longa e amargamente com os sarracenos, mas foram finalmente derrotados e se retiraram para seus navios.[302]'' (tradução nossa)

Finalmente, em 845 o evento logístico que durou dois anos precipita. Leva conforme as descrições dos cronistas da época, a um estado de beligerância intensa e mortífera. O patamar da invasão em Paris também assinala uma mudança de escalas não somente nos ataques provenientes das relações, mas das mobilidades. A partir de então, é crescente as dinâmicas envolvendo francos e daneses sob vários escopos, gradando quantidade e intensidade dos contatos.

---

[300] NELSON, J.L. *AB,* p.55. '' *Lotário and Louis behaved peacefully, keeping themselves within the boundaries of their own realms; Charles travelled about in Aquitaine. While he was still based there, the Breton Nominoë and Lambert, who had recently defected from their allegiance to Charles, slew Rainald duke of Nantes, and took large numbers of prisoners"*

[301] *Idem*, p.59 ' *'The Northmen launched a major attack on the island of Britain, in that part which is largely inhabited by Anglo-Saxons. After a battle lasting three days, the Northmen emerged the winners : plundering, looting, slaughtering everywhere, they wielded power over the land at will."*

[302] *Idem,* p. 60 ' *'The Northmen sailed up the Garonne as far as Toulouse, wreaking destruction everywhere, without meeting any opposition. Then some of them withdrew from there and attacked Galicia, but they perished, partly because they met resistance from missile-throwers, partly because they were caught in a storm at sea. Some of them, though, got to the south-western part of Spain, where they fought long and bitterly with the Saracens, but were finally beaten and withdrew to their ships."*

As duas figuras mercenárias que escapam ao efeito opaco e pretensamente direto do cronista foram: rei Horic I e o líder chamado Ragnar. Além disso, atesta-se em grande medida uma perspectiva que considera bandas de associação distintas operando e em pleno contato com os francos. A presença de Horic I é sincrônica ao cerco de Paris liderado por Ragnar, diz o autor acerca dos eventos que, '' Horic, rei dos nórdicos, enviou 600 navios pelo Elba na Alemanha contra Luís. [...] os nórdicos voltaram pelo Sena para o mar aberto. Em seguida, eles devastaram todas as regiões costeiras, saqueando e queimando. [303] ‘’

Ragnar, descrito como autor dos eventos que acometeram Paris em 845[304] é descrito como o líder do cerco e das negociações que culminaram em 7 mil peças de prata negociadas diretamente com Carlos e obtidas como pagamento. A descrição de Prudêncio é de que,

> [845] Um inverno muito rigoroso. Em março, 120 navios dos nórdicos navegaram pelo Sena até Paris, devastando tudo de ambos os lados e encontrando a menor oposição. Carlos fez esforços para oferecer alguma resistência, mas percebeu que seus homens não poderiam vencer. Então ele fez um acordo com eles: entregando-lhes 7.000 libras [de prata] como suborno, ele os impediu de avançar ainda mais e os persuadiu a ir embora.[305]

As bandas de poder associadas que se pulverizavam no tecido sociopolítico carolíngio exploraram as lacunas deixadas pela aristocracia morta na guerra pela sucessão de Luis, aspecto deveras relevante e lamúria retumbante nos relatos dos cronistas. A última descrição desse ano da conta que, ‘’ Os daneses, que haviam devastado a Aquitânia no ano anterior, voltaram e atacaram Saintonge. Eles venceram a luta e se estabeleceram lá para ficar quietos por um tempo.’’[306] A região de *Saintonge* se estabelecia entre o norte de *Bordeaux* e o sul de *Poitiers,* ou seja, os *daneses* estavam explorando cada vez mais as regiões na direção sul e as porções internas que fossem navegáveis, os eventos que tiveram como palco Paris, demonstram desde J. Calmette, parte de uma historiografia clássica no que tange essa conjuntura que,

---

[303] NELSON J.L. *Idem*. p. 61. ‘’ Horic, king of the Northmen, sent 600 ships up the Elbe in Germany against Louis […]. The Northmen went back down the Seine to the open sea. Then they devastated all the coastal regions, plundering and burning.

[304] Cf. Sobre o ano de c.845, ver: ANNALIUM FULDENSIUM. In: PERTZ, Georg H.; KURZE, Friedrich (Ed.). *Annales Fuldenses*. Hannover: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores Rerum Germanicarum in usum scholarum, vol. 7, 1891.

[305] NELSON, J.L. *Op.cit.,* p. 60. ‘*’A very hard winter. In March, 120 ships of the Northmen sailed up the Seine to Paris, laying waste everything on either side and meeting not the least bit of opposition. Charles made efforts to offer some resistance, but realised that his men could not possibly win. So he made a deal with them: by handing over to them 7,000 lb [of silver] as a bribe, he restrained them from advancing further and persuaded them to go away*.

[306] NELSON, J.L. *Op.cit*., p. 62. ‘’ *The Danes, who had ravaged Aquitaine the year before, returned and attacked Saintonge. They won the fight, and settled down there to stay quietly for a while.”*

> ‘’Os normandos subiram a Paris pela primeira vez e Carlos foi forçado a comprar seu retiro ao preço de dinheiro. Fulcrade, conde de Arles, revoltou-se contra Lotário e usurpou a maior parte da Provença. Eric, rei dos normandos, derrota os saxões, depois vai trazer a devastação para Hamburgo e Luís, o Alemão, também deve entrar em uma composição com os piratas.[307]

A década de 840 marca um ponto de inflexão nas relações entre os reinos carolíngios e as culturas nórdicas, geralmente identificados pelas fontes sob a denominação genérica de "*Northmanni*" ou mais precisamente como daneses. A partir do evento supracitado, em 845, operou-se um reposicionamento nas estratégias de enfrentamento e negociação por parte dos monarcas francos e daneses. O que até então se apresentava como ações e dinâmicas sazonais, inclusive os espólios cobrados ao longo da costa, transformou-se em uma realidade política incontornável. Neste cenário, os nórdicos não apenas atacavam, mas também negociavam tributos, firmavam alianças e, sobretudo, se moviam com grande plasticidade entre os diversos campos políticos

Prudêncio inicia o ano de 846 destacando a presença danesa e na sequência arroga-se de uma metáfora cristã, própria dos relatos de invasão, para continuar referindo-se a eles e nos lega que,

> ‘’Os piratas daneses foram para a Frísia, extraíram o maior tributo que quiseram e depois travaram uma batalha que venceram. Como resultado, eles ganharam o controle de quase toda a província. Um vento norte terrivelmente forte açoitou as colheitas e vinhas durante todo o inverno, quase até o início de maio. Os lobos atacaram e devoraram com total audácia os habitantes das partes ocidentais da Gália. De fato, em algumas partes da Aquitânia, eles se reuniram em grupos de até 300, assim como destacamentos do exército, formaram uma espécie de linha de batalha e marcharam ao longo da estrada, atacando corajosamente em massa todos os que tentavam resistir a eles’’[308] (tradução nossa)

Simon Coupland assinala que a respectiva década marca a entrada na segunda fase dos contatos,[309] observando ainda que o ano de 845 é o primeiro registro explícito de

---

[307] CALMETTE, J. *La diplomatie carolingienne*. Du traité de Verdun a la mort de Charles, le chauve (843-877) Paris (nº2). p.9 ‘’ Les *Normands remontent pour la première fois jusqu'à Paris et Charles se voit contra achètera prix d'argent leur retraite. Fulcrad, comte d'Arles, se révolte contre Lothaire et usurpe la plus grande partie de la Provence". Eric, roi des Normands, bat les Saxons, puis va porter la dévastation jusque dans Hambourg et Louis le Germanique, lui aussi, doit entrer en composition avec les pirates*.’’

[308] NELSON, J.L. *Op.cit.* p.62. *‘’Danish pirates went to Frisia, extracted as large a tribute as they wanted and then fought a battle which they won. As a result they gained control of nearly the whole province. A terribly fierce north wind lashed the crops and vines during the whole winter almost up to the beginning of May. Wolves attacked and devoured with complete audacity the inhabitants of the western parts of Gaul. Indeed in some parts of Aquitaine they are said to have gathered together in groups of up to 300, just like army detachments, formed a sort of battle-line and marched along the road, boldly charging en masse all who tried to resist them”*

[309] COUPLAND, Simon. *The Vikings in Francia and Anglo-Saxon England to 911*. In: MCDORMAN, Rosamond; FOURACRE, Paul (Ed.). *The New Cambridge Medieval History. Volume II: c. 700 – c. 900*. Cambridge: 1995, p. 131. O autor faz uma divisão tripla do período da presença danesa em solo franco.

pagamento de tributo real aos grupos nórdicos, o que ele interpreta como entrada inaugural das novas relações, ‘’ O primeiro tributo real registrado pago aos invasores nórdicos foi feito em 845, quando o exército de Carlos, o Calvo, fugiu de um ataque viking nos arredores de Paris.[310]’’ Sendo assim, os eventos cresceram em magnitude e duração.

O evento entendido como ‘Grande Cerco de Paris’ coloca-se fundamentalmente como um evento mercenário, não apenas pela logística que diferia de toda e qualquer atividade e função da época, mas pelo realce das condições históricas apresentadas dentro de Paris e no entorno desde 843. Além disso, é crível afirmar que a potência do relato no que tange armamento e desenvolvimento bélico não pressupunha uma batida pirata como abundam na documentação.

3.5. A consolidação da presença danesa no interior da Frância entre 847-861

O ano de 847 também não passa despercebido no quadro de mobilidades e realinhamentos da segunda metade da década de 840. Na região bretã[311], os daneses aparecem combatendo Nominoë[312], líder local refratário a autoridade carolíngia, situação inédita dentro da lógica que organizava as zonas de dos contatos. Ao contrário da visão simplista que reduz toda presença danesa à categoria de invasão, o episódio indica uma ação conjunta com os francos contra inimigos comuns. A atuação dos daneses nesse contexto deve ser lida à luz da conjuntura interna do império, especialmente como um rescaldo imediato da partição de Verdun e dos desdobramentos sentidos pelo tecido sociopolítico carolíngio.

Segundo Costambeys, Innes e Maclean, esse período foi marcado por instabilidade e tentativas de adaptação territorial:

> ‘’ a necessidade de buscar um esforço constante para manter a influência em regiões distantes de seus reinos, mas isso foi especialmente verdadeiro no rescaldo imediato de Verdun, quando os governantes tiveram que se estabelecer em reinos que não existiam anteriormente como unidades autônomas, e onde sua influência pode ser irregular. A presença de nórdicos armados tornou esse problema ainda mais intratável. Os bandos vikings obtiveram alguns sucessos notáveis neste período, aproveitando a turbulência causada pela guerra civil para ocupar partes da Bretanha e da Frísia, mas em

---

[310] COUPLAND, Simon. *Frankish Tribute payments to the vikings and their consequences*. p. 59. ‘’ *The first recorded royal tribute paid to Scandinavian invaders was made in 845, When Charles the Bald's army fled before a viking attack outside Paris”*

[311] Cf. Sobre a Bretanha durante o século IX, ver: SILVA, Isabela Alves. *Poder e violência política no reinado de Carlos, o Calvo*. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI: 10.11606/D.8.2022.tde-07102022-102031. Disponível em: repositório da USP

[312] COUPLAND, S. *Op.cit*., p. 64

> geral estavam mais interessados em apreender riquezas móveis para reforçar suas posições na Escandinávia do que em derrubar os governantes francos''[313]

A resposta franca a esse cenário se deu na mesma na mesma lógica, foi coordenada e diplomática. Pois, de acordo com o autor, em 847, Carlos, Luís e Lotário enviam uma embaixada conjunta a Horic I, rei dos danes, exigindo que ele controlasse os ataques de seus súditos contra cristãos: caso contrário, eles disseram, ele não teria dúvidas de que eles fariam guerra contra ele.[314]'' há uma ação conjunta que se reflete nas embaixadas enviadas aos bretões e daneses, retomando assim, em teoria, o que se estabelece em 843, ou seja, a tentativa de aplicar o regime de confraternidade.[315]

Frente aos múltiplos desafios impostos pela partilha e conflitos regionais, os filhos de Luís, o Piedoso, encontraram-se novamente em Meerssen, em fevereiro de 847, para reafirmar os princípios do governo conjunto firmado em 843. A reunião buscava não apenas pacificar internamente os ânimos ainda inflamados após Verdun, mas também oferecer uma resposta comum às pressões externas, especialmente a intensificação das hostilidades escandinavas.[316]

A descrição de Prudêncio ainda nos diz sobre esses eventos que, '' Lotário, Luis, o germânico, e Carlos enviam embaixadores à Horic, rei dos Danes, ordenando que contivesse os seus (homens) nas hostilidades contra os cristãos; caso contrário, que não tivesse qualquer dúvida de que seria atacado pela guerra.[317]'' Lotário não teve facilidade para lidar com os 'vikings' uma vez que herdou as faixas que estavam diretamente ligada à eles, '' Além disso, foi atacado por todos os lados: no norte pelos vikings, no sul pelos sarracenos que periodicamente devastavam a Itália e a Provença.[318]''

Ao nos debruçarmos sobre as fontes francas – sobretudo os *Annales Bertiniani* e as capitulares emitidas por Carlos, o Calvo – observamos que essa década testemunhou um crescente reconhecimento da agência política dos daneses. A capitular de fevereiro de

---

313 COSTAMBEYS et al., *Op.cit.,* p.391.

314 NELSON, J. *'AB', p. 65. ''Lotário, Louis and Charles sent envoys to Horic, king of the Danes, ordering him to restrain his own people from their attacks on Christians: otherwise, they said, he should be in no doubt at all that they would make war on him."* (tradução nossa).

315 BÜHRER-THIERRY, *Op.cit.,* p. 85.

316 NELSON, J.L. *Charlemagne et la dynastie carolingienne, Op.cit*, p. 99. ''Sous la pression de ces divers dangers, les frères acceptèrent de se réunir une nouvelle fois, pour mettre en œuvre le programme de gouvernement auquel ils s'étaient engagés : ils se rencontrèrent à *Meerssen*, près de Maastricht, en février 847"

317*Annales Regni Francoforum, In :* KURZE, Friedrich (Ed.). *Annales Regni Francorum inde ab a. 741 usque ad a. 829: qui dicuntur Annales Laurissenses maiores et Einhardi*. Hannover: Monumenta Germaniae Historica, 1895. p. 221. *''HLotárioius, Hloduwicus et Karolus « legatos ad Oric, Danorum regem, destinant, mandantes ut suos « christianorum infestationibus cohiberet, sin alias, bello se impeten « duin nullatenus dubitaret*."

318 BÜHRER-THIERRY, *Op.cit.*, p. 87-88

847, por exemplo, determina que legados sejam enviados ao rei dos normandos, exortando-o à manutenção da paz sob ameaça de guerra caso não cessassem as hostilidades contra os cristãos. Trata-se de uma evidência do reconhecimento diplomático, ainda que velado, da unidade política danesa., a cláusula 11. diz que, ‘’ Que da mesma forma sejam enviados legados ao rei dos *normandos*, que o exortem e advirtam que, ou ele se empenhará em manter a paz, ou será tido como inimigo comum por todos eles.’’[319] Não parece ter surtido o efeito diplomático desejado. A presença das culturas nórdicas e da sobressalente participação danesa na política, nomeadamente, indicam que as agências longe de retraírem-se, intensificaram ao interior.

A cidade de Bordeaux, ponto estratégico da Aquitânia, foi sitiada por longo tempo pelos daneses, de igual maneira devastaram as regiões costeiras adjacentes. Enquanto isso, outro grupo escandinavo ocupava o empório de Dorestad, importante entreposto comercial no delta do Reno, ao lado da ilha de Betuwe. Prudêncio nos indica a propósito da sincronia das agências em solo franco que ‘’os daneses atacaram e saquearam as regiões costeiras da Aquitânia. Eles sitiaram a cidade de Bordeaux por um longo tempo. Outro grupo de daneses ocupou e tomou posse do empório chamado Dorestad e da ilha de Betuwe.[320]’’ que se localiza muito próximo à Dorestad.

Na mesma capitular, intitulada ‘’*Hludwici pii capitularia (828-840*)’’ vemos a mobilização conjunta que visava mitigar a presença e as práticas mercenárias, ataques e demais situação geradas dentro das zonas de contato, como se vê: ‘’3. Fiquem sabendo que, de modo conjunto, estamos enviando nossos enviados aos normandos, para a obtenção da paz.[321]’’ A descrição de Prudêncio dá conta ainda, de mencionar que judeus teriam traído Bordeaux aos daneses – apresentando, dessa forma, a multiplicidade de mediações locais que marcavam esse período e como as mobilidades pulverizam-se e diluem, em certa medida, as noções de unidade do império carolíngio, apontando em 848,

> ‘’Os eslavos lançaram um ataque violento ao reino de Luís, mas ele os venceu, em nome de Cristo. Carlos atacou o contingente de nórdicos que sitiavam Bordeaux e os derrotou corajosamente. O exército de Lotário lutou contra os sarracenos que haviam tomado Benevento, e Lotário foi vitorioso. Na

[319] BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (Ed.). *Capitularia Regum Francorum. Tomus II*. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897. p. 70. (Monumenta Germaniae Historica: Legum Sectio II). ‘’ *Ut similiter ad regem Nordmannorum ‘legati mittantur, qui eum contestentur, quod aut pacem servare studebit aut communiter eos infensos habebit*.’’

[320] NELSON, J. L. *Op.cit.* p. 65 ‘’*Lotário, Louis and Charles sent envoys to Horic, king of the Danes, ordering him to restrain his own people from their attacks on Christians: otherwise, they said, he should be in no doubt at all that they would make war on him*’’

[321] BORETIUS, *Op.cit.,* p.70‘’ Sciatis, quia communiter missos nostros ad Nortmannos11 pro pace accipienda mittimus.’’.

> Aquitânia, alguns judeus traíram Bordeaux para os daneses: tendo tomado a cidade, eles a devastaram e queimaram.[322]'' (tradução nossa)

Ainda em 848, os daneses aparecem cada vez mais interiorizados no continente, como mostra a descrição do ataque ao *vicus* de Melle ‘’os nórdicos devastaram o município [*vicus*] de Melle e o incendiaram. Os irlandeses atacaram os nórdicos, obtiveram uma vitória com a ajuda de nosso Senhor Jesus Cristo e os expulsaram de suas terras.[323]’ A região acima reforça a progressiva interiorização, não mais restritos aos liteoriais ou foz e algum rio ou estuário. O ano de 848 é também marcado por sucessivas derrotas e vitórias — todas relatadas no mesmo fôlego pelos *Annales Bertiniani*. Luís, o Germânico, consegue repelir um ataque eslavo “em nome de Cristo”, Carlos, o Calvo, derrota um grupo escandinavo que ainda cercava Bordeaux, e Lotário obtém vitória contra os sarracenos em Benevento. A simultaneidade dessas ações mostra a descentralização da resposta carolíngia e as zonas de contato potencializadas pela presença e atividade danesa. Como podemos ver no gráfico abaixo,

---

[322] NELSON, J. L. *Op.cit*., p. 65-66 ‘*’The Slavs launched a violent attack on Louis’s realm, but he overcame them, in Christ’s name. Charles attacked the contingent of Northmen who were besieging Bordeaux and manfully defeated them. Lotário’s army fought the Saracens who had taken Benevento, and Lotário was victorious. In Aquitaine some Jews betrayed Bordeaux to the Danes: having taken the town, they ravaged and burned it.”* .

[323] Idem, p. 66. ‘*’The Northmen laid waste the township [vicus] of Melle and set it on fire.5 The Irish attacked the Northmen, won a victory with the aid of our Lord Jesus Christ, and drove them out of their land. Consequently the king of the Irish sent envoys bearing gifts to Charles to make a friendship-treaty and alliance with him; the Irish king also sought permission to travel through Charles’s kingdom on a pilgrimage to Rome.6 The Moors attacked Benevento again*.”

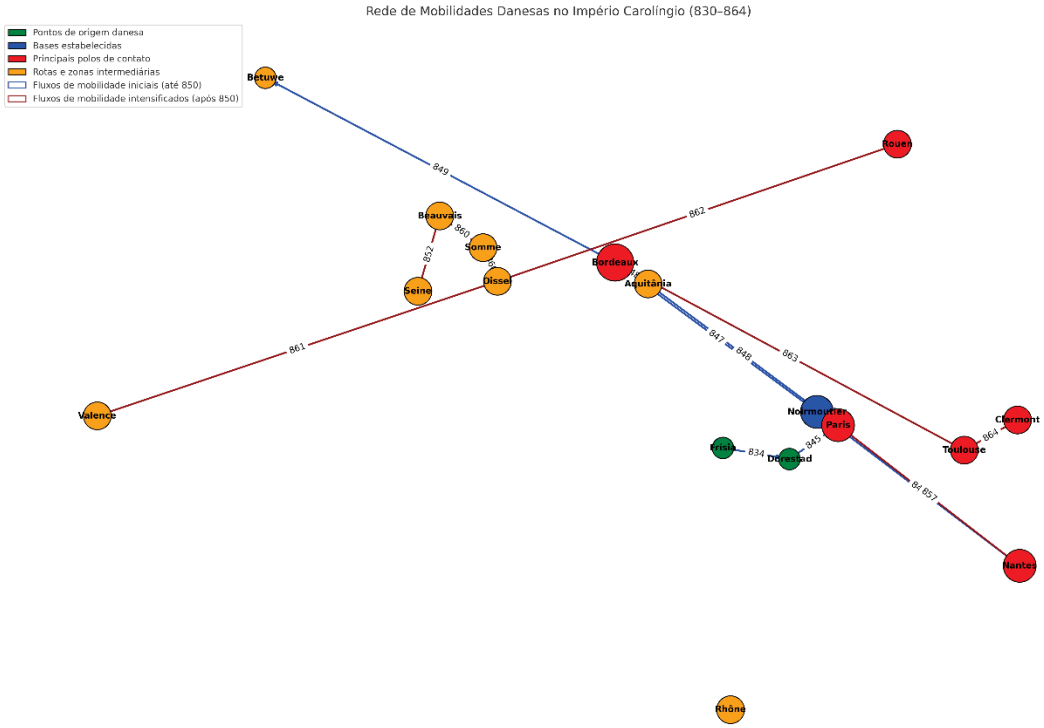


Gráfico: Rede de mobilidades entre 830-864 e as principais zonas de contato. (Elaborado pelo próprio autor.)

Tais zonas, conforme propõem Mary Louise Pratt (1991) e Albert Gautier (2018), não são apenas fronteiras geográficas, mas espaços sociais interativos, permeados por assimetrias de poder, negociação cultural, além de dinâmicas sociopolíticas e simbólicas em disputa. Nelas, os daneses operaram como mercenários, diplomatas, comerciantes — por vezes, até mesmo simultaneamente. Essa multiplicidade de papéis desloca a compreensão da "invasão viking" para uma leitura mais complexa, dinâmica, das infiltrações e inserção gradual nos agentes no tecido franco.

A década de 850 constituiu a fase final da narração de Prudêncio e do enfoque aos daneses, marcando a fase crítica do império fragmentado de Carlos, o Calvo. Entre os anos de 855 e 861, o monarca enfrentou uma confluência de ameaças que comprometeram sua autoridade real e a estabilidade dos territórios sob sua jurisdição. A intensificação das investidas nórdicas nas regiões do Loire e da Aquitânia, o uso ambíguo de mercenários nórdicos por diferentes líderes carolíngios, os embates entre aristocracias locais, bem como os desafios administrativos postos pela aplicação das capitulares reais, são elementos que tornam esse período final do relato particularmente expressivo para o entendimento das mobilidades político-militares no interior do império.

Os documentos da época apontam como destacado em direção à intensificação das mobilidades nórdicas. Os relatos de saques em cidades como Bordeaux, Dorestad, Rouen, Beauvais e Tours demonstram uma expansão do raio de ação cada vez mais e em

maior escala ao interior, superando o litoral como principal fronteira de contato. O episódio de Roric, sobrinho de Harald, que após desertar de Lotário foi reintegrado à sua lealdade mediante concessões territoriais (como Dorestad), ilustra a fluidez das alianças e o uso estratégico dos líderes, como atenta *Prudêncio*,

> ‘’Horic, rei dos nórdicos, foi atacado por dois de seus sobrinhos e a guerra se seguiu. Os sobrinhos foram induzidos a fazer a paz por uma partição do reino. Roric, sobrinho de Harald, que havia desertado recentemente de Lotário, levantou exércitos inteiros de nórdicos com um grande número de navios e devastou a Frísia e a ilha de Betuwe e outros lugares naquela vizinhança navegando pelo Reno e pelo Waal. Lotário, como não podia esmagar Roric, recebeu-o em sua lealdade e concedeu-lhe Dorestad e outros condados. Outro bando de nórdicos saqueou os habitantes de Mempisc, Thérouanne e outros distritos costeiros, enquanto outros ainda atacaram a ilha da Grã-Bretanha e os ingleses, mas foram derrotados pelos ingleses com a ajuda de nosso Senhor Jesus Cristo.’’[324] (tradução nossa)

.

O cronista continua relatando, após um interstício[325] acerca dos assuntos da Igreja na Frância que,

> ‘’ Depois disso, piratas daneses devastaram a Frísia e os habitantes de Betuwe. Correndo enlouquecidos até o mosteiro de St-Bavo, que eles chamam de *Ghent*, eles queimaram o mosteiro e, depois de chegar a Rouen, seguiram a pé até Beauvais, que queimaram. No caminho de volta, eles foram interceptados por nossas forças e alguns deles foram mortos.’’[326] (tradução nossa)

O período entre 852 e 854 mostra uma escalada nas ações políticas e militares, como o bloqueio de Godfred no Sena e a devastação de Nantes e Tours, bem como o conflito danes que acabou culminando na morte de Horic em 851. No mesmo momento, os *Annales Bertiniani* registram a intensificação das medidas administrativas carolíngias para conter os efeitos das invasões: levantamento de perdas monásticas, proteção de refugiados, controle de esmolas entregues a normandos e até a proposta de reocupação das terras devastadas. Trata-se de uma tentativa de restaurar o controle senhorial e eclesiástico frente às transformações provocadas pelas mobilidades forçadas e pela violência.

---

[324] NELSON, J. L. *AB*, *Op.cit*. p.69 ‘’ Horic, king of the Northmen, was attacked by two of his nephews and war ensued. The nephews were induced to make peace by a partition of the realm.4 Roric, the nephew of Harald, who had recently defected from Lotário, raised whole armies of Northmen with a vast number of ships and laid waste .Frisia and the island of Betuwe and other places in that neighbourhood by sailing up the Rhine and the Waal. Lotário, since he could not crush Roric, received him into his allegiance and granted him Dorestad and other counties.5 Another band of Northmen plundered the inhabitants of Mempisc, Thérouanne and other coastal districts, while yet others attacked the island of Britain and the English but they were beaten by the English with the aid of our Lord Jesus Christ’’

[325] Idem, *p.*72-73

[326] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.* p.73. *‘’After this, Danish pirates ravaged Frisia and the inhabitants of Betuwe. Running amok right up to the monastery of St-Bavo which they call Ghent, they burned the monastery and then after reaching Rouen they proceeded on foot as far as Beauvais which they burned. On their way back, they were intercepted by our forces and some of them were killed”*.

A narração de Prudêncio, ao abordar o biênio 852-853, ganha contornos dramáticos ao descrever a hesitação do exército de Carlos em enfrentar os normandos. Segundo o cronista:

> ‘’ Durante este bloqueio, eles celebraram o Natal. Mas os homens do contingente de Carlos não queriam lutar, então ele teve que se retirar sem ter conseguido nenhuma vantagem. Carlos conseguiu que Godefredo fizesse as pazes com ele sob certas condições acordadas. Mas o resto dos daneses se estabeleceram lá até março sem precisar sentir a menor ansiedade: eles devastaram, queimaram e levaram cativos de forma ainda mais selvagem por serem completamente desenfreados[327]

Nesse mesmo contexto, Calmette observa a tentativa de reestabelecer um pacto dinástico, ainda que frágil, entre Carlos e Lotário. Em 852, Carlos teria convidado seu irmão para encontrá-lo em Saint-Quentin, ocasião em que ambos demonstraram cordialidade e firmam um acordo conjunto para enfrentar os normandos:

> “No início de 852, Carlos convidou Lotário para visitá-lo em Saint-Quentin: recebeu-o como irmão, cobriu-o de presentes e acompanhou-o de volta com todas as marcas da mais viva afeição Um pouco mais tarde, os dois irmãos deram uma prova mais impressionante de seu perfeito acordo por uma colaboração armada contra os normandos’’[328].

A capitular datada de abril de 853, intitulada ‘’ *Capitulare Missorum Suessionense”* também apresenta outro indicio da relação, destacando um contexto que pode ser compreendido sob o guarda-chuva das mobilidades forçadas, sobretudo, entendendo os deslocamentos internos dos francos frente a presença permanentes dos daneses. O documento dá conta de vários pontos, e ao pedir uma inventariação das propriedades da igreja, demanda-se que seja objeto discricionário também ‘’ o que também foi dado aos Normandos por nossa recomendação ou sem nossa recomendação, o que foi deixado, ou o que foi dado a eles como esmola por alguém.’’[329]

---

[327] NELSON, J.L. *Op.cit*. p. 76 ‘ *’During this blockade, they celebrated Christmas. But the men in Charles's contingent did not want to fight, so he had to withdraw having achieved no advantage at all. Charles got Godefrid to make peace with him on certain agreed conditions.1 But the rest of the Danes settled down there right through to March without needing to feel the least anxiety: they ravaged, burned and took captives all the more savagely for being completely unrestrained”*

[328] CALMETTE, J. *Op.cit.,* p 22 ‘’ *Au commencement de 852, Charles invite Lothaire à venir le trouver à Saint-Quentin : il le reçoit en frère, le comble de cadeaux et le reconduit avec toutes les marques de la plus vive affection'^ Un peu plus tard, les deux frères donnent une preuve plus éclatante encore de leur parfait accord par une collaboration armée contre les Normands.”*

[329] *Capitulare missorum Attiniacense (854)*. In: BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (Ed.). *Capitularia Regum Francorum*. Tomus II. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897. p. 267. *’’Quid etiam Nortmannis per nostram commendationem sive sine nostra eommen- datione datum sit, quidve relietum vel quid a quoquam ilii in eleemosyna Datum”*

Tal recomendação aponta para uma preocupação latente com o esvaziamento patrimonial e a possibilidade de que concessões feitas sob coação se perpetuassem como norma. Prudêncio reforça essa orientação com a seguinte passagem:

> [853]‘’Que se investigue também quantos [monges, clérigos, ou habitantes] havia em cada lugar no tempo de nosso avô Carlos e de nosso senhor e pai Ludovico, e quantos há agora, e em que lugares foram destruídos e completamente arrasados pelos homens do norte ou por quais quer outros; e, nesses locais devastados, devido à escassez de recursos e à própria devastação dos bens, que se investigue quantos podem atualmente ser estabelecidos ou reorganizados, para que, com o consenso de nossos fiéis, possamos ordenar o que deverá ser feito dali em diante.[330]’’ (tradução nossa)

O impacto das mobilidades danesas na conjuntura franca preenche a escrita do cronista, abaixo o relato do cronista sibila-nos em tom de confidencia as medidas da logística para mitigá-los e tentar resolver a situação, dito de outra forma – vemos a organicidade sociopolítica carolíngia em meio as zonas de contatos e como reagiu diante da tônica que há muito se colocava na paisagem franca,

> ‘’ Os estrangeiros que, em razão da opressão dos homens do norte ou dos Bretões, buscaram refúgio nas partes destes reinos, foi estabelecido por nossos seniores que não sofram qualquer forma de violência, opressão ou exação por parte de qualquer oficial da administração pública; mas que lhes seja permitido buscar e manter sua própria proteção (conduto), até que eles próprios retornem aos seus lugares de origem ou até que seus próprios seniores os recebam novamente. Caso seja descoberto que algum oficial público ou qualquer outro indivíduo tenha agido, ou venha a agir, contra este mandamento de piedade, deverá pagar o *bannum dominicum* correspondente.[331] (tradução nossa)

Ainda em 853, por exemplo, podemos ver que a capitular é ainda mais incisiva ao propor medidas de reparação pública e ajuda militar contra os invasores. Os itens 9 e 10 estabelecem, respectivamente, ‘’ 9. Que os males passados contra a Igreja ou contra os fiéis, cometidos por necessidade ou erro, sejam emendados o quanto antes com satisfação

---

[330] WAITZ, Georg (Ed.). *Annales Bertiniani.* In: *Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum ex monumentis Germaniae historicis separatim editi.* Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1883. p.268. *‘’Inquirant quoque, quot tempore avi nostri Karoli et domni genitoris nostri Hludowici unoquoque in loco fuerint, et quot modo sint, et ubi loca a Nortmannis sive a qui- buslibet aliis destructa sunt et penitus adnullata, quot ibi nunc pi-opter paucitatem rerum et devasta- tionem earumdem constitui vel ordinari possint, ut inde cum consensu fidelium nostrorum ordinemus, quid de caetero agendum sit*.”

[331] BORETIUS*, Op.cit*., p. 273 ‘*’9. advenis qui oppressione Nortmannorum1' vels Brittannorum in partes istorum regnorum confugerunt, statuerunt seniores nostri. ut a nullo rei publicae ministro quamcuinque violentiam vel oppressionem aut exactationem patiantur; sed liceat eis conductum suum quacrere et habere, doncc aut ipsi redeant ad loca sua aut seniores illorum eos recipiant. Quod si1 inventus fuerit ex rei publicae ministris aut aliis quibuslibetv contra hoc pietatis praeccptum facere aut fecisse, bannum 3| dominicum exindc componat”*

pública. 10. Sobre nosso concílio e sobre a ajuda comum contra os Normandos, e sobre nossa fraternidade dialogada.[332]

Ainda no segundo semestre de 853, os daneses continuaram sua ofensiva. ‘’ Em julho, os daneses deixaram o Sena e foram para o Loire, onde saquearam o centro de Nantes e o Monastério de St. Florent e os arredores dele.*[333]*’’. Nelson atenta para um debate acerca dos grupos e atores que estiveram na Francia durante esse contexto, as bandas associativas eram múltiplas[334] e operavam de acordo com as intenções daquele grupo e contexto, torna-se cada vez mais latente o emprego de várias práticas e dinâmicas para acessá-la, como se vê,

> ‘’ Em 8 de novembro, piratas daneses de Nantes que se dirigiam para o interior atacaram descaradamente a cidade de Tours e a queimaram, junto com a igreja de St-Martin e outros lugares vizinhos. Mas como o ataque era conhecido de antemão com total certeza, o corpo de São Martinho já havia sido levado para o mosteiro de Cormery e os tesouros de sua igreja para a cidade de Orléans.’’[335]

Como vimos até aqui, a função mercenária, tal como exercida pelos contingentes nórdicos na Gália carolíngia, revela-se dotada de volatilidade intensa. A partir da sequência de eventos ocorridos entre 852 e 854, nota-se um padrão reiterado das dinâmicas e movimentações, muitas vezes entrelaçados com acordos táticos, ataques ou arranjos explícitos de pagamento. Um dos registros mais expressivos dessa lógica diz que ‘’os nórdicos foram para a Frísia com 252 navios, mas depois de receber o pagamento tão grande quanto pediram, partiram para outro lugar.’’[336]

---

[332] BORETIUS, *Op.cit.,* p.76. ‘*’ 9. Quodsi aliquid per necessitatem in ecclesiis Deiri aut contra aliquem fidelium nostrorum fecimus, hoc, quam citius potuerimus, libentissime emendabimus. Et cetero, si aliquis apud nos parem suum nocere voluerit, hoc secundum consuetudinem antecessorum nostrorum diffinire volumus. 10. De placito nostro et de communi adiutorio contra Nortmannos et de conlocutione nostra fraterna.”*

[333] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.,* p. 76 ‘’ *In July the Danes left the Seine and went to the Loire where they sacked the town of Nantes and the monastery of St-Florent4 and its neighbourhood.”* (tradução nossa)

[334] Idem, p. 73. A autora faz um resume sobre as atividades nórdicas e oferece um panorama bibligroafica e documental acerca dos eventos balizados aqui. [nota de rodapé, n º 9] *’’Against the implication here that these Vikings came from the North Sea, AFont says that they had previously been active in Aquitaine (Bordeaux). Vogel 1906 : 130 and n. 4, inferred that there were two fleets, one on the Seine, the other on the Scheldt. Lot 1970b : 684-5 and n. 24 preferred the AB to AFont, while accepting the latter’s placing of the Franks’ successful counter-attack at Vardes (dep. Seine-Inf.). But the Vikings on the Seine in 851 as later (below 852, 858, 861) no doubt comprised several different groups. Cf. Para um deabte mais aprofundando sobre Sawyer 1982 : 91-2. AFont’s dating of the burning of St-Wandrille to 9 January 852, and of the Vikings’ burning of Beauvais, defeat by the Franks, and departure from the Seine to early summer 852, is accepted against the AB’s mention of all these under 851 by Coupland 1987* : 35-6.’’

[335] Idem, p. 77 ‘’ *On 8 November, Danish pirates from Nantes heading further inland brazenly attacked the town of Tours and burned it, along with the church of St-Martin, and other neighbouring places. But because the attack had been known about beforehand with complete certainty, the body of St Martin had already been taken away to the monastery of Cormery and the treasures of his church to the civitas of Orléans.”*

[336] Idem, p. 74 ‘’ *The Northmen went to Frisia with 252 ships, but after receiving payment as large as they asked for, they headed off elsewhere.”*

Os daneses envolvem-se num conflito interno durante esse período e desde a morte de Horic I disputam o vácuo de poder deixado, a unidade política danesa encontrava-se em vias cada vez mais interiorizadas, a resistência franca era de acordo com Prudêncio,

> ‘’ Godfred, filho de Harald, o danes, que havia sido batizado em Mainz no tempo do imperador Luís, agora desertou de Lotário e se retirou para seu próprio povo. Ele reuniu uma grande força entre eles e atacou a Frísia com um grande número de navios, depois foi para a área ao redor do rio Escalda e, finalmente, para o Sena. Lotário e Carlos vieram ao seu encontro com todo o exército e o bloquearam de ambas as margens do Sena.[337]’’

O ano de 854 mostra a extensão das ações levadas ao interior do território franco. Os nórdicos atingem o Loire, sobem até Blois — que é incendiada — e ameaçam Orléans. Contudo, a resistência organizada pelos bispos Agius e Burchard, com navios e tropas locais, obriga os invasores a recuar para as partes inferiores do rio. Simultaneamente, outras bandas danesas devastavam regiões da Frísia próximas à Saxônia.

> ‘’Os daneses permaneceram no Loire. Eles navegaram até a fortaleza de Blois, que queimaram. Seu objetivo era chegar a Orléans e causar o mesmo estrago lá. Mas o bispo Agius, de Orléans, e o bispo Burchard, de Chartres, prepararam navios e guerreiros para resistir a eles; assim, os daneses desistiram de seu plano e voltaram para as águas mais baixas do Loire. Outros piratas daneses também devastaram a parte da Frísia próxima à Saxônia.[338]

Esse cenário de fragmentação interna impacta diretamente as dinâmicas sociopolíticas e militares na Frância Ocidental, pois permite o surgimento de novas lideranças, mais agressivas ou politicamente habilidosas. Como fica evidente em outra passagem do mesmo ano,

> ‘’Os daneses lutaram entre si em uma guerra civil. Eles lutaram como loucos em um conflito terrivelmente obstinado que durou três dias. Quando o rei Horic e outros reis com ele foram mortos, quase toda a nobreza também pereceu. Os piratas dos nortistas subiram o Loire novamente e queimaram a cidade de Angers"[339]

---

[337] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.,* p.75 ‘’*Godefrid, son of Harald the Dane, who had once been baptised at Mainz in the Emperor Louis's time,8 now defected from Lotário and took himself off to his own people. He collected a strong force from among them, and attacked Frisia with a large number of ships, then went to the area around the River Scheldt, and finally to the Seine.9 Lotário and Charles came up to meet him with their whole army, and blockaded him from either bank of the Seine*.”

[338] Idem, p. 79. ‘’ *The Danes stayed on the Loire. They sailed up as far as the stronghold of Blois which they burned. Their aim was to reach Orléans and wreak the same havoc there. But Bishop Agius of Orléans and Bishop Burchard of Chartres got ready ships and warriors to resist them; so the Danes gave up their plan and headed back to the lower waters of the Loire. Other Danish pirates also laid waste the part of Frisia next door to Saxony.”* (tradução nossa)

[339] Idem, p.80. *”The Danes fought amongst themselves in a civil war. They battled like madmen in a terribly stubborn conflict lasting three days. When King Horic and other kings with him had been slain, almost the entire nobility perished too.12 Pirates of the Northmen came up the Loire again and burned the civitas of Angers.”* (tradução nossa)

A partir de 855 as atividades danesas se intensificam, sobretudo no curso do Loire e nas imediações de Nantes, contexto que leva Carlos, o Calvo, a utilizar estratégias múltiplas que incluem negociações, concessões e esforços militares diretos destas regiões mais ao interior, de acordo com os relatos dos *Annales Bertiniani*, ‘*’nortmanni iterum Ligerim ingressi sunt”*[340] ou seja, ‘’ os homens do Norte mais uma vez entraram pelo Loire.’’

Outro agravante é a morte de Lotário em 855, pois insere um novo elemento no tabuleiro político: a redistribuição dos poderes herdados abre margem para novas reivindicações por parte de atores como Harald e Pepino II, o Jovem, que se veem como herdeiros de jurisdição ou influência — o que fragiliza ainda mais a posição de Carlos, o Calvo, diante das pressões externas. Em resposta, promulga-se capitulares específicas em 856 e 857, determinando medidas para a proteção de abadias, mobilização de tropas locais e a reconstrução de fortificações[341]

Prudêncio descreve que, ‘’ Lotário entregou toda a Frísia a seu filho, e então Roric e Godfred voltaram para sua terra natal, a Dinamarca, na esperança de obter o poder real. [...] Os nórdicos atacaram Bordeaux, uma cidade na Aquitânia e se movimentaram por todo o campo à vontade.[342] ‘’ na sequência dos desdobramentos relatados, em 856 os daneses saem da região mais ao sul,

> ‘’ Os homens do norte subiram o Loire. Eles deixaram seus navios e tentaram chegar a Poitiers a pé. Mas os aquitânos vieram ao seu encontro e os derrotaram tão duramente que pouco mais de 300 deles escaparam. Roric e Godfred, a quem o sucesso não sorriu, permaneceram em Dorestad e dominaram a maior parte da Frísia.[343]’’

Na sequência, ainda no mês de abril, vemos ações que destoam das visualizadas até aqui, sobretudo, por tratar-se das bandas associadas que operavam sob um viés de saque e batidas rápidas, as incursões devem ser enquadradas de acordo com a lógica pirata, pois seu sucesso dependia exclusivamente dessa forma de operar,

---

[340] WAITZ, Georg (Ed.). Annales Bertiniani. In: Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum ex monumentis Germaniae historicis separatim editi. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1883. p. 429. ano de 855: *“Nortmanni iterum Ligerim ingressi sunt et urbem Namnetum occupaverunt.”* In: GERTZ, J. M. L. (ed.). Annales Bertiniani. MGH Scriptores, vol. 1, Hannover.

[341] Cf. Capitulares de *Meaux (856) e Pîtres (857),* in: BORETIUS, Alfred (ed.). *Capitularia Regum Francorum*, vol. 2. MGH, Legum Sectio II, Hannover, 1897, p. 160–165.

[342] NELSON, J. L. AB. *Op.cit*., p.80. *‘’Lotário gave the whole of Frisia to his son Lotário, whereupon Roric and Godefrid headed back to their native Denmark in the hope of gaining royal power. […], The Northmen attacked Bordeaux, a civitas in Aquitaine, and moved about all over the countryside at will. ‘’*

[343] NELSON, J. L. AB, p. 81 *‘’The Northmen sailed up the Loire. They left their ships and tried to reach Poitiers on foot. But the Aquitanians came up to meet them and beat them so soundly that hardly more than 300 of them escaped. Roric and Godefrid, on whom success had not smiled,6 remained based at Dorestad and held sway over most of Frisia.”*

> ‘’ Em 18 de abril, piratas daneses chegaram a Orléans, saquearam-na e partiram novamente sem encontrar qualquer oposição [...]. Em meados de agosto, outros piratas daneses navegaram novamente pelo Sena. Eles devastaram e saquearam as cidades, mosteiros e vilas em ambas as margens do rio, e até mesmo algumas cidades mais distantes. Em seguida, escolheram um lugar na margem do Sena chamado *Jeufosse*, um excelente local defensivo para um acampamento base, e lá passaram o inverno tranquilamente.[344]’’

Depois do natal do mesmo ano, os daneses são descritos em Paris, interiorizados e presentes na região central do império, evidenciando as múltiplas pequenas conjunturas que se alocaram durante seus contatos,

> ‘’em 28 de dezembro [856], piratas daneses atacaram Paris e a queimaram. Os piratas que estavam baseados na região do baixo Loire saquearam Tours e todos os distritos vizinhos até a fortaleza de Blois.’’[345] ‘’ Luís, rei da Alemanha, e Luís, imperador da Itália, fizeram o mesmo.3 Pepino se aliou a piratas daneses, saqueou Poitiers e devastou muitos outros lugares na Aquitânia[346]"

O que vemos desdobrar-se em 857 é descrito por Prudêncio, e inclina-se no caminho contrário as práticas rápidas e de saques dos apontados piratas e suas bandas, na respectiva passagem podemos observar o comportamento plural desses múltiplos grupos e compreender a dinâmica a partir do trecho,

> ‘’ Os daneses que estavam subindo o Sena devastaram tudo sem controle. Eles atacaram Paris, onde queimaram a igreja de São Pedro e *Geneviève* e todas as outras igrejas, exceto a catedral de São Estêvão, a igreja de São Vicente e Germain e também a igreja de São Dinis; os daneses que estavam subindo o Sena devastaram tudo sem controle. Eles atacaram Paris, onde queimaram a igreja de São Pedro e *Geneviève* e todas as outras igrejas, exceto a catedral de São Estêvão, a igreja de São Vicente e Germain e também a igreja de Saint-Denis: um grande resgate foi pago em dinheiro para evitar que essas igrejas fossem queimadas. Outros daneses invadiram o empório chamado *Dorestad* e devastaram toda a ilha de *Betuwe* e outros distritos vizinhos"[347] (tradução nossa)

---

[344] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.,* p. 82-83. ‘*’On 18 April, Danish pirates came to Orléans, sacked it and went away again without meeting any opposition […]. In mid-August, other Danish pirates again sailed up the Seine. They ravaged and plundered the civitates, monasteries and villae on both banks of the river, and even some civitates further away. Then they chose a place on the bank of the Seine called Jeufosse, an excelente defensive site for a base camp, and there they quietly passed the winter.”*.

[345] Idem, p. 84 ‘*’On 28 December [856] Danish pirates attacked Paris and burned it. Those pirates who were based in the region of the lower Loire sacked Tours and all the surrounding districts as far as the stronghold of Blois.”*

[346] Idem, p. 84. ‘*’Louis king of Germany and Louis emperor of Italy did likewise. Pippin allied himself with Danish pirates, sacked Poitiers and ravaged many other places in Aquitaine”*

[347] Idem, p. 83.84. *”The Danes who were coming up the Seine ravaged everything unchecked. They attacked Paris where they burned the church of SS Peter and Genevieve and all the other churches except for the cathedral of St-Stephen, the Church of SS-Vincent and Germain and also the church of St-Denis ; The Danes who were coming up the Seine ravaged everything unchecked. They attacked Paris where they burned the church of SS Peter and Genevieve and all the other churches except for the cathedral of St-Stephen, the Church of SS-Vincent and Germain and also the church of St-Denis: a great ransom was paid in cash to save these churches from being burned. Other Danes stormed the emporium called Durestad and ravaged the whole island of Betuwe and other neighbouring districts.*”

O ano de 857 foi marcado pela repetição e vigor das ações danesas em solo franco, revivendo as dificuldades enfrentadas pelos governantes outrora. Pepino se associou aos normandos e saqueou a propriedade daqueles que se recusaram a segui-lo em sua nova tomada de armas Carlos, o Calvo[348] Em 858, por sua vez, AB nos lega que houve uma mobilidade significativa: Carlos, o Calvo, enfrentando pressões externas e internas, convoca uma assembleia em Quierzy, onde promulga uma capitular decisiva. Esse texto estabelece uma reorganização do sistema de benefícios e fidelidades, afirmando que "nenhum homem livre poderá abandonar seu senhor sem justa causa"[349] Tal medida revela não apenas a tentativa do rei de reforçar os vínculos verticais de lealdade frente à instabilidade, mas também seu temor diante das defecções aristocráticas e da incapacidade da realeza de manter a coesão política por meios puramente militares. Philippe Depreux interpreta esse documento como um "reconhecimento tenso do enfraquecimento do poder régio", no qual Carlos busca restaurar autoridade por meio de dispositivos legais que dependiam, ironicamente, da adesão voluntária da elite que ele tentava controlar[350]

Ainda em 858, *Bjørn* que foi descrito como um líder ''pirata'' aparece jurando fidelidade a Carlos em *Verberie,* sinalizando a complexa teia de relações sociopolíticas entre francos e daneses, reiterando a dinâmica mais mercenária do que pirata. Importante destacar como observa Janet Nelson, que o reinado de Carlos foi marcado por uma "monarquia relacional", em que o poder se mantinha por meio de negociações e concessões, mais do que por imposições unilaterais.[351] Prudêncio sibila novamente a propósito do evento que,

> ' *'Bjørn*, chefe de um grupo de piratas no Sena, foi até o rei Carlos no palácio de Verberie, entregou-se em suas mãos e jurou fidelidade à sua maneira. Outro grupo desses piratas capturou o abade Louis de St-Denis junto com seu irmão Gauzlin, e exigiu uma multa muito pesada como resgate. Para pagar essa multa, os cofres de muitas igrejas no reino de Carlos foram esvaziados, por ordem do rei. Mas mesmo tudo isso estava longe de ser suficiente: para chegar à quantia exigida, grandes somas foram avidamente contribuídas também pelo rei e por

[348] CALMETTE, J. *Op.cit*. p. 37'' En 857, les difficultés renaissent. La même coopération des Aquitains et de comtes francs amène les pires dévasta tions. Ce sont des comtes francs conjurés contre leur roi qui ont intrigué pour persuader aux Aquitains d'abandonner de nouveau Charles l'Enfant pour revenir à Pépin". Pépin s'associe même aux Normands et pille les biens de ceux qui refusent de le suivre dans sa nouvelle prise d'armes Charles le Chauve s'était ému de ces désordres. De Quierzy-sur-Oise, le 14 février 857, il lance une circulaire aux mmzx et aux comtes.''

[349] Capitular de Quierzy (858), in: BORETIUS, Alfred. *Capitularia Regum Francorum*, vol. 2. Hannover: Hahn, 1897, p. 170.

[350] DEPREUX, Philippe. *Charlemagne et ses élites*. Op.cit., p. 182.

[351] NELSON, J. L. *Charles the Bald*. Op.cit., p. 244.

> todos os bispos, abades, condes e outros homens poderosos.[352]'' (tradução nossa)

Em julho do mesmo ano, vemos Prudêncio confidenciar como a transição em curso indica uma vez mais, o alcance de um estágio de maior presença e permanência no território carolíngio,

> '' Em julho, o rei Carlos foi à ilha de Oissel, no Sena, para sitiar os daneses ali instalados. Lá, o jovem Carlos, seu filho, chegou da Aquitânia e com ele veio Pepino, agora leigo. O rei Carlos recebeu Pepino e entregou a ele alguns condados e mosteiros da Aquitânia. Em agosto, o rei Lotário também se apressou em ir à mesma ilha de *Oissel* para levar ajuda ao seu tio. Eles ficaram lá até 23 de setembro, sem fazer nenhum progresso no cerco. Depois voltaram para casa.''[353]

O curso do Loire viu a multiplicação de alianças táticas com nórdicos — incluindo a infame cooptação de grupos e bandas de associação por condes locais para atacar rivais políticos e sabe-se, por exemplo, que Harald associa-se a Pepino II da Aquitânia[354], sobrinho de Carlos e reivindicador dos direitos sobre as terras do falecido pai. De todo modo, a presença pulverizada cada vez mais internamente lateja na paisagem, '' os daneses devastaram os lugares além do Escalda. Algumas das pessoas comuns que viviam entre o Sena e o Loire formaram uma associação juramentada entre si e lutaram bravamente contra os daneses no Sena. Mas como a associação foi feita sem a devida consideração, eles foram facilmente mortos por nossos povos mais poderosos.[355]''

O 'AB' registra em 859, "*multae ecclesiae desolatae sunt''* no Oeste e que *''reliquiae sanctorum translatae sunt in Burgundiam*"[356]. Isso sugere não só uma

---

[352] NELSON, J. L. 'AB'*, Op.cit*., p. 86 '*'Bjørn, chief of one group of the pirates on the Seine, came to King Charles at the palace of Verberie, gave himself into his hands and swore fidelity after his own fashion. Another group of those pirates captured Abbot Louis of St-Denis along with his brother Gauzlin, and demanded a very heavy fine for their ransom. In order to pay this, many church treasuries in Charles's realm were drained dry, at the king's command. But even all this was far from being enough: to bring it up to the required amount, large sums were eagerly contributed also by the king, and by all the bishops, abbots, counts and other powerful men.''*

[353] Idem, p. 86 '' *'In July, King Charles came to the island of Oissel in the Seine to besiege the Danes ensconced there.12 There the Young Charles, his son, arrived from Aquitaine and along with him came Pippin, now a layman. King Charles received Pippin and handed over to him some counties and monasteries in Aquitaine. In August too, King Lotário hastened to that same island of Oissel, to bring help to his uncle. They stayed there till 23 September, without making any progress in the siege. Then they went home.''*

[354] LEWIS, Stephen M. *Vikings in Aquitaine and their connections, ninth to early eleventh centuries*. Thèse de doctorat (Ph.D. en Histoire), Université de Caen Normandie (Normandie Université), soutenue le 10 juin 2021, dirigée par Pierre Bauduin.

[355] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.,* p. 89'' *The Danes ravaged the places beyond the Scheldt. Some of the common people living between the Seine and the Loire formed a sworn association amongst themselves, and fought bravely against the Danes on the Seine. But because their association had been made without due consideration, they were easily slain by our more powerful people''*

[356] Annales Bertiniani, ano de 859. In: GERTZ, J. M. L. (ed.). Annales Bertiniani. MGH Scriptores, vol. 1, Hannover, 1871, p. 435

mobilidade de pessoas, mas de símbolos, cuja função era reforçar a sacralidade dos espaços menos vulneráveis e consolidar o prestígio político daquelas regiões,

> ‘’ Os daneses lançaram novos ataques e devastaram, com disparos e saques, o monastério de St-Valery [sur-Somme], a cidade de Amiens e outros lugares ao redor. Outros deles também atacaram com a mesma fúria a ilha no Reno chamada Betuwe. Os que ainda estavam no Sena fizeram um ataque noturno à cidade de Noyon. Eles levaram cativo o bispo Immo, juntamente com outros nobres, tanto clérigos quanto leigos, e depois de devastar a cidade, levaram os prisioneiros com eles e os mataram em sua marcha. Dois meses antes, eles também haviam matado Ermenfrid, bispo de Beauvais, em uma certa vila, e no ano anterior haviam matado Baltfrid, bispo de Bayeux[357]’’

Por fim, o que podemos visualizar nas descrições finais do cronista hispânico, em meio aos dois anos finais de sua narração e vida, é um Império fragmentado politicamente e juramentado a Carlos que emerge em 855, após a morte do irmão como único governante. Em 860, observa-se uma década dramática para os francos, em suas últimas menções aos daneses e acerca dos desdobramentos militares
, sociopolíticos, diz que,

> ‘’ O rei Carlos, enganado pelas promessas vazias dos daneses no Somme, ordenou que fosse cobrado um imposto sobre os tesouros das igrejas e sobre todos os homens e comerciantes, mesmo os de pequena escala: até mesmo suas casas e todos os seus equipamentos foram avaliados para que o tributo pudesse ser cobrado deles. Os daneses haviam prometido que, se lhes fossem entregues 3.000 libras de prata, pesadas sob cuidadosa inspeção, eles atacariam os daneses que estavam ocupados no Sena e os expulsariam ou os matariam.[358] (tradução nossa)

> ‘’ Os daneses no Somme, já que o tributo mencionado acima não lhes foi pago, receberam reféns e então navegaram para atacar os anglo-saxões, que, no entanto, os derrotaram e os expulsaram. Em seguida, dirigiram-se para outras regiões. Os daneses, que ainda estavam no Ródano, chegaram até a cidade de Valence, devastando-a à medida que avançavam. Lá eles destruíram tudo ao redor e depois voltaram para a ilha onde haviam estabelecido sua base.[359]’’ (tradução nossa)

---

[357] NELSON, J. L. AB, *Op.cit.,* p 90-91. ‘’ *Danes launched new attacks, and laid waste, by firing and plundering, the monastery of St-Valery [sur-Somme], the civitas of Amiens and other places round about.9 Others of them also attacked with the same fury the island in the Rhine called Betuwe. These who were still on the Seine made a night attack on the civitas of Noyon. They took captive Bishop Immo along with other nobles, both clerics and laymen, and after laying waste the civitas carried the prisoners off with them and slew them on their march.10 Two months earlier, they had also killed Ermenfrid bishop of Beauvais at a certain villa,11 and the previous year they had slain Baltfrid bishop of Bayeux”*.

[358] Idem, p. 92 ‘*’King Charles, deceived by the empty promises of the Danes on the Somme, ordered a tax to be levied on the treasures of the churches and on all mansi and on traders – even very small-scale ones: even their houses and all their equipment were assessed so that the tribute could be levied on them.2 For the Danes had promised that if 3,000 lb of silver, weighed out under careful inspection, were handed over to them, they would turn and attack those Danes who were busy on the Seine and would either drive them away or kill them.”*

[359] Idem, p.92-93 ‘*’ The Danes on the Somme, since the above-mentioned tribute was not paid to them, received hostages, and then sailed over to attack the Anglo-Saxons by whom, however, they were defeated and driven off. They then made for other parts. The Danes who were still on the Rhône got as far as the city*

É nesse ponto que a historiografia mais recente, especialmente a desenvolvida por Reuter, Airlie e Bührer-Thierry, tem sido capaz de romper com o paradigma do "colapso" e pensar em termos de transição: o que se vê entre 855 e 861 é menos o fim de uma ordem e mais a reformulação de uma forma de poder adaptada às novas dinâmicas de mobilidade, ameaça e lealdade múltipla. O império carolíngio, portanto, ao invés de ruir imediatamente, reconfigura-se em uma malha política complexa, onde o rei permanece central como mediador de legitimidades, ainda que esvaziado de muitos de seus poderes coercitivos tradicionais.[360]

Essas observações não encerram o debate, mas fornecem elementos para pensar o final do reinado de Carlos sob uma chave interpretativa que privilegia a agência dos atores locais, a persistência da ideologia real e a capacidade do sistema carolíngio de sobreviver mesmo sob pressões extremas. O período subsequente, já sob as ameaças crescentes de divisão territorial e rivalidade interna entre herdeiros e magnatas, colocará em xeque as últimas bases dessa ordem plural e frágil. Mas entre 855 e 861, o que se vê é um império em luta para permanecer inteiro — ainda que por meio de fragmentos.[361]

CONCLUSÃO;

Durante o século IX a figura do mercenário destoa como dinâmica e prática, levada a cabo por ambas culturas, seja pelos governantes francos, ou como mecanismo danes. Principalmente, pelo mercenário definir-se pela agência daquele que presta serviço a alguém, no limite, às margens de dinâmicas próprias, ou seja, está sob condição daquele que o remunerou, não predispõe o ato de fidelizar-se. No recorte tardo antigo, ainda que distintamente de um *foederati* nos moldes romano, ou propriamente medieval, o

---

of Valence, ravaging as they went. There they destroyed everything around, and then returned to the island on which they had made their base."

[360] REUTER, Timothy. *The Carolingians and the Frankish Monarchy: Studies in Carolingian History*. London: Longman, 1997, p. 123-130; AIRLIE, Stuart. "Narrating the Carolingians: Historians and the Making of a Frankish Identity." In: GOETZ, H. W.; JARNUT, J.; PÖTZSCH, W. (eds.). *Regna and Gentes: The Relationship Between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World*. Leiden: Brill, 2003, p. 15-36; E, também : BÜHRER-THIERRY, Geneviève. *L'Europe carolingienne, 714-888*. 4e éd. Paris: Armand Colin, 2019, p. 217-230

[361] Cf. Para um debate historiográfico acerca das concepções e ideias sobre o suposto ''fim do Império Carolíngio", ver: BOOKER, Courtney M. *Past convictions: the penance of Louis the Pious and the decline of the Carolingians*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009. (The Middle Ages Series).
NELSON, Janet L. *Charles the Bald*. London: Longman, 1992, p. 244-250; Cf. FICHTENAU, Heinrich. *The Carolingian Empire*. Oxford: Basil Blackwell, 1964, p. 256-263; McKITTERICK, Rosamond. *The Carolingian World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 323-330.

mercenário é um sintoma conjuntural, apoiado em novas regras e funções, requer recompensa, seja móvel ou imóvel, somente assim desempenha determinada atividade político-militar, permanecendo fora da proteção de quem o empregou. Como observado, podem ser indivíduos ou grupos que, em troca de pagamento, prestavam serviços militares com um caráter altamente maleável a uma autoridade ou governante com capacidade de mobilizar recursos e oferecer *beneficium,* ou ainda, assentando os recrutados durante um período especifico, como vislumbrado no caso do agente Harald.

O mercenarismo, por sua vez, consiste no fenômeno recorrente de operar em conjunturas singulares, como a que foi abordado no respectivo trabalho. Normalmente, são entendidas assim, de acordo com os sintomas que apresentam. Nesse caso, a fragilidade política e militar dos francos em meio a disputa de sucessão e controle sob os territórios acomunados por Carlos Magno. Tal prática se distingue da pirataria ou incursão, pura e simplesmente, envolve negociação, permanências e rupturas.

A complexidade da presença escandinava no Império Carolíngio entre 830 e 861 desafia, de maneira profunda, as categorias interpretativas legadas pela historiografia clássica, muitas vezes presa ao binarismo entre civilização cristã e barbárie pagã. A leitura apurada dos Annales Bertiniani e de outras fontes coevas permite desconstruir a imagem cristalizada do ‘’*viking”* invasor, substituindo-a por uma compreensão mais ampla das culturas nórdicas enquanto atores de mobilidade, negociação, adaptação e agência no seio da política franca.

Embora seja tentador fazer afirmações, não se deve recrudescer as múltiplas agências de grupos e culturas nórdicas a posição historiográfica clássica de invasores e violentos. O mercenarismo, assim como, transversalmente, comércio, diplomacia, pirataria, como modalidade própria desse período, a pirataria e o comércio, todos esses elementos em conjunto, indicam a complexidade desses agentes e das relações travadas com os francos.

As ‘’culturas nórdicas’’*,* nomeadas assim, retiram a definição cultural e moderna que tenta defini-los unicamente como *vikings,* embora a palavra seja dotada de sentido histórico e filológico correto, nosso enquadramento objetivou retirar a questão da identidade e as definições de cultura da cola do objeto, permitindo entender a linguagem dos cronistas. Portanto, o termo buscou considerar as agências setentrionais e sua gama infindável e rica de levas migratórias em direção ao continente.

O século IX, mais que seu predecessor, foi responsável por uma pulverização sistemática das ações e participações das culturas nórdicas em regiões do continente entendido hoje como europeu. As descrições desses agentes, embora cristãs e preenchidas

pela falta de alteridade do período, entregam, sussurram e as vezes sibilam os interstícios do discurso franco-cristão, subjetivo.

Desde o período merovíngio, quando se transformou as condições e estruturas históricas da Gália romana estendendo-se até a Francia dos Carlos, essa região recebeu e se relacionou com grupos *ex limes* repetidamente. Internamente se construiu como. Dessa forma, torna-se sobressalente as formas e práticas, intercâmbios e dinâmicas, ações *danesas* – e, portanto, - como podem ser compreendidas. Política e militarmente essas bandas associativas, grupos distintos que operavam dentro e à margem do sistema hidrárquico, obtiveram sucesso. Pois, como pudemos observar, partir das mobilidades, às vezes econômica-geográfica, como é o caso, ou, às vezes política, o caso de Harald (826) é um exemplo.

É interessante observar a gradação da presença e permanência danesa no Império. Como em um jogo de escalas, os *grupos daneses* mostram a partir do fim do século VIII, um movimento nítido e manifesto de inserir-se. À luz dos *Annales Bertiniani* e com suporte das *capitulares*, bem como o arcabouço documental do período, essa evolução evidencia-se pela participação cada vez mais intensa de grupos nórdicos na esfera sociopolítica franca, seja por meio de alianças e negociações diplomáticas, seja pela atuação mercenária em guerras internas de menor ou maior proporção, como destacado.

De um lado, havia a perspectiva inclusive dos cronistas de um poder imperial em crise, marcado pelas disputas sucessórias e pela dificuldade em manter a unidade política sonhada por Carlos Magno; de outro, vislumbra-se o surgimento de arranjos institucionais maleáveis e altamente fragmentários, no sentido *strictu sensus* do ambiente político, onde a capacidade de cada governante de cooptar ou repelir "invasores" mostrava-se fundamental para sua legitimidade.

O exame das fontes demonstra que esses contatos não se resumiam ao saque ou à destruição. É verdade que as crônicas carolíngias pintam um quadro de violência — caracterizando os daneses como pagãos devastadores e cobrindo seus avanços com descrições de pilhagem, queima de igrejas e massacres. Entretanto, tais registros também revelam acordos, trocas de reféns, contratação de contingentes daneses para reforçar disputas internas e até concessões de benefícios territoriais. A lógica do '*'mercenariado*'' reforça a existência de uma zona de contato ativa, onde havia, além de tudo, intensa mobilidade marítima.

Por tudo isso, acreditamos em certa medida, que os *daneses* condicionaram os desdobramentos internos concernentes à política e economia dos francos durante o segundo terço do século IX. A partir de vários eventos sobre o panorama histórico e

conjuntural dos francos, sobretudo após a década de 840, vemos degringolar as relações fratricidas herdadas do período de Luis, sendo assim, os *daneses* configuram sob os relatos de Prudêncio em permanência no território franco.

A partir de 843 o que podemos observar é sem sombra de dúvidas uma efetiva presença dos grupos nórdicos nomeados. Desde aí, passando para a década de 850 e 860, e cada vez mais interiorizados, os *danes* promovem uma alteração no quadro das relações travadas até ali. A década de 850, por sua vez, mostra um crescimento sistemático das mobilidades e zonas de contato, alcançando a permanência cada vez mais interiorizada. De ações pontuais e costeiras, os grupos passam a estabelecer invernadas, a demandar terras, a negociar com nobres locais e até a influenciar decisões palacianas. O resultado é a emergência de uma "gradação de presenças", como bem apontado no trecho base deste desenvolvimento: do ataque ao estabelecimento, da devastação ao acordo, da ameaça à inserção.

Nesse ambiente, o conceito de "zona de contato" revela todo o seu potencial analítico. Tais zonas, longe de serem fronteiras fixas, são espaços móveis, voláteis e produtivos, nos quais as culturas se chocam, mas também se hibridizam, negociam e se transformam. Os francos aprendem a navegar politicamente em meio a esse novo cenário. Já os daneses, em vez de serem absorvidos passivamente, moldam ativamente a nova configuração sociopolítica do oeste europeu.

Em 861, ao fim do recorte temporal proposto, o que se observa é uma situação irreversivelmente alterada: os grupos nórdicos já não são mais percebidos apenas como alteridade bárbara e destrutiva. Eles já se tornaram parte do ecossistema político carolíngio. E mais: seu papel enquanto agentes políticos não apenas condiciona respostas francas, mas também provoca inflexões significativas nas formas de organização do poder, de produção econômica e de gestão territorial.

Por fim, observamos formar-se no bojo das ações francas que concerniam a política, condições históricas que, ao nosso ver, foram cruciais e determinantes no que viria a ser mais tarde a conexão entre franco-daneses, culminando em conjunturas como as experenciadas a partir do tratado de *Aix-La-Chapelle* e o reconhecimento formal destes em meio ao território franco. Nossa compreensão acerca das conjunturas que se relacionam dentro da diacronia histórica que envolveu ambos os grupos é de que: longe de ser um império em colapso, o que a análise desse recorte nos mostra é um império em reconfiguração, moldado e afetado pelas pressões intensas vindas dos grupos que estavam à sua margem, pelos pactos com os "outros", e pela maleabilidade das formas de poder. Os daneses, nesse processo, não são apenas uma nota de rodapé, mas sim protagonistas

ativos de uma reconfiguração que no caso deles, permaneceria até o século XI, dispondo de participação das políticas francas e anglo-saxã. Portanto, as ações e agências das culturas nórdicas eram híbridas, maleáveis. E isso, longe de desqualificar algum dos grupos analisados, inscreve-se definitivamente na longa duração da Antiguidade Tardia, como uma era de adaptação e não, de igual maneira ao Império Romano, de ruína e decadência.

DOCUMENTAÇÃO

ANNALES REGNI FRANCORUM. In: *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Germanicarum*. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1826. Disponível em: http://www.mgh.de/dmgh/resolving/MGH_SS_rer._Germ._6_S._

BORETIUS, Alfred; KRAUSE, Victor (Ed.). *Capitularia Regum Francorum. Tomus II*. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani,, Tomus I. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1883.

_____.Tomus II. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1897.

EINHARDUS. *Vita Karoli Magni*. Edição crítica de Oswald Holder-Egger. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1911. (Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi; 25). Disponívelem:http://www.dmgh.de/de/fs1/object/display/bsb00000728_meta:titlePage.html. Acesso em: 04.fev.2025.

EGINHARD. *Vie de Charlemagne*. Edição e tradução de Louis Halphen. Paris: Les Belles Lettres, 1947. (Collection des auteurs latins du Moyen Âge).

NITHARD. *Histoire des Fils de Louis le Pieux*. Tradução de Philippe Lauer. Paris: Les Belles Lettres, 1926.

NELSON, Janet L. (Ed.). *The Annals of St-Bertin*. Ninth-Century Histories, Volume I. Manchester: Manchester University Press, 1991

TACITUS, Publius Cornelius. *De origine et situ Germanorum*. In: ÖNNERFORS, Alf. (Ed.). *P. Cornelii Taciti libri qui supersunt, Tomus 2, Fasciculus 2: Germania*. Stuttgart: Teubner, 1983.

SAXO GRAMMATICUS. *Gesta Danorum*. Edição de Karsten Friis-Jensen; tradução de Peter Fisher. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BIBLIOGRAFIA

AIRLIE, Stuart. *Bonds of power and bonds of association in the court circle of Louis the Pious*. In: GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (org.). *Charlemagne's heir: New perspectives on the reign of Louis the Pious (814–840)*. Oxford: Clarendon Press, 1990. p. 191–204.

BALDUS, Christian. *Vestigia pacis: the Roman peace treaty – structure or event?* In: LESAFFER, Randall (org.). *Peace treaties and international law in European history: from the Late Middle Ages to World War One*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 103–146.

BACHRACH, Bernard S. *Merovingian mercenaries and paid soldiers in imperial perspectives*. In: FRANCE, John (org.). *Mercenaries and Paid Men: The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2008. p. 167–192.

BENARIO, Herbert W. *The Dediticii of the Constitutio Antoniniana*. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Baltimore, v. 85, p. 23–35, 1954.

BOOKER, Courtney M. *Past convictions: the penance of Louis the Pious and the decline of the Carolingians*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOYER, Régis. *Les Vikings et leur civilisation: problèmes actuels*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1976.

BRINK, Stefan; PRICE, Neil (Org.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008.

BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad*. Londres: Thames and Hudson, 1971.

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Tradução de Eduardo Nogueira. Revisão de Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BROWN, Peter. *Power and Persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian Empire*. Madison: University of Wisconsin Press, 1992.

BROWN, Peter et al. The world of Late Antiquity revisited. *Symbolae Osloenses*, Oslo, v. 72, p. 5–90, 1997.

BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (Ed.). *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1999. 780 p.

BÜHRER-THIERRY, Geneviève. *L'Europe carolingienne 714-888*. 4. éd. Paris: Armand Colin, 2019.

CALMETTE, Joseph. *La Diplomatie Carolingienne : Du Traité de Verdun à la Mort de Charles le Chauve (843-877)*. Paris : Éditions Félix Alcan, 1901.

CHADWICK, Henry. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford : Oxford University Press, 2018. p. 1196. Verbete: Pippin I.

COSTAMBEYS, Marios; INNES, Matthew; MACLEAN, Simon. *The Carolingian World*. Cambridge : Cambridge University Press, 2011.

COOIJMANS, Christian. *Monarchs and Hydrarchs: The Conceptual Development of Viking Activity across the Frankish Realm (c. 750–940)*. London : Routledge, 2020.

COUPLAND, Simon. *The Vikings in Francia and Anglo-Saxon England to 911*. In: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume 2, c.700–c.900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 190–201.

_____. *The Frankish Empire and the Payment of Tribute to the Vikings*, 800–911 (*Francia*, 2002).

_____. *Charles the Bald and the Defence of the West Frankish Kingdom Against the Viking Invasions, 840–877*. Tese de doutorado. Universidade de Cambridge, 1987.

COVALCHUK, Gabriel Irinei. *Proteção espiritual e territorial:* a manutenção do poder real de Luís, o Piedoso através do exemplo de Cláudio de Turim, bispo de fronteira (814–827). 2021.

CROSS, Catherine. *Enemy and Ancestor: Identities and Ethnic Boundaries in England and Normandy (950-1015)*. 2014. 258 f. Tese (Doutorado em História) – University College London, Londres, 2014. Disponível em: https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1417574/. Acesso em: 17.ago.2024.

DA SILVA, Marcelo Candido. Público e privado nos textos jurídicos francos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 29–48, 2010. p. 38.

DA SILVA, Marcelo Candido. Entre 'Antiguidade Tardia' e 'Alta Idade Média'. *Diálogos*, Maringá, v. 12, n. 2/3, p. 53–64, 2008. p. 61.

DE ARAÚJO, Vinicius Dreger. *Bruderkrieg: guerra civil e o início do fim da unidade do Império Carolíngio*. 2015. Acesso em: 13.mar.2024.

DE COULANGES, Fustel. *Histoire des Institutions Politiques de l'Ancienne France*. Paris: Hachette, 1891. p. 123.

DEPREUX, Philippe ; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (Eds.). *Les élites et leurs espaces: mobilité, rayonnement, domination (du VI^e^ au XI^e^ siècle)*. Turnhout: Brepols, 2007. (Haut Moyen Âge, vol. 5)

_____. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*. Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

_____. *Charlemagne et la dynastie carolingienne*. Paris: Tallandier, 2007.

_____. *Le rôle du comte du Palais à la lumière des sources relatives au règne de l'empereur Louis le Pieux (814-840)*. Frühmittelalterliche Studien, v. 34, p. 94-111, 2000.

DUNPHY, Graeme (Org.). *The Encyclopedia of the Medieval Chronicle*. Volume 1. Leiden: Brill, 2010.

ELSNER, Jaś. *The birth of Late Antiquity: Riegl and Strzygowski in 1901*. *Art History*, London, n. 25, p. 358–379, 2002.

FAŁKOWSKI, Wojciech; SASSIER, Yves (Eds.). *Le Monde Carolingien: Bilan, Perspectives, Champs de Recherches*. Actes du colloque international de Poitiers, Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale, 18-20 novembre 2004. Turnhout: Brepols Publishers, 2009. (Culture et Société Médiévales, vol. 18)

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 2021.

FRANCE, John (Ed.). *Mercenaries and Paid Men: The Mercenary Identity in the Middle Ages*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *O feudalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREZ, Amancio Isla. *La Europa de los carolingios*. Madrid: Ediciones Síntesis, 2000.

FRIGHETTO, Renan. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (século II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2000. p.

_____. *Política e poder na Antiguidade Tardia*: uma abordagem possível. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279485269. Acesso em; 09.set.2023.

_____. *Exílio e exclusão política no mundo antigo: de Roma ao reino godo de Tolosa (séculos II a.C.–VI d.C.)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

FOURACRE, Paul. *Frankish Gaul to 814*. In: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume 2, c.700–c.900*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GANSHOF, François-Louis. *Que é o feudalismo?* Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____**.** *Recherches sur les capitulaires*. Paris: Sirey, 1958.

GAUTIER, Alban; ROSSIGNOL, Sébastien (Éd.). *De la mer du Nord à la mer Baltique: Identités, contacts et communications au Moyen Âge*. Lille: Publications de l'Institut de recherches historiques du Septentrion, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.4000/books.irhis.2803. Acesso em: 26.nov.2023.

GEFFROY, Auguste. *Histoire des États Scandinaves (Suède, Norvège, Danemark)*. Paris: Hachette, 1851. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65663z. Acesso em: 02.ago.2024.

_____. GIARDINA, Andrea. Esplosione di tardoantico. *Studi Storici*, v. 40, p. 157–180, 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/20045575/Esplosione_di_tardoantico. Acesso em: 04.08.2024.

GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: Modern Library, 2003.

GIGON, Olof. *Die antike Kultur und das Christentum*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967.

GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (Ed.). *Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840)*. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1990.

GRAHAM-CAMPBELL, James (Ed.). *Cultural Atlas of the Viking World*. New York: Facts on File, 1994.

GRAHAM-CAMPBELL, James; KIDD, Dafydd. *The Vikings*. London: British Museum Publications Ltd., 1980.

HAYWOOD, John. *The Penguin Historical Atlas of the Vikings*. London: Penguin Books, 1995.

HEIDE, Eldar. Víking – 'rower shifting'? An etymological contribution. *Arkiv för nordisk filologi*, Lund, v. 120, p. 129–161, 2005.

HEIDE, Eldar. Rus 'eastern Viking' and the víking 'rower shifting' etymology. *Arkiv för nordisk filologi*, Lund, v. 121, p. 195–208, 2006.

HEATHER, Peter. *The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*. London: Macmillan, 2005.

HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. 2. ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018.

ISLA FREZ, Amancio. *La Europa de los carolingios*. Madrid: Editorial Síntesis, 1992.

JAUBERT, Anne Nisen. Un ou plusieurs royaumes danois? In: DEPREUX, Philippe; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (dir.). *Les élites et leurs espaces*. Turnhout: Brepols, 2007.

JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire 284–602: A Social, Economic and Administrative Survey*. 3 vols. Oxford: Basil Blackwell, 1964.

LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LE JAN, Régine. *Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle): essai d'anthropologie sociale*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1995.

LEWIS, Stephen M. *Vikings in Aquitaine and their connections, ninth to early eleventh centuries*. 2021. Tese (Doutorado em História) – Université de Caen Normandie.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *The Decline and Fall of the Roman City*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LOT, Ferdinand. *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 2008.

LUND, Niels. *Scandinavia, c. 700–1066*. In: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. A Antiguidade Tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre o "fim do mundo antigo". *Revista de História* (São Paulo), n. 173, p. 81–114, jul./dez. 2015. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/103380. Acesso em: 13.jun.2023.

MARCONE, Arnaldo. A long Late Antiquity? Considerations on a controversial periodization. *Journal of Late Antiquity*, v. 1, n. 1, p. 4–19, 2008. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/241258. Acesso em: 20.mai.2024.

MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: E. de Boccard, 1949.

MELLO, José Roberto. *O Império de Carlos Magno*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Décadence romaine ou Antiquité tardive? IIIe au Vie siècle*. Paris: Le Seuil, 2014.

MAZZARINO, Santo. *Stilicone: La crisi imperiale dopo Teodosio*. Milão: Rizzoli, 1942.

_____. *Aspetti sociali del IV secolo: Ricerche di storia tardo-romana*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1951.

_____. *O Fim do Mundo Antigo*. Tradução de J. A. de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MEEKS, Wayne A. *The First Urban Christians*: The Social World of the Apostle Paul. New Haven; London: Yale University Press, 1983.

MCKITTERICK, Rosamond (Ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume II, c. 700–c. 900*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GIBBON, Edward. History of the Decline and Fall of the Roman Empire. Vol. III. New York: Modern Library, 1995 (1776-1788).

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O feudalismo: dinâmica e diversidade.* Rio de Janeiro: Graal, 1987.

MEYER, Hans Eugen. *Die Pfalzgrafen der Merowinger und Karolinger*. Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte: Germanistische Abteilung, v. 42, p. 380-463, 1921. Disponível em: https://archive.org/download/crossref-pre-1923-scholarly-works/10.7767%252Fzrgga.1913.34.1.661.zip/10.7767%252Fzrgga.1921.42.1.380.pdf. Acesso em: 02.fev.2024.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Christianity and the Decline of the Roman Empire. In: _____. (Ed.). *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*. Oxford: Clarendon Press, 1963. p. 79–99.

_____. El cristianismo y la decadencia del Imperio romano. In: *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madri: Alianza Editorial, 1989. p. 15.

NELSON, Janet L. *The Frankish World, 750-900*. London : Hambledon Press, 1996.

_____. *The Frankish Empire*. In : SAWYER, Peter (org.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford : Oxford University Press, 1997.

_____. *Rulers and Ruling Families in Early Medieval Europe : Alfred, Charles the Bald and Others*. Aldershot: Ashgate, 1999.

_____. Charles le Chauve. Paris : Aubier, 1994.

NICHOLSON, Oliver (Ed.). *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

NISSEN-JAUBERT, Anne. Un ou plusieurs royaumes danois? In: DEPREUX, Philippe; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (Org.). *Les élites et leurs espaces: mobilité, rayonnement, domination (du VI^e^ au XI^e^ siècle)*. Turnhout: Brepols, 2007. p. 135-154.

NOBLE, Thomas F. X. Louis the Pious and the Frontiers of the Frankish Realm. In: GODMAN, Peter; COLLINS, Roger (Org.). *Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814–840)*. Oxford: Clarendon Press, 1990. p. 333-347.

OLSEN, Olaf. *Royal Power in Viking Age Denmark*. In: *Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.)*. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989.

PIGANIOL, André. *L'Antiquité tardive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o império do Islã sobre a civilização europeia*. São Paulo: Contraponto/PUC-Rio, 2010.

PRATT, Mary Louise. Arts of the contact zone. *Profession*, New York, Modern Language Association, 1991, p. 33-40.

PRICE, Niel. *A história definitiva dos povos do norte*. São Paulo: Crítica, 2021.

POUPARDIN, René. *Les grandes familles comtales à l'époque carolingienne*. *Revue Historique*, v. 72, Paris, 1900.

RAFFIELD, Ben; GREENLOW, Claire; PRICE, Neil; COLLAR, Mark. Ingroup identification, identity fusion and the formation of Viking war bands. *Early Medieval Europe*, v. 28, n. 1, p. 89–113, 2020.

RANDSBORG, Klavs. *The First Millennium A.D. in Europe and the Mediterranean: An Archaeological Essay*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

_____. *Barbarians, Classical Antiquity and the Rise of Western Europe: An archaeological essay*. *Past & Present*, n. 137, p. 8–24, nov. 1992. Disponível em: https://doi.org/10.1093/past/137.1.8 . Acesso em: 31 mar. 2024.

RENAUD, Jean. *Les Vikings: vérités et légendes*. Paris: Perrin, 2019.

RICHÉ, Pierre. *As Invasões Bárbaras*. Tradução de Maria Wellenstein. Lisboa: Publicações Europa-América, 1952.

_____. *Les Carolingiens : une famille qui fit l'Europe*. Paris : Hachette, 1983.

RIEGL, Alois. *Spätrömische Kunstindustrie. iena: Österreichische Staatsdruckerei, 1901.*

ROESDAHL, Else.The Vikings. London : Penguin Books, 1998.

_____**.** *Viking Age Denmark. London: British Museum Publications, 1982. 272 p. (A Colonnade book). ISBN 978-0714180274.*

SAWYER, Peter (Ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SILVA, Isabela Alves. *Poder e violência política no reinado de Carlos, o Calvo*. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SILVA, Fábio Baldez. *A guerra na era viking: a cultura guerreira como elemento construtivo do poder e carisma do rei escandinavo (séculos X e XI)*. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. Disponível em: https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13852. Acesso em: 08.nov.2023.

SILVEIRA, Veronica Costa. História e historiografia na Antiguidade Tardia à luz de Gregório de Tours e Isidoro de Sevilha. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 27, n. 53, p. 11–34, 2007.

LEWIS, Stephen M. *Vikings in Aquitaine and their connections, ninth to early eleventh centuries*. 2021. Tese (Doutorado em História) – Université de Caen Normandie (Normandie Université), Caen, 2021.

STONE, Rachel; WEST, Charles (Ed.). *Hincmar of Rheims: Life and Work*. Manchester: Manchester University Press, 2015.

VERHULST, Adriaan. *The Carolingian Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VON HERDER, Johann Gottfried. *Selected Early Works, 1764–1767: Addresses, Essays, and Drafts; Fragments on Recent German Literature*. Editado por Ernest A. Menze e Karl Menges; traduzido por Ernest A. Menze com Michael Palma. University Park: Pennsylvania State University Press, 1992.

WARD-PERKINS, Bryan. *From Classical Antiquity to the Middle Ages: Urban Public Building in Northern and Central Italy, AD 300-850*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

WARD-PERKINS, Bryan. *The Fall of Rome and the End of Civilization*. New York: Oxford University Press, 2005.